

MESTRADO INTEGRADO  
ARQUITETURA

# Escola Central Roberto Duarte Silva: Uma fausta obra colonial, educacional e sentimental.

Juary Gil Figueira Spencer Andrade

M  
2023

Juary Gil Figueira Spencer Andrade. Escola Central Roberto Duarte Silva: Uma fausta obra colonial, educacional e sentimental.



Escola Central Roberto Duarte Silva: Uma fausta obra colonial, educacional e sentimental.

Juary Gil Figueira Spencer Andrade





# **ESCOLA CENTRAL ROBERTO DUARTE SILVA**

Uma fausta obra colonial, educacional e sentimental



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto sob a orientação do Professor Doutor André Miguel Guimarães dos Santos.

Juary Gil Figueira Spencer Andrade

Porto, 2023



# SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	5
<i>Resumo</i>	6
<i>Abstract</i>	6
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<i>Objeto</i>	8
<i>Objetivo</i>	8
<i>Metodologia</i>	9
<i>Estrutura</i>	9
<b>1. CONTEXTO</b>	<b>10</b>
1.1. Enquadramento Histórico e Geográfico de Cabo Verde	11
1.2. Ilha de Santo Antão e Cidade de Ribeira Grande	14
<b>2. ESCOLA CENTRAL ROBERTO DUARTE SILVA</b>	<b>17</b>
2.1. Narrativa Histórica da Escola Central Roberto Duarte Silva	18
2.2. Valorização do Edifício no Desenvolvimento Urbanístico de Ribeira Grande	22
2.3. Requalificar Para Sobreviver	34
2.3.1. <i>A Perspetiva Intrínseca de Reabilitar</i>	34
2.3.2. <i>A Necessidade de Reabilitar</i>	41
2.4. A Evolução Arquitetónica do Equipamento Escolar	47
2.4.1. <i>Propostas de Intervenção</i>	47
2.4.2. <i>Enquadramento Espacial (lugar)</i>	50
2.4.3. <i>Composição</i>	55
2.4.4. <i>Funcionalidade</i>	60
2.4.5. <i>Materialidade e Sistema Construtivo</i>	68

<b>3. COMPARAÇÃO COM ESCOLAS PRIMÁRIAS EM SANTO ANTÃO, CONCELHO DE RIBEIRA GRANDE</b>	<b>71</b>
3.1. Escola Primária de Ponta do Sol	76
3.2. Escola Primária de Corda	80
3.3. Escola Primária de Tanque	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>91</b>
<b>CRÉDITO DE IMAGENS</b>	<b>95</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>99</b>

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Hermenegildo Spencer e Maria Da Conceição Spencer, pelo dom da vida, pela educação, pela aposta em mim e pelo amor incondicional.

Agradeço às minhas irmãs, Adírcia Spencer e Edilene Spencer pela forma fraterna de me querer bem, pela generosidade e motivação.

Agradeço em especial, ao meu orientador, Professor André Santos, pelo apoio, orientação e paciência ao longo de todo o processo de desenvolvimento desta dissertação. Sua expertise e espírito crítico foram fundamentais para a conclusão dos objectivos.

Agradeço com admiração, aos meus: Gisela Ramos, José Fortes, Matheus Aliseda, Rodrigo Fortes e Thaís Andrade. Antes de mais, pela amizade, e de seguida, pela forma particular de participar (cada um a sua maneira) na conceptualização, na exposição de sugestões, na troca de experiências e na pesquisa de campo.

Aos familiares e amigos que estiveram ao meu lado durante todo esse processo, sou imensamente grato pelo incentivo, apoio moral e compreensão.

Agradeço também às instituições e pessoas que disponibilizaram materiais, dados e informações necessárias. Seus recursos foram essenciais para a fundamentação teórica e análise.

## RESUMO

A *Escola Central* foi construída em plena era colonial, a partir dos finais do século XVIII, auferindo uma virtude arquitetónica, histórica, afetiva e educativa. Com diversas funcionalidades ao longo da sua existência, representou por muitos anos, o único espaço académico da Ribeira Grande. Do ponto de vista da cidade, incorpora um sistema de contraste tripartido, cuja localização permitiu expansão, tanto pelo prolongamento da rua principal do Terreiro, como pela criação de mais áreas habitacionais.

O edifício passou por duas principais ações de reabilitação entre 1986 e 1998, procedendo-se a reconfiguração do espaço funcional, a substituição de todos os elementos construtivos antigos e ao aumento do espaço em função do incremento do número de alunos. Houve sempre um cuidado com a conservação do traço arquitetónico. Desde então, o mesmo sofreu intervenções superficiais como pinturas e outras obras viradas à inclusão.

Sujeita à uma evolução dimensional, acabou por despertar novas perspetivas em relação aos espaços internos e externos, com devido respeito dos outros blocos em relação ao bloco principal. Apresenta elementos decorativos e de composição simplistas, desinvestida de ornamentação extravagante.

Com o advento de novas infraestruturas, deu-se a quebra do monopólio educativo, embora continue a ter um papel central em termos arquitetónicos e académicos.

## ABSTRACT

The *Central School* was built during the colonial era, starting in the late 18th century, possessing architectural, historical, emotional, and educational virtues. Serving various functions throughout its existence, it represented for many years the only academic space in Ribeira Grande. From the city's perspective, it incorporates a tripartite contrast system, whose location allowed for expansion, both through the extension of the main Terreiro street and the creation of more residential areas.

The building underwent two main rehabilitation actions between 1986 and 1998, reconfiguring the functional space, replacing all old construction elements, and increasing the space to accommodate more students. There has always been care taken in preserving the architectural style. Since then, there have been superficial interventions such as paintings and other works focused on inclusion.

Subject to dimensional evolution, it eventually sparked new perspectives regarding internal and external spaces, with due respect for the other blocks in relation to the main block. It presents simple decorative and compositional elements, devoid of extravagant ornamentation.

With the advent of new infrastructure, the educational monopoly was broken, although it continues to play a central role in terms of architecture and academia.

## **INTRODUÇÃO**

## OBJETO

A arquitetura aplicada aos edifícios públicos, nomeadamente na edificação de escolas, tem o condão virtuoso de contribuir para o desenvolvimento territorial e social das comunidades. Em Cabo Verde, ao longo da linha do tempo, a arquitetura inevitavelmente sofreu influências externas, à semelhança de áreas como a política, a cultura e o tecido social. O conceito de tempo aplica-se principalmente ao ângulo histórico que incide sobre uma ex-colónia portuguesa impactada a vários níveis pelos períodos colonial e pós-colonial.

A evolução urbana obedece às virtudes desse impacto. Comemorando a educação como condição fundamental para o desenvolvimento deste país insular, nada mais pertinente do que reconhecer o mérito da arquitetura no estabelecimento da mesma. Portanto, é justo prestigiar e desenvolver uma investigação direcionada às redes escolares historicamente representativas em Cabo Verde.

O objeto de estudo principal desta dissertação incide sobre a origem da *Escola Central Roberto Duarte Silva*, um dos principais edifícios que conduziram a evolução urbanística da cidade. Um edifício que teve como base científica a história espacial, manipulando e modelando o crescimento da cidade de Ribeira Grande na Ilha de Santo Antão.

## OBJETIVO

Atendendo às épocas com que o edifício se relaciona, investigam as diferentes fases da sua evolução, em particular, a relação com o contexto urbano em que ela se insere. Realiza-se uma análise global orientada pelo conteúdo histórico, abordando diferentes escalas, com o intuito de clarificar desde o enquadramento territorial até a singularidade dos materiais e sistemas construtivos. Dada a sua natureza, também é abordado o tema reabilitação, onde é apresentada uma ideologia sobre a importância e a necessidade de reabilitar.

Por ser um edifício colonial que passou por diversas funcionalidades antes de se tornar numa escola, faz-se um estudo para compreender melhor essas alterações espaciais adequadas as outras funções. Como sustentabilidade, serão avaliadas possíveis relações com outros casos da mesma ou diferentes tipologias, pertencentes ao mesmo universo.

## **METODOLOGIA**

Nas várias componentes da dissertação, inicia-se com o enquadramento histórico e geográfico do objeto de estudo e sua envolvente. Para realizar uma dissertação com essa natureza é indispensável uma análise histórica do objeto. Abordar sobre a história da ilha de Santo Antão nomeadamente a cidade de Ribeira Grande, é definir um guia para a compreensão do desenvolvimento urbanístico da cidade, e conseqüentemente a influência que o edifício em estudo traz para o território.

Como não podia deixar de ser, o ângulo referente a arquitetura adquirido ao longo da minha formação base e ao longo do processo de pesquisa, será adotado em cooperação com os movimentos sociais e históricos. Para compor o repertório deste trabalho, utilizou-se métodos como: entrevistas; recolha de dados, fotografias e desenhos técnicos na *Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santo Antão*; pesquisa bibliográfica e visita presencial ao edifício.

## **ESTRUTURA**

O trabalho conta com um desenvolvimento dividido em três partes. A primeira parte debruça sobre o contexto história e o geográfico de Cabo Verde, da ilha de Santo Antão e a cidade de Ribeira Grande, local onde se encontra o edifício em estudo. De seguida, o foco principal do trabalho, passa por fazer uma abordagem do objeto de estudo. Nesse capítulo estuda-se o edifício e a sua importância no contexto sociocultural durante os períodos de transformações, consoante as necessidades exigidas em cada época diferente. Para dar sustentabilidade e maior clareza, analisam-se desenhos, imagens, plantas de todas as escalas possíveis. Posteriormente, a terceira parte, o capítulo que dará continuidade ao capítulo dois do trabalho. Usam-se diferentes casos de estudo com a finalidade de comparar com o objeto de estudo principal.

## **1. CONTEXTO**

## 1.1. Enquadramento Histórico e Geográfico de Cabo Verde



Fig. 1: Localização do arquipélago de Cabo Verde

*A esperança é do tamanho do mar, que nos abraça. Sentinela de mares e ventos.*<sup>1</sup>. Assim versa o hino nacional de Cabo Verde, como forma de dar a conhecer a sua vocação enquanto país pequeno e insular, situado no Oceano Atlântico Norte a cerca de 500 km da costa ocidental africana. Esse trecho do hino é a antessala de uma descrição heterogénea dada a sua natureza arquipelágica: dez ilhas e diversos ilhéus, um dos menores Estados do globo terrestre. As ilhas encontram-se distribuídas por dois grupos, caracterizados em função dos ventos alísios do Nordeste: A norte o grupo do Barlavento, composto pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (não habitada), São Nicolau, Sal e Boa Vista; e a sul o grupo do Sotavento, formado pelas ilhas do Maio, Santiago (onde está localizada a capital do país, a cidade da Praia), Fogo, e Brava.

A sua posição geográfica define-se como estratégica, facto que possivelmente ensejou o seu povoamento, não obstante fazer parte da extremidade ocidental da faixa da *Região Sahel*. Essa adversativa deve-se às condicionantes impostas por um clima árido, que desse modo, possibilita longos períodos de seca. Reconhece-se que a frente intertropical, quente e húmida, é responsável pelas chuvas do verão, tão aclamadas pelo povo cabo-verdiano. Ao longo dos séculos registaram-se inúmeras ocorrências de seca deixando a assinatura da fome, miséria e óbitos.

As ilhas foram descobertas entre os anos de 1460 e 1462 pelos navegadores portugueses António da Noli e Diogo Afonso<sup>2</sup>. Pelo posicionamento estratégico de Cabo Verde, acabou por se tornar ponto de apoio às navegações transatlânticas e como placa giratória no comércio de escravos, negócios e até como centro de evangelização levado a cabo por missionários cristãos.

Vestígios indicam que a primeira ilha a ser descoberta foi a ilha de Santiago<sup>3</sup>. Viram flexibilidade de se fixarem na ilha de Santiago, por razões climáticas, sanitárias e de segurança. A ocupação das restantes só começou a ser possível devido à criação de gado caprino. O povoamento iniciou-se com a chegada dos portugueses vindos do Algarve, Madeira, e mais tarde a população do

---

<sup>1</sup> Excerto do Hino da Cabo Verde, [https://www.youtube.com/watch?v=vpwSpGovq4E&ab\\_channel=golaudio](https://www.youtube.com/watch?v=vpwSpGovq4E&ab_channel=golaudio)

CF MADEIRA DOS SANTOS, Maria Emília (Coordenação). (1995), História Geral de Cabo Verde, Vol. II.

<sup>2</sup> FERREIRA, Lúcia - Cabo Verde. (p. 15).

<sup>3</sup> *Idem*.

Norte de Portugal e um número significativo de estrangeiros (Espanhóis, Ingleses e Italianos). Em seguida chegaram os escravos vindos da Guiné, do Senegal, os Bantos, os Sudaneses entre outros. Estas diversas províncias proporcionaram um cruzamento de diferentes heranças genéticas, culturais, étnicas, religiosas e gastronómicas.

A permanência da nação portuguesa no território cabo-verdiano durou cerca de 500 anos. Cabo Verde apenas conquistou a independência em 1975, na sequência da luta erguida por Amílcar Cabral e seus combatentes, juntamente com Guiné-Bissau.

Devido a insularidade, o país possui fracos recursos naturais e, a falta de pluviosidade regular dificulta as atividades agropecuárias. Em consequência, há um fortalecimento da sua vulnerabilidade em termos socioeconómicos e de uma dependência marcada de ajudas externas. Neste contexto, a aposta na educação, saúde e turismo têm permitido subsistência, formação de gerações e quadros capacitados.

#### Grupo do Barlavento

---



#### Grupo do Sotavento

---

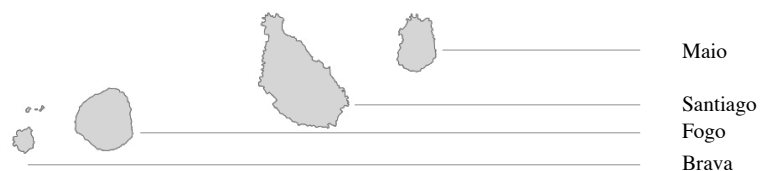


Fig. 2: Arquipélago de Cabo Verde

## 1.2. Ilha de Santo Antão e Cidade de Ribeira Grande

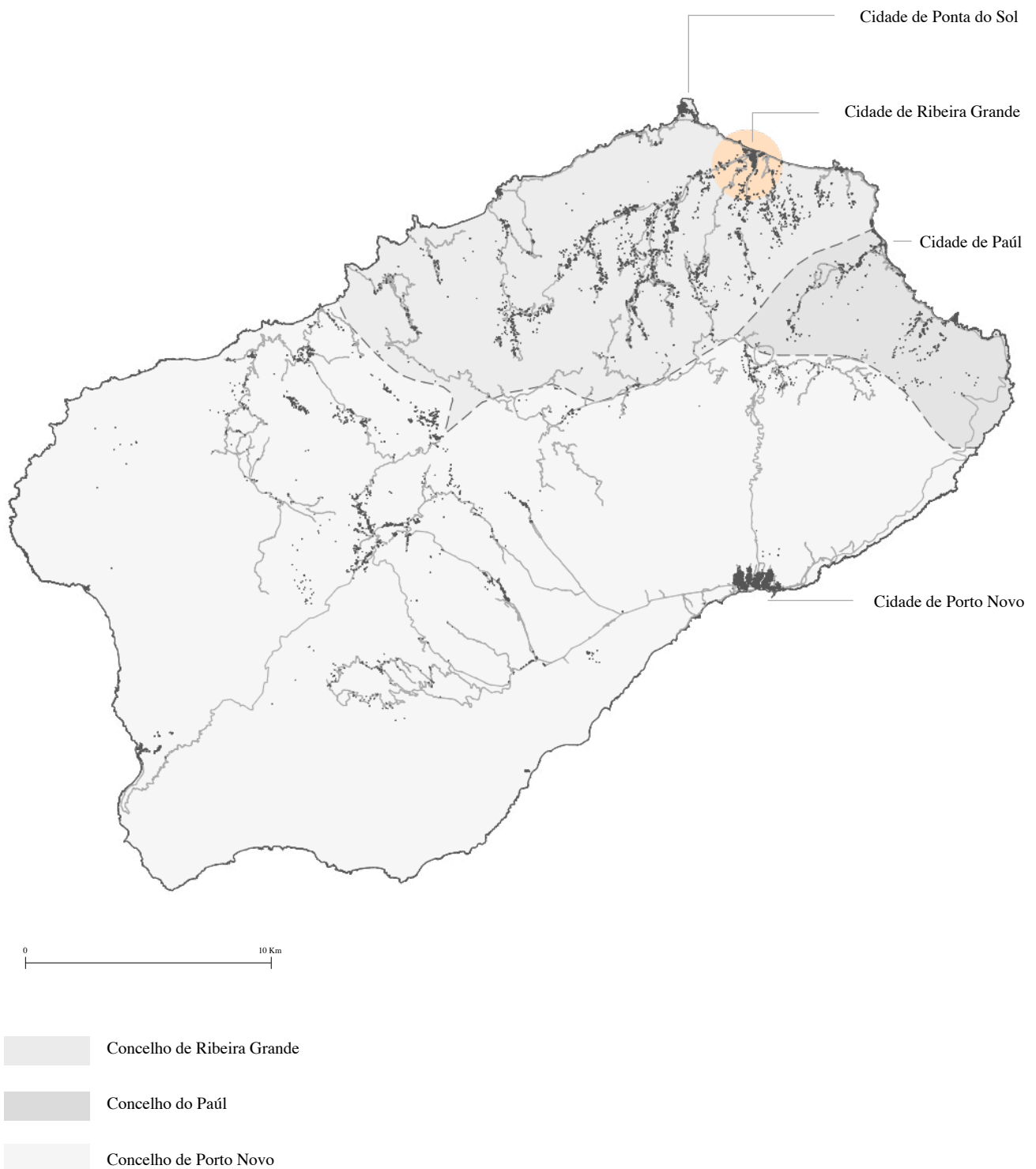


Fig. 3: Ilha de Santo Antão - Localização do centro da cidade de Ribeira Grande e os respetivos Concelhos (Ribeira Grande, Paúl e Porto Novo).

A ilha de Santo Antão é a segunda maior ilha do arquipélago, com uma superfície de 779 quilómetros quadrados. É a ilha mais montanhosa e com maior pluviosidade, contando com uma topografia muito acidentada. Em razão disso, vivenciamos paisagens antagónicas. Pela sua formação geomorfológica atual, acredita-se que ocorreram mais atividades vulcânicas do que nas restantes ilhas.

Abarca crateras extintas de características diferentes, gerando bacias de receção no qual emergem os diferentes vales. Valeiros proveitosos, férteis, com uma vasta área de regadio e vigorosamente produtivos nas épocas de chuvas abundantes, a principal razão pela qual a maior parte da população Santantonense permanece nos arredores dessas depressões. Os mais importantes vales de regadio da ilha são o de Paúl, Ribeira Grande (com várias outras ramificações), Garça, Ribeira da Torre, o vale de Montrigo, Ribeira da Cruz, Ribeira das Patas e Lajedos.

De acordo com António Maurício a ilha de Santo Antão foi descoberta a 17 de janeiro de 1462. Relativamente ao seu povoamento, alguns historiadores (Ribeiro, 1955; Barcelos, 2003; Marques, 1997; Brásio, 1958) definem ter sido entre finais do século XVI e início do século XVII. Assim como todas as outras ilhas, Santo Antão iniciou o seu povoamento essencialmente com europeus e africanos. A seguir, a ilha foi aproveitada para a criação de gado e agricultura.<sup>4</sup>

A cidade de Ribeira Grande, também o centro mais antigo da ilha, localiza-se no Nordeste de Santo Antão. É construída na encruzilhada de duas ribeiras, Ribeira da Torre e Ribeira Grande. Ladeado de altas montanhas, no qual beneficia apenas de ventos provenientes do Nordeste.



Fig. 4: Ilha de Santo Antão - Ribeira Grande, o núcleo central entre as ribeiras da Torre e Grande, 1778.

---

<sup>4</sup> MAURÍCIO, António - Vila da Ribeira Grande de Santo Antão (1732-1975): Percurso Histórico e Dinâmica Administrativa. (p. 15).

A cidade é composta por três bairros diversos: Tarrafal, (Leste de Ribeira da Torre), Central, que fica entre as duas ribeiras e Penha de França (Oeste da Ribeira Grande).

“A existência de muitas e boas águas, foi no início (e continua a ser) o principal fator de agregação da população da ilha.”<sup>5</sup>. A história da humanidade ocorre mediante as escolhas de espaços geográficos que permitam a prática de agricultura e criação de gado. O plano urbano que originou a cidade de Ribeira Grande, foi oportunamente conduzido pela localização geográfica privilegiada, entre os dois vales.

Consequentemente a economia foi sendo desenvolvida, devido ao facto de estar situada próxima ao porto presente na cidade de Ponta do Sol, hoje dedicado à pesca, e um ponto turístico da cidade.

O charme rústico da ilha de Santo Antão permite ter um cosmos bastante orgânico e apelativo. Percorrer a estrada velha entre Porto Novo e Ribeira Grande, visitar fábricas de produção de aguardente, fazer a rota da arte de rua na Ribeira Grande, percorrer os magníficos trilhos da ilha, desfrutar da hospitalidade dos locais, são peculiaridades necessárias. A arquitetura em diálogo com a envolvente, a cultura, os valores e as características sociais, encontra um prato cheio nos diversos cantos dessa ilha.

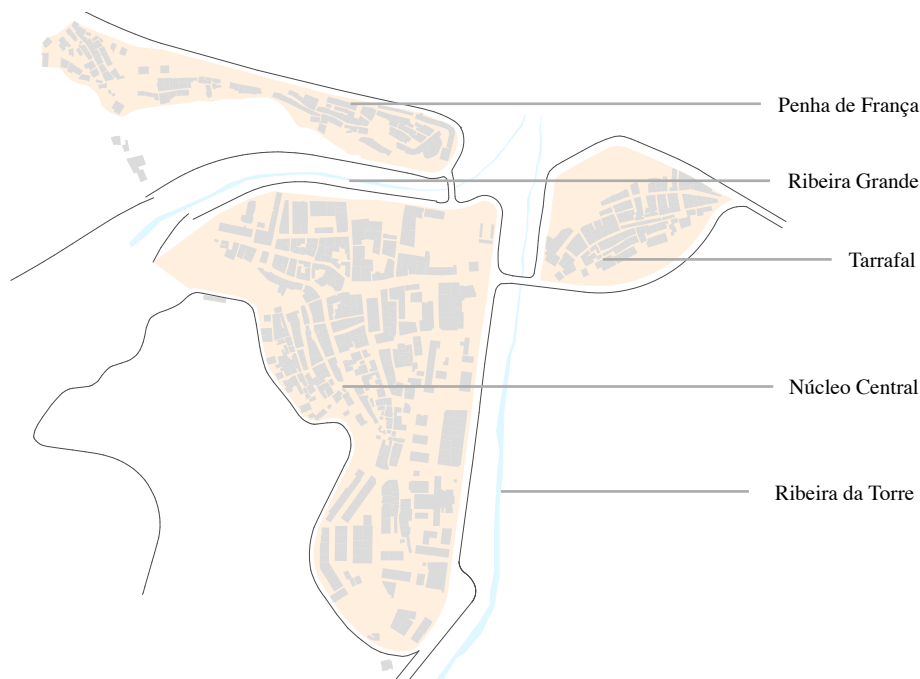


Fig. 5: Ilha de Santo Antão - Ribeira Grande. As ribeiras, o núcleo central e os respetivos bairros.

<sup>5</sup> MAURÍCIO, António - Vila da Ribeira Grande de Santo Antão (1732-1975): Percurso Histórico e Dinâmica Administrativa. (p. 15).

**2. ESCOLA CENTRAL  
ROBERTO DUARTE  
SILVA**

## 2.1. Narrativa Histórica da Escola Central Roberto Duarte Silva

O edifício da *Escola Central Roberto Duarte Silva* foi construído em plena era colonial, a partir dos finais do século XIX. Projetado por *Augusto Pinto de Miranda Montenegro*, que na época, era o major engenheiro das obras públicas de Cabo Verde<sup>6</sup>. Portanto, iniciou-se a construção da *Escola Central Roberto Duarte Silva* (conhecida como Quartel), no ano de 1870 e terá sido finalizada no ano de 1880<sup>7</sup>.

Edifício com uma virtude arquitectónica, uma obra emblemática, pela sua história, e pelo seu valor afetivo reconhecido por cada filho de Ribeira Grande, a “... *Escola Central constitui um bom exemplar da arquitetura colonial. De inspiração renascentista, ele transmite no vigor das suas linhas uma grande sensação de poder.*”<sup>8</sup>. O seu contributo para a formação do capital humano, como é óbvio, vai além de Ribeira Grande. Trata-se de um edifício conceituado, incorporando lembranças do passado e com reverberações no presente.

No geral, a cidade de Ribeira Grande ostenta um aglomerado de edifícios coloniais que presenciaram a sua evolução arquitectónica, social, política e cultural. As duas construções mais marcantes e com maior relevância na evolução da cidade, foram a *Igreja Matriz*, da *Nossa Senhora do Rosário* e o edifício da *Escola Central Roberto Duarte Silva*. “*O património edificado, naturalmente aquele que mais sensível se torna todos nós, porquanto ele pontua, na Vila da Ribeira Grande, assim como em todo o território nacional, monumentos que foram, no andar dos séculos, marcos importantes da nossa história e que hoje, nos permitem refazê-la, através da sua presença.*”<sup>9</sup>

A escola tem passado por diversas funcionalidades ao longo da sua existência, em confirmação da premissa de que um espaço arquitectónico pode e deve ser versátil. O edifício, que hoje se chama *Escola Central*, teve como primeira

---

<sup>6</sup> PIRES, Fernando - Há Vila além da costa, Urbanidades em Cabo Verde no século XIX: Arquitetura e Urbanismo. (p. 193).

<sup>7</sup> LIMA, Antonina - A Escola Central Roberto Duarte Silva no Trama de Educação na Ribeira Grande, Santo Antão, Durante a Era Colonial (1731-1975): História e Geografia. (p. 54).

<sup>8</sup> DELGADO, António - Ponto & Virgula, revista de intercâmbio cultural (1983-1987): Defesa do Património-Urbânico com base de desenvolvimento dos pequenos aglomerados urbanos. (p. 44).

<sup>9</sup> LIMA, Antonina - A Escola Central Roberto Duarte Silva no Trama de Educação na Ribeira Grande, Santo Antão, Durante a Era Colonial (1731-1975): História e Geografia. (p. 65).

função servir de quartel militar. Posteriormente, foi transformado numa escola e algumas repartições públicas.

Abarcou também outras atividades como: Câmara, Estação Telegráfico-Postal, Posto Sanitário, Alfândega, Cadeia Civil, Correios, Ginásio, Museu, Biblioteca Escolar do Rosariense, Cinema, Sala de Música, etc. As demandas tidas, ao longo da linha do tempo da sua existência, definiram a natureza da sua função e utilização. Os vários contextos sociais e políticos eram os principais geradores de novas demandas. Talvez, a sua principal utilização tenha sido como sede da Câmara Municipal e do Tribunal, denominada na época de Palácio do Governo ou Paços do Concelho<sup>10</sup>.

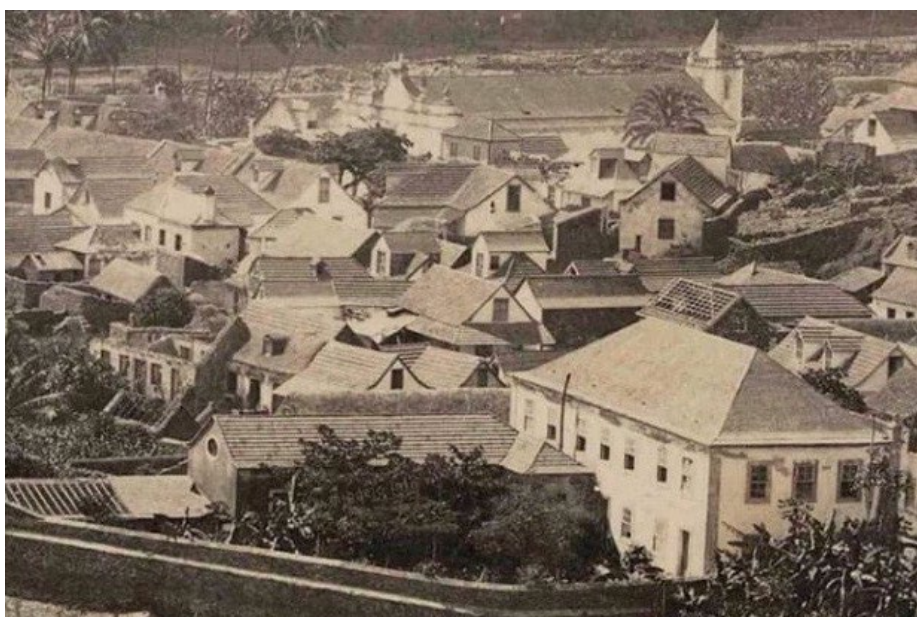


Fig. 6: A uniformidade dos edifícios que compõe o espaço urbano de Ribeira Grande. Em destaque a Escola Central Roberto Duarte Silva e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário.



Fig. 7: Escola Central - Estado degradado que se encontrava a escola antes das intervenções.

---

<sup>10</sup> FERRÃO, Carlos - Estudos Sobre a Ilha de Santo Antão (1898). (p. 48).

No ano de 1887, fez-se a transferência das repartições públicas para a cidade vizinha, Ponta do Sol<sup>11</sup>. O edifício passou a servir-se de novas infraestruturas, o que naturalmente reduziu as valências a que propunha abarcar: edifício escolar e de outras atividades socioculturais.

A população de Ribeira Grande, pedia por uma requalificação do edifício. No ano de 1892, o edifício do Paços do Concelho já implorava por uma restauração, para evitar a ruína. Numa observação feita por Carlos Ferrão, refere o seguinte: *“Todo o edifício, porém, está bastante deteriorado por falta absoluta de concertos, e certamente o espera a triste sorte que teve a cadeia de vila...”*<sup>12</sup>. Apesar de se mostrar inquieto com a situação física do edifício, lançando um repto ao governo para o renovar, não lhe foi dado a devida atenção: *“Chamei a atenção do governo (...) e é pena realmente que se deixem perder uns poucos de contos de réis, que aquele edifício custou ao Estado. (...) Vi, porém, depois, na mesma distribuição, um formal desmentido às minhas ilusões, e... cá está o edifício cada vez mais arruinado!”*<sup>13</sup>.

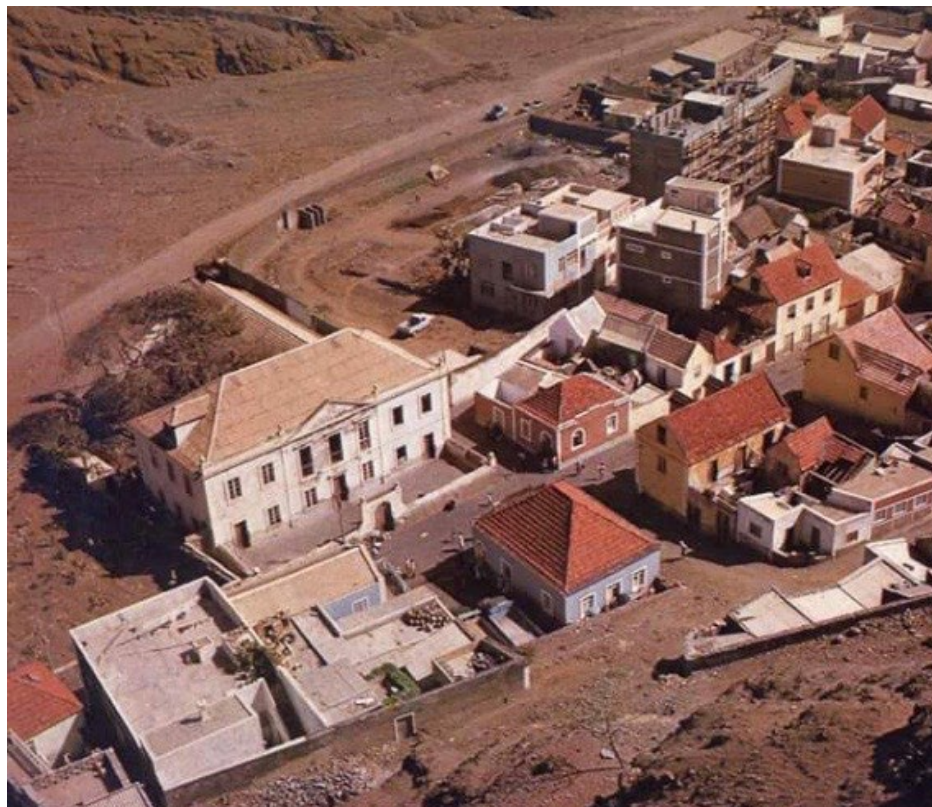


Fig. 8: Escola Central - Contraste com a envolvente, 1977.

---

<sup>11</sup> **ROCHA**, Agostinho - Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão (1462/ 1983). (p. 64).

<sup>12</sup> **FERRÃO**, Carlos - Estudos Sobre a Ilha de Santo Antão (1898). (p. 48).

<sup>13</sup> *Idem, ibidem.*

Em 1918 cria-se a *Escola Central* do sexo masculino da Vila da Ribeira Grande, simultaneamente com outras escolas centrais em Cabo Verde.

A *Escola Central* seria vocacionada a ser coordenadora das restantes escolas da mesma freguesia. A decisão tomada pelo governo de transformar o Paços do Concelho num edifício escolar, foi uma tentativa de imprimir melhor organização, além de oportunizar maior leque de vagas para o ensino.

No mesmo ano, 1918, a *Câmara Municipal de Ribeira Grande* decide homenagear o notável químico cabo-verdiano *Roberto Duarte Silva*<sup>14</sup>, atribuindo o seu nome à *Escola Central*, ficando assim, com o nome de *Escola Central Roberto Duarte Silva*.

“... dificilmente encontrará uma função que esteja à altura da dignidade da *Escola Roberto Duarte Silva*. A recuperação do edifício poderá levar-nos a pensar numa possível estrutura de ensino secundário em Ribeira Grande. Não seria bom?”<sup>15</sup>.

António Delgado defendia a ideia de tornar a *Escola Central* numa escola secundária, ou num Centro Cultural, equipamento que, na época, fazia muita falta em Ribeira Grande. Para ele, por conta da sua representatividade extraordinária, o edifício funcionar como uma escola primária seria um sinal de desvalorização. Sendo fiel às suas palavras, no discurso literário do António Delgado, escreve o seguinte: “*Para funcionar como escola primária, muitas crianças teriam que enfrentar percursos de mais de trinta minutos (...)* Por essas razões concluímos que o edifício não está vocacionado para ser escola primária, apesar de ter funcionado durante muito tempo como tal.”<sup>16</sup>.



Fig. 9: Roberto Duarte Silva  
(28/02/1837 - 09/02/1889).

Mais adiante, por volta de 1968, um grupo de santantonenses, resolveram lançar as bases de um futuro liceu em Santo Antão, designado *Externato - Liceu de Ribeira Grande*. Esse projecto fez com que a ideia do António Delgado fosse arquivada. Acabou por não avançar, e até hoje a escola continua sendo uma escola primária.

<sup>14</sup> Notável químico, natural de Ribeira Grande de Santo Antão. Fez sua graduação académica além fronteiras, o que ensejou sua notabilidade como cientista no ramo da Química Orgânica.

<sup>15</sup> DELGADO, António - Ponto & Virgula, revista de intercâmbio cultural (1983-1987): Defesa do Património-Urbanístico com base de desenvolvimento dos pequenos aglomerados urbanos. (p. 44).

<sup>16</sup> *Idem, ibidem.* (p. 32 a 33).

## **2.2. Valorização do Edifício no Desenvolvimento Urbanístico de Ribeira Grande**

É amplamente reconhecido que, os principais núcleos urbanos em Cabo Verde se desenvolveram ao redor de um porto marítimo. O papel central do mar no âmbito da comunicação e comércio empreendidos nas ilhas do país, foi credenciado por dois momentos valorosos na história do arquipélago: aquando do tráfico de pessoas escravizadas (importante base económica) e aquando da navegação a vapor. As semelhanças entre estes dois movimentos históricos seriam as cidades-porto. Embora haja o reconhecimento dos méritos da forte relação do país com o mar, convém realçar que o desenvolvimento das ilhas não se deu apenas ao longo da costa. É também fruto de um longo processo de ruralização, como é o caso de Ribeira Grande de Santo Antão.<sup>17</sup> Pela sua localização, numa zona litoral, seria expectável uma prosperidade atrelada às benesses económicas e estratégicas que dela advêm. Todavia, as condições geográficas da região, eram inapropriadas para a construção de um porto.

O processo de desenvolvimento urbanístico de Ribeira Grande assemelha-se ao das vilas da época romana e às da Idade Média. Dado a existência de características estruturais parecidas, nomeadamente, ruas estreitas que não seguem uma malha regular.

A agricultura e a criação de gado compunham a pedra angular da atividade económica de Ribeira Grande. Dentre todas as valências de cultivo, o da bananeira e da cana-de-açúcar eram às principais.

O plano urbanístico de Ribeira Grande, é o somatório de um conjunto de relações complexas, que englobam nuances de espaço (seus elementos físicos) e tempo (contexto histórico). A inexistência de uma planificação urbana prévia e de uma circunspeção mais bem pautada sobre a sua urbanização, agiu em desfavor à sua organização. Concretamente, inúmeras ruas estreitas, becos, baixo nível de saneamento básico e congestionamentos a nível do trânsito. Contudo, com o passar dos anos a cidade foi sendo estruturada, de acordo com os edifícios anteriormente construídos, com a intenção de preservar a preexistência. Pode-se dizer que, o antigo e o novo convergiram, e criaram uma relação entre os elementos arquitectónicos característicos do centro da cidade.

---

<sup>17</sup> PIRES, Fernando - Há Vila além da costa, Urbanidades em Cabo Verde no século XIX: Arquitetura e Urbanismo, (p. 7).



Fig. 10: O centro da cidade de Ribeira Grande, Povoação. Esc. 1/4000.

*“Em 1755, desembarca na ilha o bispo Frei Pedro Jacinto Valente, vindo de Santiago, (...) para se fixar em Santo Antão. Entre a chegada do bispo a Santo Antão e seu falecimento, em 1774, a vila sofreu várias intervenções no núcleo central, particularmente no largo do Terreiro ...”*<sup>18</sup>.

O período em que o bispo permaneceu na ilha, foi marcante para Ribeira Grande, porque se iniciaram uma série de mudanças no que diz respeito à cultura, religião e arquitetura. No tocante à arquitetura, o bispo chegou à ilha com o intuito de melhorar a antiga povoação. Nesse sentido, instigou a construção de vários edifícios, dos quais, teria sido a *Igreja Matriz* a principal obra erguida por ele.<sup>19</sup> A igreja foi construída na zona central de Ribeira Grande, Terreiro, e como consequência aproveitou-se para reorganizar o espaço à volta, através de intervenções importantes que de certa forma justificassem a presença do edifício religioso. A partir daí, a cidade prosperou, e o centro tornou-se referência para o desenvolvimento urbano do território.

No ano de 1869 o governador Caetano Alexandre de Almeida e Albuquerque foi para Santo Antão com o objetivo de se inteirar e resolver os principais problemas de Ribeira Grande.<sup>20</sup> A sua ideia, passava por, primeiramente reorganizar os serviços municipais, de modo a estabelecer de imediato um plano de intervenção urbano na vila. Em meados dos anos setenta do século XIX, com o apoio da Câmara Municipal, o governador elabora uma grande operação urbanística em Ribeira Grande, demolindo ruínas, e renovando casas, com o escopo de alargar as ruas e alinhar os edifícios. Ao mesmo tempo, construções de praças e passeios, deixando mais organizada a estrutura e a imagem da antiga vila.<sup>21</sup>

As reabilitações, decretadas pelo Governador, retratam uma das maiores, ou talvez a maior intervenção urbanística que o tecido urbano de Ribeira Grande sofreu. As operações foram simples, mas eficientes no sentido de transformação do espaço. Essas reabilitações foram feitas maioritariamente no centro urbano, porém, alargaram as ações às obras públicas, como a reconstrução do muro de retenção de água que defendia o território de inundações.<sup>22</sup>

---

<sup>18</sup> **PIRES, Fernando** - Há Vila além da costa, Urbanidades em Cabo Verde no século XIX: Arquitetura e Urbanismo, (p. 159).

<sup>19</sup> *Idem.* (p. 160).

<sup>20</sup> *Idem.* (p. 186).

<sup>21</sup> *Idem.* (p. 187).

<sup>22</sup> *Idem.* (p. 188).

A importância de mencionar a intervenção urbanística em Ribeira Grande pela iniciativa do governador Albuquerque, tem como base a construção do antigo quartel militar, hoje *Escola Central*. Esta operação urbanística realizada em Ribeira Grande encaminhou a construção de alguns edifícios importantes para a antiga vila. Época marcante, tanto para a arquitetura como para a introjeção de uma mentalidade de prosperidade no seio do povo, a despeito dos diversos problemas de urbanidade.

A cidade sofreu algumas operações que desfavoreceram *o antigo*, porém, o centro urbano ainda mantém um certo equilíbrio entre um tempo antigo e o contemporâneo. Para evitar futuras intervenções inconvenientes é necessário mostrar a importância da defesa do património. Preservar o património é preservar a história, é manter viva a parte mais expressiva da cidade, gravada nas ruas, nos edifícios, e em tudo aquilo que serviu de suporte ao desenvolvimento do aglomerado urbano.



Fig. 11: Rua do Terreiro - Eixo principal da cidade. Esc. 1/3000.

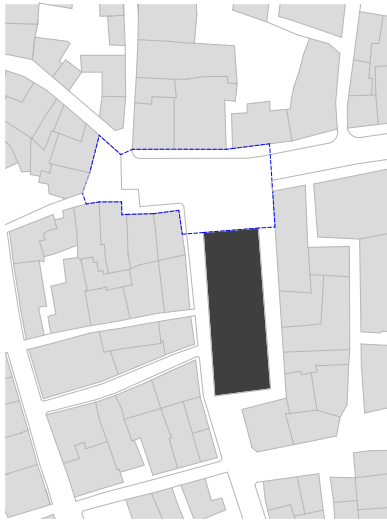


Fig. 12: Largo do Terreiro.



Fig. 13: Imagem do Largo do Terreiro, 1905.



Fig. 14: Imagem do Largo do Terreiro, atualmente.

“As construções desse período eram estruturadas a partir da sua disposição, traçava-se a rua principal, as moradias e outros edifícios públicos, importantes tanto pela função como também pela dimensão e valor estético-arquitetónico.”<sup>23</sup>.

A estrutura de Ribeira Grande, parte do largo principal, denominado largo do Terreiro (figura 12). Esse espaço é relativamente amplo, sendo a razão da sua dimensão, a presença da *igreja de Nossa Senhora do Rosário*. Mais um reconhecimento do natural marco da igreja Católica Romana. Além disso, o largo do Terreiro é o espaço onde predomina o comércio da cidade. Dado a importância urbana dessa rua, encontra-se cercada de edifícios maioritariamente de dois andares com espaços comerciais no rés de chão e habitações nos pisos superiores. São casas com telhados de duas ou quatro águas, e com telha marselha, com a presença de águas furtadas e varandas de estilo colonial.

A tradição do urbanismo português é reconhecida pela volumetria e pela simetria, por exemplo, presente nos vãos das fachadas dos edifícios. É inegável a presença dessa tradição por vários edifícios do Terreiro, entretanto, é também inegável a coexistência de edifícios não pertencentes à arquitetura colonial. Destarte, criou-se com isso, uma combinação de estilos arquitectónicos por todo o prolongamento da rua.

Segundo José Fernandes, é possível agrupar as diversas estruturas urbanas insulares em três grandes tipos, em função da complexidade da malha existente. São modelos que podem evoluir como também podem se estabilizar numa dessas fases de desenvolvimento, caso não ocorrer crescimento urbano. O primeiro é o modelo linear (são os mais simples, com um princípio de organização urbano a partir de uma rua), o segundo é o modelo irradiante (caracterizado por uma série de arruamentos que têm a intenção de convergir num largo), e o terceiro é o modelo em retícula (com maior densidade construtiva, correspondem ao estado mais complexo da rede urbana).<sup>24</sup> Seguindo esta analogia, entende-se que Ribeira Grande se enquadra, em maior parte, a tipologia de modelo linear.

<sup>23</sup> MAURÍCIO, António - Vila da Ribeira Grande de Santo Antão (1732-1975): Percorso Histórico e Dinâmica Administrativa. (p. 49).

<sup>24</sup> FERNANDES, José - Cidades e casa da Macaronésia (p. 137).



Fig. 15: Vista do largo a partir da Igreja. Presença de edifícios coloniais que compõem a rua principal.



Fig. 16: A relação do Igreja com o Largo.

Esta especificidade de estruturação urbana, mostra a influência do colonialismo português neste aglomerado. A rua do Terreiro é o principal eixo da cidade, aparentando ser a espinha dorsal da mesma. As restantes ruas estão direcionadas e conectadas à ela, e com isso, acabam por definir os limites dos quarteirões que compõem o padrão urbano. Contudo, convém evidenciar que, a cidade adota características similares ao modelo irradiante, porque a maioria das ruas centrais da cidade, intencionalmente convergem na rua do Terreiro. Para destacar o conceito de José Fernandes na estrutura urbana de Ribeira Grande, podemos assumir que houve a transição do padrão urbano mais simples para o mais elaborado, neste caso para o modelo irradiante. Ou seja, com a evolução urbana, a cidade consolidou-se numa rede urbana com maior complexidade, mas sem perder a identidade e a forma original.



Fig. 17: A composição da rua do Terreiro, anos 60.

O entrosamento entre o edifício da *Escola Central* e a cidade pode ser compreendido por meio da análise de duas plantas urbanas. Uma, correspondente a 1976, demonstrando a primeira intervenção urbana pós-independência. E outra, referente a 1985. Adianta-se que, o curto espaço temporal que medeia a concepção dessas plantas, faz-nos refletir sobre a evolução considerável da cidade e as respectivas razões para tal.

A cidade possui um tamanho considerável em relação as restantes cidades do arquipélago nacional. Deixando de lado grande parte do seu território, para fins de análise, foi levado em consideração um determinado perímetro, com a intenção de analisar excepcionalmente a área de maior relevância, de modo a concretizar o objetivo estipulado.

A análise é direcionada à parte central da cidade, dada sua importância e representatividade histórica. O facto da *Escola Central* não se encontrar localizada nessa região, despertou três questões que se entende serem pertinentes. Em primeiro lugar, por ser um edifício importante para Ribeira Grande, porquê não se encontra situada na zona de Terreiro? A rua de Terreiro, na altura, não possuía espaço suficiente para implantar o edifício? Pela proximidade entre, a rua da escola e a rua de Terreiro, havia a intenção de prolongar a rua de Terreiro e uni-las? As respostas a estas questões subsidiam grande parte da interpretação dessa relação.

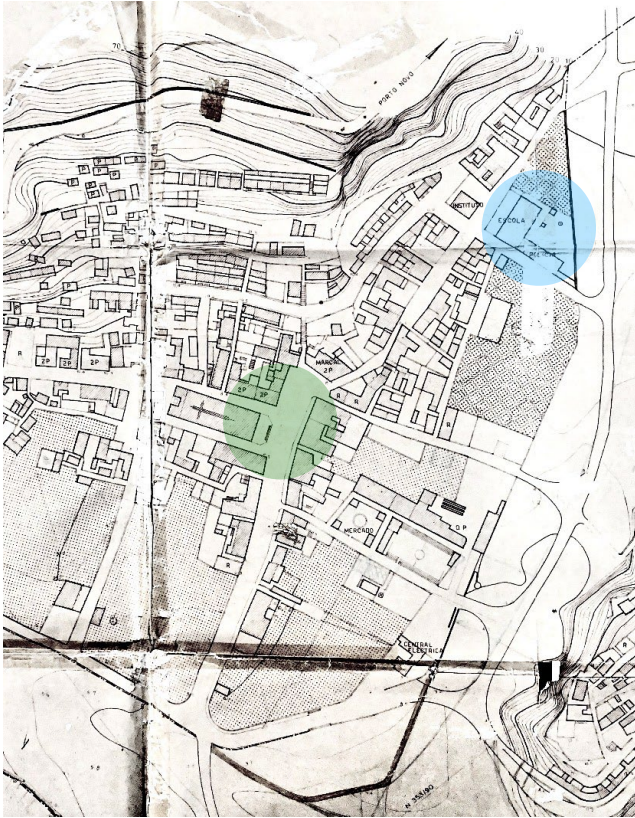


Fig. 18: Secção da planta de Ribeira Grande 1976.



Fig. 19: Análise da planta de Ribeira Grande 1976.



Fig. 20: Secção da planta de Ribeira Grande 1985.



Fig. 21: Análise da planta de Ribeira Grande 1985.

- Largo do Terreiro
- Escola Central

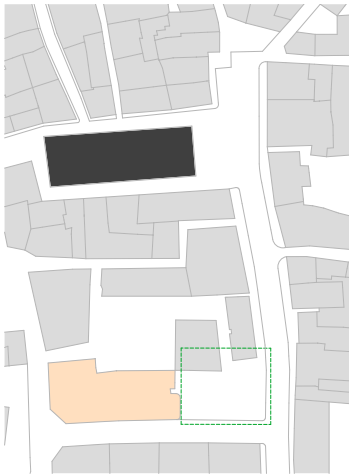


Fig. 22: Tracejado à verde - Possível espaço de implantação da Escola Central. Volume de cor laranja - Edifício do Centro Paroquial.



Fig. 23: O espaço onde a Escola Central poderia ser implantado, e a possível relação com a rua.



Fig. 24: A praça e no fundo da imagem o Centro Paroquial.

Apoiando na análise realizada sobre a zona de Terreiro e da relevância da *Escola Central*, arrisca-se dizer que, o edifício deveria estar localizado nessa zona. Com auxílio dos desenhos e das suas respectivas datas, conseguimos averiguar que, até muitos anos após a construção do edifício (em 1870), Terreiro possuía espaço possível de implantar o edifício em questão. Levamos, portanto, a trabalhar com a possibilidade dos terrenos dessa área serem propriedades privadas. O terreno que provavelmente receberia o edifício, pertence a *Igreja Católica*. O mesmo, hoje, contém um *Centro Paroquial* associado a uma praça, localizada mesmo em frente do centro, servindo de apoio à instituição. Se o edifício fosse projectado nesse terreno, talvez, a organização da rua do Terreiro tomasse outra dinâmica. E sustenta-se essa conjectura mediante a possibilidade de haver dois edifícios excepcionais (*Igreja* e *Escola Central*) a partilhar o mesmo espaço. Embora as funções sejam distintas, são dois edifícios vocacionados ao protagonismo, o que garantidamente geraria um certo antagonismo competitivo.

Reconhecer-se um zelo especial da parte do poder administrativo da época face aos edifícios considerados importantes, e a escola não fugiu à regra. Um dos principais espaços que valorizavam os edifícios eram as frentes, ou seja, um espaço amplo e vazio utilizado como espaço público. Além disso, essas frentes estabelecem um certo campo privativo que afasta a construção de outro tão próximo, sob pena de obstaculizar a possibilidade de melhor ser notado. Nesse caso, implantar o edifício nesse possível terreno, implicaria projectar um espaço público, quer fosse uma praça, um largo. O conceito de estrutura urbana e rua principal atendendo aos modelos linear e irradiante definidos por José Fernandes, não fariam total sentido. Isto porque, partilhariam a mesma rua, com uma aproximação muito reduzida entre as duas obras importantes.

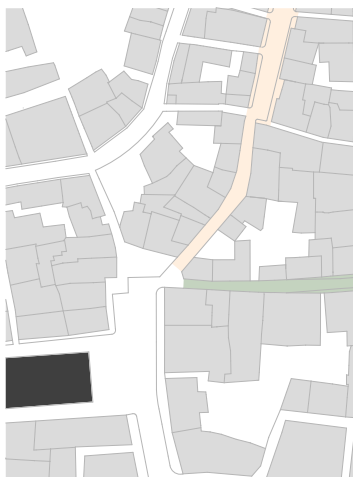


Fig. 25: Mancha laranja - rua d'Orta; Mancha verde - rua de São Francisco.



Fig. 26: A esquerda, o beco que da acesso a rua d'Orta; A direita, a rua de São Francisco. A casa que separa as duas ruas, foi onde nasceu o Roberto Duarte Silva.



Fig. 27: O entrosamento entre o beco que da acesso a rua d'Orta e o largo rua do Terreiro.

“Deste largo partiam os principais eixos da vila constituídos pelas ruas de São Francisco e da Horta, cujos topónimos parecem ter origem no donatário da ilha, D. Francisco de Mascarenhas, primeiro conde...”<sup>25</sup>.

A frase escrita por Fernando Pires, oferece-nos informações valiosas para essa análise. Portanto, a rua de São Francisco e a rua d'Orta como um prolongamento da rua do Terreiro é um efluxo do próprio largo. O mesmo refere que, essas duas ruas podem ser caracterizadas como os principais eixos de Ribeira Grande. Nas plantas pode-se ver a existência de mais duas ruas que também contribuem para a formação do tecido urbano, percorrem paralelamente a igreja, e também são perpendiculares a rua do Terreiro. O percurso dessas ruas passa por aquela que foi, uma das principais fontes de abastecimento de água de Povoação.

Aparentemente as ruas de São Francisco e da Orta tem uma relação com antigo donatário da ilha, D. Francisco de Mascarenhas, primeiro conde de Ribeira Grande, e também antigo conde da Horta. Senna Barcellos<sup>26</sup> insinuava que a origem do nome de rua d'Orta é oriunda do título atribuído ao donatário.<sup>27</sup> A partir dessa premissa, conseguimos compreender a importância dessas ruas, e particularmente, a relação que o Terreiro tem com a rua d'Orta aparenta ser mais visível, tanto pelo aspecto arquitectónico como também histórico. A rua de São Francisco segue perpendicularmente a rua do Terreiro, o que acaba por eliminar o seu conceito de continuidade. Enquanto que a rua d'Orta avança com uma curva ligeiramente a direita dando continuidade a rua do Terreiro (figura 25). A forma com que rua d'Orta propaga, esta relacionada directamente com a existência do quarteirão de frente do Terreiro, e também com a topografia mais acidentada nessa área, o que impossibilitou a rua de Terreiro de avançar em linha recta. No início da ligação entre Terreiro e rua d'Orta, vê-se um espaço de dimensão menor em comparação com as duas ruas. Contudo, a rua vai se alargando até chegar ao edifício simbólico, à *Escola Central*.

<sup>25</sup> PIRES, Fernando - Há Vila além da costa, Urbanidades em Cabo Verde no século XIX: Arquitectura e Urbanismo. (p. 157 a 158).

<sup>26</sup> Cristiano de Senna Barcellos foi oficial da marinha e investigador da história da Guiné e Cabo Verde. Possuidor das mais altas condecorações portuguesas e membro da Academia de Ciências de Lisboa e outras organizações culturais.

<sup>27</sup> PIRES, Fernando - Há Vila além da costa, Urbanidades em Cabo Verde no século XIX: Arquitectura e Urbanismo. (p. 157 a 158).

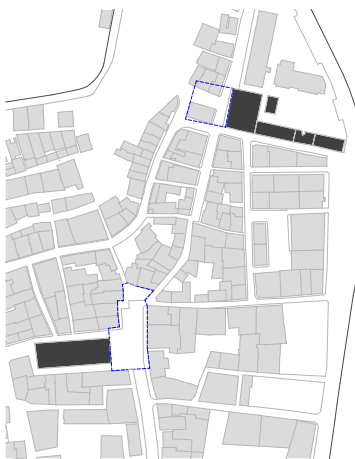


Fig. 28: A idealização de um largo em frente a Escola Central, buscando uma certa relação com o largo do Terreiro e com a própria rua.

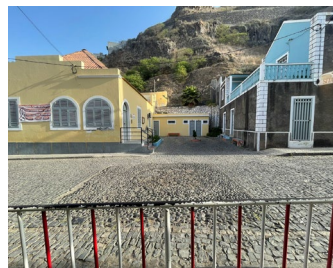


Fig. 29: A frente da Escola Central e os respectivos edifícios que ocupam essa área.

Tendo como base a figura 28<sup>28</sup>, em frente à escola observa-se um espaço quadrangular interrompido por uma casa que seria o largo de rua d'Orta. A questão pertinente é: porquê não se construiu esse largo?

O pátio frontal da *Escola Central* sempre existiu, e possivelmente por essa razão não houve a necessidade de ser arquitetado um largo a sua frente, a semelhança da *Igreja Matriz* e de outros edifícios simbólicos espalhados pelo mundo. Além disso, no edifício não havia eventos diários que justificassem um espaço tão amplo que desse apoio constante a população local. Provavelmente, o alargamento do território foi o principal objetivo tido com o prolongamento da rua do Terreiro. Assim, seria possível criar mais áreas habitáveis. Nessa concepção, a *Escola Central* surge como edifício importante que imprime mais sentido à nova rua.



Fig. 30: Vista global da disposição territorial em função do eixo principal, e o prolongamento da rua até a Escola Central, anos 60.

<sup>28</sup> Verifica-se a presença de linhas tracejadas simbolizando o largo da igreja e um possível largo em frente a escola.



Fig. 31: A Escola Central em conformidade com a rua.



Fig. 33 :A definição dos espaços em relação a Escola Central.



Fig. 35:A Continuidade da rua d' Orta.



Fig. 37: Vista parcial do largo do Terreiro convergindo com o beco que da acesso a rua d' Orta.

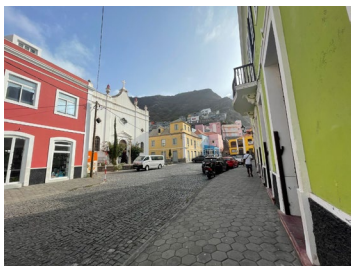


Fig. 39 : A afluência da rua do Terreiro com o largo.

Fig. 40: Uma caminha virtual, partindo da rua do Terreiro até a Escola Central.

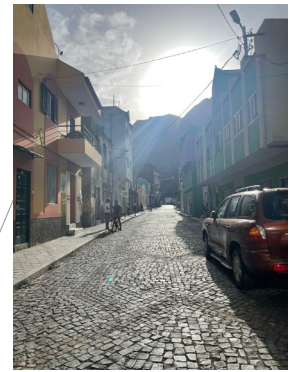


Fig. 32: Início da rua d' Orta.

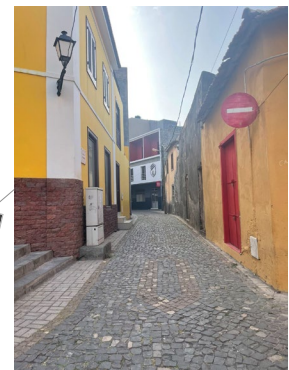


Fig. 34: Acesso a rua d' Orta a partir do largo.

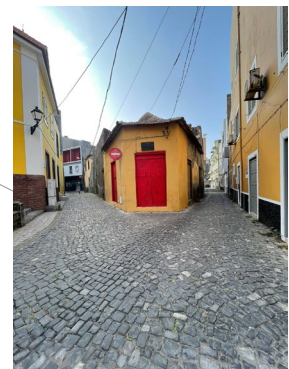


Fig. 36: A intercessão do Largo com a rua de São Francisco e rua d' Orta.

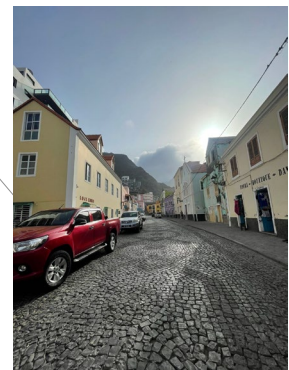
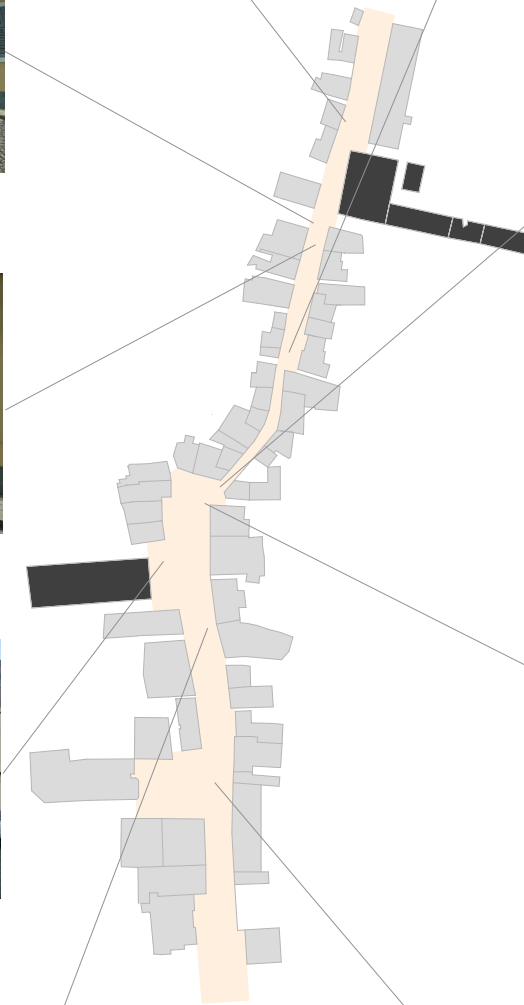


Fig. 38: Vista central da rua principal.



## 2.3 Requalificar Para Sobreviver

### 2.3.1. A Perspetiva Intrínseca de Reabilitar

*“Os edifícios merecedores de especial atenção e proteção são determinados, nas línguas de origem latina, pelo termo ‘patrimóniu’. Este termo remete para algo valioso, que vai transitando de pais para filhos, os bens de família. È ainda associado a herança de gerações passadas e transmissão às gerações futuras”<sup>29</sup>.*

As obras realizadas pelos nossos maiores, representam os momentos essenciais da evolução enquanto sociedade, da nossa história e da nossa identidade. Pertencem ao património humano, e aqueles que os possuem, são responsáveis pela sua proteção. Têm a responsabilidade de realizar tarefas de grande fôlego para garantir e transmitir essa nobre herança material às futuras gerações.

As construções do passado são o reflexo da história. Portanto, não se pode deixar que se degradem, ou que se apague o passado. Seria o mesmo que perder a nossa identidade. Há que ter em mente que a continuidade é a característica do património, logo deve-se apelar pela sua recuperação. Segundo André Santos *“A atitude de reabilitação, seja justificada por motivos de oportunidade, de sustentabilidade ou de identidade, vem inevitavelmente proporcionar um alargamento no entendimento dos valores patrimoniais e uma sensibilização que interfere positivamente...”<sup>30</sup>.*

Pensando no ato de reabilitar, há que ter em consideração o simbolismo do monumento, a sua imagem consolidada, e a sua identidade. Fazer requalificações também exige o cuidado sobre onde intervir e como intervir. Por isso que, *“o estudo do edifício antes da intervenção e a presença de arquitectos com os devidos conhecimentos são imprescindíveis às intervenções no património.”<sup>31</sup>*. Qualquer intervenção erradamente estudada pode alterar a estrutura do edifício patrimonial. Há que saber convergir as arquiteturas de épocas diferente, evitando esse conflito arquitectónico.

---

<sup>29</sup> FREITAS, Ricardo - Identidade, Tempo e Memória: Reflexão sobre processos de reabilitação em edificação de valor patrimonial. (p. 32).

<sup>30</sup> SANTOS, André - Similaridades e singularidades na reabilitação arquitectónica do parque escolar: programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E. no norte de Portugal (2007-2011). (p. 234).

<sup>31</sup> FREITAS, Ricardo - Identidade, Tempo e Memória: Reflexão sobre processos de reabilitação em edificação de valor patrimonial. (p. 34).

*“Reabilitar tem significado ao combinar a vida contemporânea com existências vindas do passado, o que implica reconhecer o valor dessas existências e a sua capacidade em receber e associar elementos do presente tendo em vista conseguir um equilíbrio entre os valores do passado e as inevitáveis respostas ao que hoje exigimos em termos de adequação e conforto.”<sup>32</sup>.*

É quase que impossível encontrar um edifício com valor patrimonial que não tenha sofrido alterações ao longo da sua história. Para ser considerado património tem que ser antigo, e para manter o antigo no mundo contemporâneo é preciso conservar. Isto mostra que essas operações não podem ser consideradas menos relevantes que o projeto inicial. Equitativamente, não permitir que se perca informação do original.

A ideia de conservar um edifício não significa ressuscitar o original. Qualquer obra construída ou reabilitada não é pura e nem tão pouco original, e isso não desvaloriza o património. Isto imprime um sentido de verdade à ideia de que *“... não vale a pena procurar restaurar imitando o que um dia existiu, já que será sempre uma obra falsa, nunca uma peça original. Temos de respeitar o tempo.”<sup>33</sup>.*

Nos edifícios encontramos marcas das vivências dos seres humanos, a longa metragem daqueles que deixaram estampadas no construído a sua passagem pela terra, e é a partir desses detalhes que somos capazes de estudar as nossas origens. A arquitetura é mais uma forma de conseguir enaltecer o passado. Quando se trata de um património arquitectónico, indiscutivelmente esta caracteriza a cidade, ou o país. É importante analisar, *“... a sua lógica e razão de ser. Reabilitar um edifício corresponde a algo maior do que a sua reconstrução e, por isso, torna-se premente conhecer o objeto a intervir e saber como deve melhorar sem que este perca as suas características.”<sup>34</sup>.*

Uma das formas de dar utilidade aos edifícios monumentais numa sociedade, seria através de programas projectados para reabilitar edifícios, tendo em consideração a adaptação e renovação da sua estrutura interna que auxiliam às

---

<sup>32</sup> TOUSSAINT, Michel - “Algumas obras de arquitetura notáveis em Portugal e não só”; citado por Santos, André; in PIMENTA, Joana (coord.) - Anuário Arquitetura 12. (p. 7).

<sup>33</sup> FREITAS, Ricardo - Identidade, Tempo e Memória: Reflexão sobre processos de reabilitação em edificação de valor patrimonial. (p. 33).

<sup>34</sup> MONTEIRO, Catarina - Arquitetura Escolar: O valor patrimonial como procura de identidade na reabilitação. (p. 60).

necessidades da vida quotidiana, do mesmo modo, preservando elementos de interesse cultural.

Os aspectos de conversação e melhoramento do património existentes, configuram-se portanto como um ponto indispensável para a reflexão sobre edifícios que enquadram no grupo de equipamentos sociais.

Este conceito mostra-nos a importância de investir na remodelação dos edifícios preexistentes, e reintegra-los nas dinâmicas sociais. Além de dar um sentido funcional ao edifício, permitia o seu acréscimo de vida como património arquitectónico.

Ao longo da história da arquitetura, tem-se notado a importância dos valores patrimoniais arquitectónicos. E durante esse tempo tem havido criação de leis destinadas à conservação dos monumentos históricos. Buscam compreender coletivamente, e desenvolver métodos de intervenção nos edifícios preexistentes e com valores patrimoniais. E a maneira de expressar essa consciência foi através de manifestos ou cartas. Essas cartas devem ser entendidas como definidoras de ideias ou de princípios orientadores.

Em 1931 foi publicado o primeiro documento que defendia o restauro dos edifícios com valor patrimonial, a *Carta de Atenas* (ou *Carta Internacional do Restauro*)<sup>35</sup>. A estratégia foi estimular a manutenção, e como resultado a sua capacidade de sobrevivência. Realizar intervenções onde seria possível a valorização dos valores patrimoniais do passado, podendo ser restaurada a sua reutilização funcional. Outro ponto também importante foi a utilização de novas técnicas e materiais no momento do restauro, mas sem que esses alterassem à imagem geral dos edifícios.

Em 1975 elabora-se a *Carta Europeia do Património Arquitectónico*<sup>36</sup>. Os objetivos principais presentes no documento eram preservar os edifícios e todos os elementos do passado que constituem o espaço urbano. Por muito tempo a atenção estava virada inteiramente para a proteção e restauração dos monumentos mais importantes. Mais adiante, nota-se a integridade do construído e atribuem o devido valor que a envolvente possui. Tão importante que “... mesmo na ausência de edifícios excepcionais, podem oferecer uma qualidade de atmosferas que faz deles obras de arte diversificadas e

---

<sup>35</sup> CONSELHO DA EUROPA - “Carta de Atenas”.

<sup>36</sup> CONSELHO DA EUROPA - “Carta europeia do património arquitectónico”.

*articuladas.”*<sup>37</sup>. Ou seja são elementos que precisam de ser igualmente conservados. Além disso, “... *evoca-se pela primeira vez a dimensão pedagógica do património, ao contextualizar os edifícios enquanto suporte relacional entre as práticas de uso e as morfologias espaciais que as sustentam, importando preservar esses testemunhos vivenciais de outras épocas.*”<sup>38</sup>

No ano de 2000, é redigida a *Carta de Cracóvia*. Defendia que “... *a conservação pode ser realizada mediante diferentes tipos de intervenções, tais como o controlo do meio ambiental, a manutenção, a reparação, o restauro, a renovação e a reabilitação.*”<sup>39</sup>. Decisões, escolhas e responsabilidades estarão presentes em qualquer intervenção no património. Há que ter em conta os inúmeros métodos, como avaliação, investigação, gerenciamento, assistências e a sua reação após a operação. Por conseguinte, não se trata de um trabalho realizado por amadores, requer conhecimentos e “... *deve ser levada a cabo por uma pessoa qualificada na área da conservação e restauro.*”<sup>40</sup>.

Ter mencionado esses documentos robustece a ideia da importância de reabilitar. Pode-se constatar que, apesar de serem elaboradas em épocas diferentes, as cartas apresentam características similares. A intenção é mostrar o que cada um priorizou no momento de reabilitar, tendo em conta os acontecimentos do seu tempo e usando a ideia antiga como referência para poder melhorar a nova.

A intervenção no edificado é uma conveniência e uma necessidade. A longo prazo, as sucessivas intervenções vão-se tornando cada vez mais enigmáticas. A cada intervenção diferente pode dismantelar elementos que caracterizam o património. Por isso é importante definir princípios do que deve e não deve ser protegido. A ideia é melhorar e encaixar os edifícios às necessidades do presente, porém deve-se evitar apagar as marcas do passado. Tendo em conta que será um edifício novo que carregará com ele relíquias do passado.

---

<sup>37</sup> CONSELHO DA EUROPA - “Carta europeia do património arquitectónico”. (p. 2).

<sup>38</sup> SANTOS, André - Similaridades e singularidades na reabilitação arquitetónica do parque escolar: programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E. no norte de Portugal (2007-2011). (p. 237).

<sup>39</sup> CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO - “Carta de Cracóvia sobre os princípios para a conservação e o restauro do património construído”. (p. 2).

<sup>40</sup> *Idem, ibidem.*

A intervenção num determinado edifício não deve ser invasiva, ou seja, intervenções que podem descaracterizar o património, pondo em risco a sua arquitetura e consequentemente a história das gerações anteriores.

Falar de reabilitação e conservação de edifícios patrimoniais, compromete a falar do teórico da preservação do século XIX *Jonh Ruskin*<sup>41</sup>. Para o autor era inadmissível “... *qualquer intervenção nos monumentos além da consolidação, que teria de ser muito discreta.*”<sup>42</sup>. Ruskin não compactuava com qualquer intervenção radical no que diz respeito a reabilitação patrimonial. Acreditava que o principal aspecto que torna um edifício digno de preservação não era a beleza, mas sim seus aspectos históricos e memoriais.

“... *a arquitetura deve ser considerada por nós com a maior seriedade. Nós podemos viver sem ela, orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela.*”<sup>43</sup>. Não podemos recordar aquilo que nunca existiu. Neste sentido a arquitetura tem o poder de transportar todas as marcas do tempo e das gerações passadas, de modo a nos privilegiar de momentos inéditos sobre a nossa história.

Para Ruskin fazia mais sentido uma “... *obra mais rude que conta uma história ou registra um facto, do que a mais rica e sem significado.*”<sup>44</sup>. Era como se nenhum edifício monumental fosse merecedor de um aspecto ornamental caso não tivesse uma justificativa plausível da sua razão de ser.

Segundo o autor, a restauração de um edifício não passava de uma mentira de início ao fim. Por mais cuidadosas que fossem as intervenções, se tratavam sempre de imitações vulgares, cópias frias daquelas partes que podem ser modeladas com acréscimos arbitrários. “*Você pode fazer um modelo de um edifício como também de um cadáver, e o seu modelo pode conter o contorno das antigas paredes dentro dele, assim como o seu molde pode conter o esqueleto, sem que eu possa ver ou apreciar qualquer vantagem nisso.*”<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> Nascido em Londres, na Inglaterra, foi um escritor, crítico de arte, de arquitetura, crítico social e filósofo. Não foi diretamente um arquiteto, mas seus escritos tiveram profunda influência na arquitetura, principalmente no revivalismo gótico.

<sup>42</sup> **FREITAS, Ricardo** - Identidade, Tempo e Memória: Reflexão sobre processos de reabilitação em edificação de valor patrimonial. (p. 34).

<sup>43</sup> **RUSKIN, John** - A Lâmpada da Memória. (p. 54).

<sup>44</sup> *Idem.* (p. 63).

<sup>45</sup> *Idem.* (p. 81).

A ideia do autor era que se aproveita o edifício enquanto a sua existência, apreciando-o da forma mais original possível, sendo que “... *o seu dia fatal por fim chegará; mas que chegue declarada e abertamente, e que nenhum substituto desonroso e falso prive o monumento das honras fúnebres da memória.*”<sup>46</sup>.

Todos os edifícios construídos por gerações anteriores, não deveriam ser demolidos ou restaurados. Deveria haver respeito pelos antecedentes e responsabilidades com as gerações futuras. O restauro pode representar uma necessidade, mas segundo ele era uma necessidade destrutiva. E que a maneira mais correta de conservar um monumento era cuidando dele. Protegendo-o da melhor forma possível e a qualquer custo, de todas as ameaças de delapidação. “... *não se importe com a aparência dos reforços: é melhor uma muleta do que um membro perdido; e faça-o com ternura, e com reverência, e continuidade, e muitas gerações ainda nascerão e desaparecerão sob sua sombra.*”<sup>47</sup>. A incumbência dos arquitetos não seria o restauro ou reconstrução, mas sim a consolidação, de modo a assegurar uma maior conservação ou durabilidade da obra, tal como foi deixada pelas gerações anteriores.

*“Preservar os edifícios antigos significa conservá-los no próprio estado em que nos foram transmitidos, reconhecíveis, por um lado, enquanto relíquias históricas, e não como as suas cópias e, por outro lado, enquanto obras de arte executadas por artistas que teriam sido livres para trabalhar de outra forma se assim o tivessem desejado.”*<sup>48</sup>.

Na perspectiva de John Ruskin o tempo desempenha um papel muito importante. Além da época da construção do edifício, importa também toda a sua história, todas as cicatrizes deixadas pelos antecedentes que por ali passaram, as marcas de diferentes usos, as marcas de fatos históricos que ditaram o seu abandono, ou até mesmo acontecimentos desastrosos como o caso de guerras ou catástrofes naturais.

É possível reabilitar um edifício antigo e manter a sua história e as suas marcas. Reabilitar não significa apagar o que um dia existiu, mas sim prolongar ainda mais no tempo a existência do edifício com o objetivo de

---

<sup>46</sup> **RUSKIN, John** - A Lâmpada da Memória. (p. 82).

<sup>47</sup> *Idem.*

<sup>48</sup> **MORRIS, William**, citado por **FREITAS, Ricardo**, (p. 35).

proporcionar momentos marcantes para aqueles que serão os nossos sucessores.

A *Escola Central* foi o primeiro reduto acadêmico de grande parte dos ribeirão-grandenses, o que a credencia de um valor histórico e emocional significativo no contexto da cidade.

Pelo seu simbolismo, a conservação posiciona-se como um imperativo, haja vista a perpetuação das memórias do povo e o lado espiritual de todos que um dia viveram momentos inesquecíveis. Momentos indelévels, com presença tanto para aqueles que estudaram no edifício, como também para aqueles que fizeram do edifício ambiente de convívio e lazer nas horas extra-acadêmicas.

Reconhecem-lhe o valor de uma segunda casa, mediante a conexão do espaço com incontáveis histórias pessoais. Muitos são aqueles que revisitam a escola com o intuito de lembrar aquilo que um dia viveram enquanto crianças e adolescentes. Se me lançassem o repto de escrever uma autobiografia, certamente *Escola Central* figuraria nas palavras chaves.

A escola que abrigou diversas gerações, onde cada um pessoalmente conta como foi a sua experiência espacial no seu tempo. Todas distintas mas com a mesma representatividade emocional. A arquitetura tem o poder de alterar um espaço e ao mesmo tempo manter a relação antropológica dos que viveram no tempo no espaço. E isso só é possível reabilitando ou conservando um edifício.

Os edifícios devem ser reabilitados e reutilizados, destinados principalmente as necessidades de uma sociedade. Como escreve André Santos, “*Reabilitar sim, e sempre, sem preconceitos, mas com clarividência, ou seja, como ideal a priori, mas que necessita de ser verificado nas suas diferentes consequências e validade enquanto opção.*”<sup>49</sup>

Tudo que é passado é história, e cada geração viverá e contará a sua de forma própria. Um edifício reabilitado numa determinada época, conta como história do edifício. Não desmerecendo o antigo, há que ter em mente que a necessidade deve ser sempre uma prioridade, e a arquitetura tem um papel fundamental nesse aspeto. Ela pode resolver essas duas questões de forma

---

<sup>49</sup> SANTOS, André - Similaridades e singularidades na reabilitação arquitetónica do parque escolar: programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E. no norte de Portugal (2007-2011). (p. 247).

prática e singela, unificando-as, através do pensamento, do desenho e da construção.

Pensando na relação entre pais e filhos, à qualquer descendente não lhe é vedado a possibilidade de ser diferente dos seus genitores. Carrega consigo princípios e valores por eles ensinados, ainda assim, terá a sua própria personalidade, os próprios desdobramentos. Nessa esteira, analogamente, é isso que o arquiteto precisa resgatar num edifício antigo: a sua personalidade.

### **2.3.2. A Necessidade de Reabilitar**

*“A revolução industrial - pela sua necessidade de competências técnicas e científicas especializadas - provocou, no final do século XIX, um incremento do número de edifícios escolares nas cidades, então em expansão; não se tratava de construções novas, mas geralmente da adaptação de edifícios antigos para as novas funções.”<sup>50</sup>*

Com a implementação do ensino primário obrigatório em 1982, a escola começou a distinguir-se como uma tipologia arquitectónica independente. O que nos leva a crer que, foi possível aplica-la tanto em edifícios novos como nos edifícios antigos.

A ideia de requalificar ou adaptar edifícios antigos para receberem novas funções importantes que beneficiam uma determinada sociedade, está enraizada na mentalidade dos profissionais que atuam diariamente no ramo da arquitetura. Neste caso específico, os protagonistas tratam-se de edifícios monumentais, que desejam ser reorganizadas arquitetonicamente para desempenharem funções adequadas.

Essa ideologia de conservar ou reabilitar edifícios que carregam uma história no tempo, surge a partir da constante evolução social, com o intuito de adaptar novas funções em edifícios antigos. Partindo desta ideologia, gerou-se uma forte relação entre os edifícios de grande valores patrimoniais com a arquitetura escolar. Ou seja, esses edifícios foram evoluindo e assumindo outras funções, normalmente tratavam de edifícios militares (como é o caso da *Escola Central*), igrejas, palácios, edifícios governamentais, e alguns deles

---

<sup>50</sup> DI SIVO, Michele - Métodos e Instrumentos para a gestão do património Escolar. In AFONSO, Rui; LADIANA, Daniela (org.) - O espaço da Escola: Conceitos, Métodos e Instrumentos para Projetos e Gestão do Património Escolar. (p. 53).

passam a desempenhar funções direccionados ao ramo da educação. Assim dizendo, para evitar a degradação e preservar os valores patrimoniais desses edifícios, são realizados projectos de intervenções capazes de as adaptarem as necessidades contemporâneas. A reabilitação também representa o desenvolvimento de um determinado edifício, melhor dizendo, consiste em reanimar o edifício, revive-lo, torna-lo habilitado.

Segundo Marta Cruz, “... *cuidar do património construído é mais do que gerir eficazmente os recursos financeiros nele investidos: é contribuir para a preservação da história, dos valores e da memória colectiva de uma comunidade.*”<sup>51</sup>. Conservar os edifícios contribui para a qualidade ambiental urbana. Além disso, deve ser incluída a capacidade de ser mantido, melhorando as suas características em relação a manutenção, evitando futuras intervenções com altos custos monetários.

“*A requalificação pode, de facto, constituir um momento fundamental para o fomento da articulação entre os cânones da construção/ arquitetura com os da pedagogia.*”<sup>52</sup>

Um aspecto importante na arquitetura, é tentar buscar sempre a flexibilidade<sup>53</sup> e a adaptabilidade<sup>54</sup>. A flexibilidade possibilita que o espaço da “... *escola se adapte a novas realidades pedagógicas e também que o ensino ocorra de uma maneira mais interessante para os alunos, na medida em que o ambiente físico ofereça sempre a possibilidade de renovação, dentro e fora da sala de aula.*”<sup>55</sup>

A requalificação funcional e espacial de um edifício, deve orientar-se para permitir uma utilização flexível de qualquer edifício, principalmente edifícios públicos e patrimoniais, devido o facto de estarem sujeitos a várias intervenções ao longo da sua existência. Ou seja, capaz de sofrer alterações e ampliações ao longo do tempo sem necessitar de intervenções na estrutura do edifício e nas suas redes técnicas. Como forma de aprimorar as suas

---

<sup>51</sup> **CRUZ, Marta** - “Critérios para a construção de indicadores”. In **AFONSO, Rui; LADIANA, Daniela (org.)** - O espaço da escola. Conceitos, métodos e instrumentos para projecto e gestão do património escolar. (p. 64).

<sup>52</sup> **DI SIVO, Michele** - Métodos e Instrumentos para a gestão do património Escolar. In **AFONSO, Rui; LADIANA, Daniela (org.)** - O espaço da Escola: Conceitos, Métodos e Instrumentos para Projetos e Gestão do Património Escolar. (p. 57).

<sup>53</sup> Adjetivo atribuído aos espaços com capacidade de admitir diferentes actividades e diferentes usos. Espaços que permitem modulações e conformações sem necessidade de intervir nos elementos fixos, como o caso de sistemas estruturais.

<sup>54</sup> Diferente de flexibilidade, neste caso os espaços devem ter condições para evoluírem em função das alterações dos currículos pedagógicos, com investimento controlado e sem comprometer a composição estrutural dos edifícios.

<sup>55</sup> **NASCIMENTO, Mario** - Arquitetura para a educação: A contribuição do espaço para a formação do estudante. (p. 38).

aprimorar as suas características em relação a manutenção, deve-se consolidar programas de intervenções de requalificações do património escolar, neste sentido criar oportunidades importantes para uma completa reavaliação do edifício. Esta reformulação deve abranger a sua capacidade de ser coordenado e conservado. Portanto, essas modalidades de conservação e melhoramento do património existente, configuram-se como um assunto imponente para a reflexão sobre este tipo característico de equipamento social.

A variabilidade do edifício escolar, também permite configurar espaços polivalentes, de modo a acolher actividades relacionadas as diferentes disciplinas e diferentes métodos de trabalho, além disso, “... *espaços escolares flexíveis e multifuncionais garantem, ainda, a possibilidade de uma utilização extra-escolar: as intervenções de requalificação, na verdade, vêm-se confrontando com a necessidade de atribuir novas funções às instalações, que derivam da tendência de utilizar a escola também como um centro cultural e social para a sua envolvente urbana.*”<sup>56</sup>.

Na perspectiva de funcionalidade de um espaço, implica ter conhecimento sobre o edifício escolar, uma compreensão aprofundada e contextualizada. “*A escola materializa no seu espaço físico conceitos de natureza diversa que recobrem áreas de reflexão e de conhecimento autónomas. A partir da sua localização no tempo e no espaço é possível refletir sobre a adequabilidade dos espaços às exigências físicas, técnicas, ideológicas e educativas desse contexto específico.*”<sup>57</sup>.

A consolidação dos projetos de edifícios escolares, pertencem a investigações arquitectónicas. Consequentemente, para a realização desses projetos, é preciso considerar algumas questões fundamentais para o seu desenvolvimento. Tem que ter em mente a relação que o edifício tem com a envolvente, as características da distribuição funcional, a relação entre os espaços de uso coletivo, a tipologia, a adaptabilidade e a flexibilidade dos espaços, a definição de um sistema construtivo, entre outros.

Com essa heterogeneidade do espaço escolar, há que ter um pensamento consolidado antes de qualquer intervenção, de modo a garantir uma resposta

---

<sup>56</sup> **DI SIVO, Michele** - Métodos e Instrumentos para a gestão do património Escolar. In **AFONSO, Rui; LADIANA, Daniela (org.)** - O espaço da Escola: Conceitos, Métodos e Instrumentos para Projetos e Gestão do Património Escolar. (p. 57).

<sup>57</sup> **CRUZ, Marta** - “Critérios para a construção de indicadores”. In **AFONSO, Rui; LADIANA, Daniela (org.)** - O espaço da escola. Conceitos, métodos e instrumentos para projecto e gestão do património escolar. (p. 64).

adequada às necessidades de bem-estar e de educação para aqueles que frequentam a casa.

*“O arquiteto, ao desenhar/projetar um espaço escolar, coloca ali sua objetividade e subjetividade no intuito de satisfazer as exigências espaciais dos que ali vão conviver. Essas exigências ultrapassam as necessidades biológicas e funcionais relacionadas às escalas métricas, às técnicas construtivas e ao conforto ambiental; elas são também psicológicas e estéticas...”*<sup>58</sup>.

A escola pode ser considerada um lugar complexo, devido a integração de amplas gamas de variáveis que dizem respeito tanto à estrutura física do espaço, como também à estrutura cognitiva. Um lugar onde proporciona relacionamentos afetivos, além do mais, hoje é conhecida “... como instrumento fundamental para o combate à exclusão social pelo que deve possuir condições de acessibilidade universal com vista à integração de crianças e adultos com necessidades especiais, e oferecer nas suas instalações um número tendencialmente crescente de serviços extracurriculares.”<sup>59</sup>.

Todos os edifícios escolares, devem criar condições de bem-estar emocional e social. E isso com certeza contribui para uma melhora na qualidade da educação. A arquitetura, por si só tem o poder de educar, através dos espaços, volumes, cores, e materiais.

*“Os edifícios escolares deve ser belos, inspiradores, elevando o espírito dos que os utilizam, e a qualidade arquitectónica é um ingrediente essencial na criação de um ambiente estimulante para a aprendizagem, não implicando necessariamente um custo maior.”*<sup>60</sup>.

A arquitetura engloba tanto valores culturais como educacionais, e nos edifícios escolares podemos encontrar frequentemente mensagens relacionadas ao carácter e a vida da instituição. E através do edifício escolar, a sociedade transmite mensagens para os que aí estudam. Bons espaços transmitem uma mensagem de estímulo relativamente ao presente e de

---

<sup>58</sup> GONÇALVES, Rita de Cássia - Arquitetura flexível e pedagogia ativa: um (des)encontro nas escolas de espaços abertos. (p. 42).

<sup>59</sup> CRUZ, Marta - “Critérios para a construção de indicadores”. In AFONSO, Rui; LADIANA, Daniela (org.) - O espaço da escola. Conceitos, métodos e instrumentos para projecto e gestão do património escolar. (p. 64).

<sup>60</sup> BERNARDO, João Manuel - O poder da arquitetura: “O impacto do edifício escolar”. In LADIANA, Daniela; LOPES, Nuno Lacerda; AFONSO, Rui (coord.) - A Escola Ideal. (p. 106).

expectativa relativamente ao futuro. “*Não se trata apenas de uma questão estética, de conferir qualidade dos espaços urbanos onde as escolas se inserem e marcar positivamente a vida dos que aí estudam e trabalham ou que vivem na vizinhança.*”<sup>61</sup>.

Olhar sobre o edifício escolar e reconhecê-lo como património comum da comunidade escolar presente e futura, como componente fundamental à vida dessa comunidade, é estimá-la assumindo a respetiva preservação. A qualidade das infraestruturas escolares determina em grande medida o nível de satisfação por permanecer nas escolas, o que possivelmente reflete na assiduidade e no nível de abandono escolar. Assim sendo, em escolas obsoletas e degradadas, com estruturas precárias, pode prejudicar definitivamente a aprendizagem e a sociabilidade entre aqueles que frequentam o lugar.

Mesmo que a escola seja um espaço especial, deve também representar uma segunda casa, um espaço de conforto, de socialização. Para aqueles que vão iniciar as suas vidas como estudantes, é o primeiro anel espacial e social a seguir à casa-família. A escola representa um espaço de integração coletiva, de participação e de auto-responsabilização perante os outros, de construção de uma comunidade.

A escola retrata o primeiro símbolo do mundo, um mundo com uma dimensão mais ampla do que o círculo da casa familiar. E sobretudo marca para sempre na memória da infância e da adolescência. Habitamos eternamente a escola nas nossas memórias.

Como foi referido anteriormente, a escola é um dos equipamentos que contribui para a qualidade do ambiente urbano. A qualidade da vivência de uma área urbana passa pela dotação de equipamentos. Podem-se definir o grau da urbanidade de uma determinada área, através dos equipamentos que nela se localizam, conseqüentemente pelos serviços que prestam aos residentes. Também pode-se afirmar que a escola se apresenta como um serviço fortemente decisor da percepção da urbanidade.

---

<sup>61</sup> BERNARDO, João Manuel - O poder da arquitetura: “O impacto do edifício escolar”. In LADIANA, Daniela; LOPES, Nuno Lacerda; AFONSO, Rui (coord.) - A Escola Ideal. (p. 106).

A escola é um dos equipamentos geradores de valores numa sociedade, o que nos leva a crer que a atractividade de uma área habitada depende da sua reconhecida capacidade para satisfazer as necessidades básicas dos residentes.

A escola é um equipamento que normalmente está situada nessas partes da cidade, reproduzindo atractividade e criando condições favoráveis de urbanidade, não somente por ser um equipamento que presta um serviço essencial, como também por fazer parte da cultura urbana (tradições, costumes, gostos, saberes, técnicas e poéticas).

O edifício escolar como definição é considerado um objeto técnico e social, uma infraestrutura que estrutura o território urbano acompanhado de uma ideia de modificação tecnológica e modernidade. É um objeto técnico que busca constantemente a atualização a cada época diferente. Considerado também um edifício social que conecta pessoas e instituições ao longo do tempo e em diversas escalas territoriais, certificando a existência do sistema educativo e urbano. Todos os edifícios escolares refletem ideias urbanas, arquitectónicas, políticos, educativos de cada época histórica.

A *Escola Central* não foge a regra. Não só pelo facto de ser um edifício monumental, mas também, por muito tempo ser considerado o único edifício escolar que prestava serviço a todo o concelho. Apesar de estar localizada no centro da cidade muitas crianças de localidades distantes frequentavam a escola. Alunos residentes relativamente afastados do centro urbano, tinham que percorrer longas distâncias a pé com vista a tão almejada escolarização. O esforço e a vontade indómita de vencer vincaram ainda mais na memória o significado desse edifício escolar. É e continuará sendo o maior símbolo da cidade de Ribeira Grande.

Dada as condições de obsolescência muitas questões importantes influenciaram na tomada de decisões sobre a reabilitação do edifício escolar. A depreciação dos elementos físicos do edifício em função do tempo e a consequente atenção à segurança constituem algumas das razões primordiais ao intento de requalificação. Além disso, a melhoria das condições de educação passa pela otimização dos constituintes do ambiente escolar, designadamente a própria estrutura. Em última análise, a sua arquitetura é a razão de ser o que sempre foi. A sua reabilitação, consistiu em melhorar o edifício como património escolar e monumental.

## 2.4. A Evolução Arquitetónica do Equipamento Escolar

### 2.4.1. Propostas de Intervenção

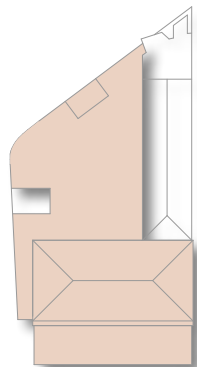


Fig. 41: Primeira Intervenção - 1ª Etapa.

Áreas de Intervenção.

Recorde-se a primeira intervenção de requalificação da *Escola Central Roberto Duarte Silva* no ano de 1986. Na ausência de empresas privadas no setor de construção civil na ilha de Santo Antão e mesmo no país, o *Ministério da Educação e Desporto* de Cabo Verde, na qualidade de dono da obra, solicitou ao M.H.O.P.<sup>62</sup> que elaborasse um plano de execução das obras necessárias. O gabinete técnico, do M.H.O.P. contou com alguns quadros técnicos<sup>63</sup> de construção civil para a elaboração do dossier<sup>64</sup>. “*Atendendo a estas premissas o seu aproveitamento foi esmerado tratando de salvaguardar as linhas arquitectónicas gerais dando inteiramente uma funcionalidade requerida para o desempenho das funções para o qual o edifício será destinado.*”<sup>65</sup>.

A primeira reabilitação do edifício foi dividida em duas etapas. Assim que se elaborou o dossier, foi dado início as obras da primeira etapa. Nessa primeira etapa realizaram obras no bloco principal, construções de novas instalações sanitárias no pátio, e também a melhoria do pavimento do pátio destinado às atividades físicas (figura 41). As operações destinadas a preexistência, integravam a reconfiguração do espaço funcional e a substituição de todos os elementos construtivos antigos e sem possibilidade de serem recuperados. Também melhoraram os alçados do edifício, evitando ações bruscas que pudessem comprometer o seu desenho original. Em relação a estrutura do edifício, não sofreu drásticas alterações (excepto a cobertura em telhas que necessitava de ser substituída porque apresentava perigo para a saúde dos frequentadores da escola). Às paredes exteriores foram mantidas, contudo tiveram que fazer substituições de algumas peças, deixando-as mais reforçadas.

<sup>62</sup> Ministério de Habitação e Obras Públicas.

<sup>63</sup> Os técnicos são: João José Soares Spencer, Engenheiro Civil Diretor Regional do M.H.O.P de Barlavento, Pedro Manuel Delgado, Arquiteto, Bjorn Branngard, arquiteto responsável, Rui Herculano Delgado, Desenhador, Hermenegildo Spencer Andrade, Orçamentista/Desenhador, Benvindo Medina, Desenhador, etc.

<sup>64</sup> No ano de 1985 foram realizados os levantamentos e também a elaboração do projecto. A primeira etapa da intervenção foi empreendida no ano de 1986, enquanto que a realização da segunda etapa só foi concebida no ano de 1992.

<sup>65</sup> Anexo 2. (p. 101).

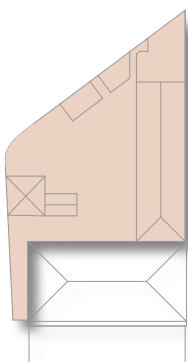


Fig. 42: Primeira Intervenção - 2ª Etapa.

Em função do crescimento contínuo do número de alunos, notou-se um desequilíbrio no toca à: quantidade de salas de aula e alunos. Nessa linha, seis anos após a primeira etapa, concretizou-se a segunda etapa do projeto, levada a cabo diretamente pelo *Gabinete Técnico do Secretariado Administrativo* do concelho de Ribeira Grande. Nessa intervenção o objetivo principal foi a anexação de dois compartimentos que durante muito tempo funcionaram como posto policial e regedoria do concelho (figura 42). Por conseguinte, esses compartimentos cederam espaço a duas salas<sup>66</sup> de aula, construção de uma garagem e oficina de manutenção de móveis escolares. Situado do lado direito da *Escola Central*, é o único bloco que se encontra vinculado ao corpo principal. Embora apresente características arquitectónicas coloniais e passar a ideia de ser contemporâneo do volume principal, permanece desconhecida a data da sua construção.

Associadamente, essa segunda etapa abarcou: a reabilitação da cantina escolar concedendo o aumento das suas dimensões; a edificação de novas instalações sanitárias contiguamente às antigas; a ampliação do espaço e melhoramento do pavimento do pátio. No âmbito dessas intervenções, foram preservadas as devidas considerações à conservação do traço arquitectónico, mediante uso dos mesmos materiais de construção e técnicas da primeira etapa. O respeito às similitudes com o corpo principal foi tido sempre em conta.

Com o passar dos anos, verificou-se um novo incremento significativo do número de alunos dessa escola e um novo plano de ampliação do espaço escolar foi necessário. Em 1998, através da cooperação Luxemburguesa, por intermédio do G.T.I.<sup>67</sup> da ilha de Santo Antão, foram feitas novas obras na escola. O grupo do G.T.I., na qualidade de responsável da obra, elaborou um concurso, através do qual declarou vencedora a empresa M.O.V.E.C.<sup>68</sup> sediada na ilha vizinha, São Vicente. O projecto traduziu-se essencialmente na construção de um novo corpo que comportaria quatro salas de aulas, duas no piso inferior e duas no piso superior, juntamente com instalações sanitárias e uma sala de informática. Este anexo segue o mesmo alinhamento que o bloco anteriormente reabilitado, encerrando um dos vértices do quarteirão. Também houve ampliação da cantina e refeitório, e transformação do pátio de recreio

<sup>66</sup> Inicialmente foram projetados quatro salas de aulas, duas no rés-de-chão e duas no primeiro andar. Mas devido a factores de varias ordens acabaram por realizar obras somente no piso inferior, deixando totalmente de lado a ideia de construir o piso superior. Sendo assim a imagem compositiva desse bloco permaneceu igual a época que adotava os serviços públicos.

<sup>67</sup> Gabinete Técnico Intermunicipal

<sup>68</sup> Construção Civil e Mobiliário, Lda.

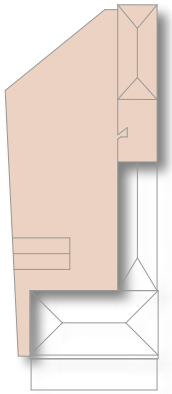


Fig. 43: Segunda Intervenção.

em espaço destinado a prática desportiva e educação física (figura 43). A obra teve uma duração, aproximadamente, de oito meses. Desde então, tem sido anualmente submetida à algumas reformas de carácter superficial que cuidadosamente não alteram a imagem do edifício: Pinturas.

Em conclusão, a intervenção mais recente na *Escola Central*, foi realizada por alunos e professores/arquitetos da U.F.S.M.<sup>69</sup> pertencentes ao curso de Arquitetura e Urbanismo, onde o projeto circunda a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais, com ênfase nas crianças com deficiência visual e auditiva. Oportunizaram condições adequadas para favorecer esse grupo de alunos, designadamente, construção de rampas e utilização de pavimentos específicos e seguros.

---

<sup>69</sup> Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Brasil.

## 2.4.2. Enquadramento Espacial (lugar)

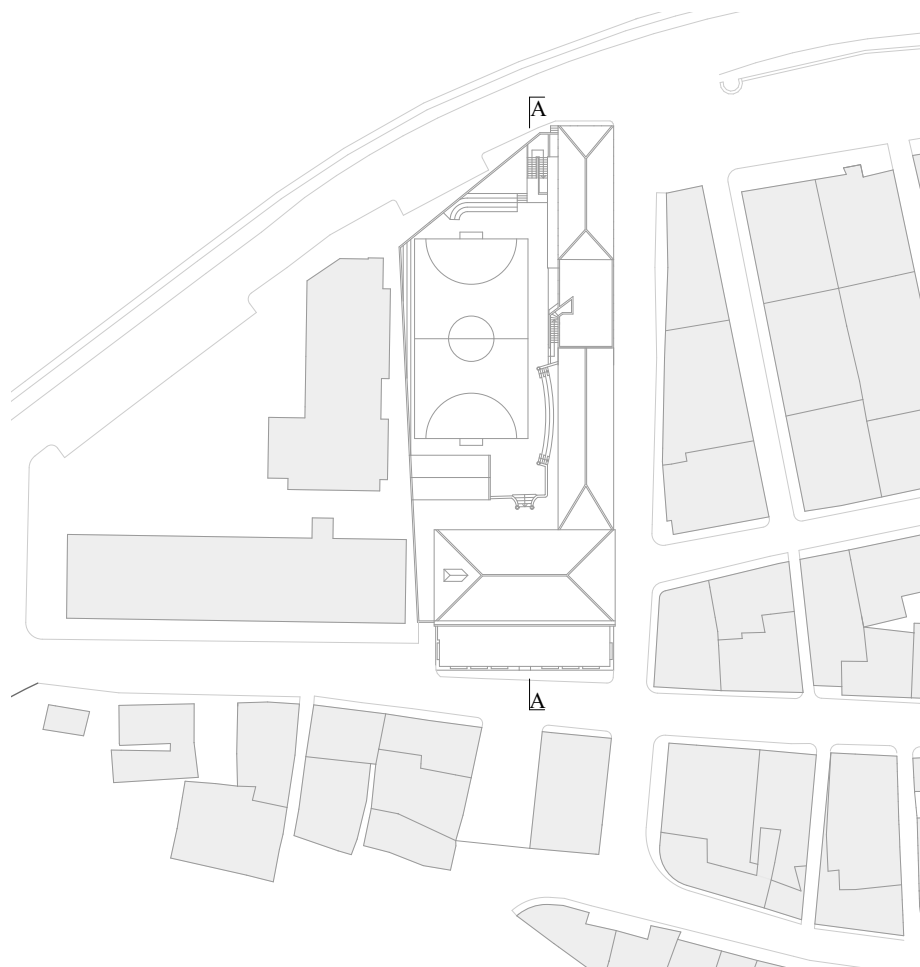


Fig. 44: Planta de implantação da Escola Central. Esc. 1/1000.

O edifício da *Escola Central Roberto Duarte Silva* está localizado na zona de rua d' Orta. Encontra-se situado numa posição verdadeiramente estratégica. A mesma enseja algumas análises que passam pela relação entre o edifício escolar e o território de implantação, tendo em conta as ruas e os quarteirões que compõem a zona. No âmbito geral, é sabido que a localização de edifícios escolares seguem uma lógica de expansão territorial pela sua capacidade de infra-estruturar e dinamizar novas zonas de uma cidade, especialmente zonas habitacionais. Particularmente, a escola encontra-se implantada numa zona de expansão da cidade numa das extremidades do centro urbano de Ribeira Grande. Para além da sua localização na cidade, o edifício escolar não deixa de estar relacionado e interconectado com o tecido urbano. Este reflete no seu desenho a maneira como o próprio edifício enfrenta, impregna, ou demarca o envolvente urbano (figura 47). Apesar de estar ligeiramente afastado do centro histórico, reflete no seu desenho de implantação a sua reconhecida importância histórica.

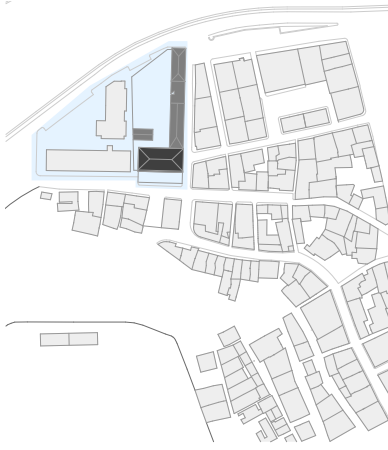


Fig. 45: Morfologia do lote da Escola Central atualmente.

■ Volumes novos.

■ Preexistência.

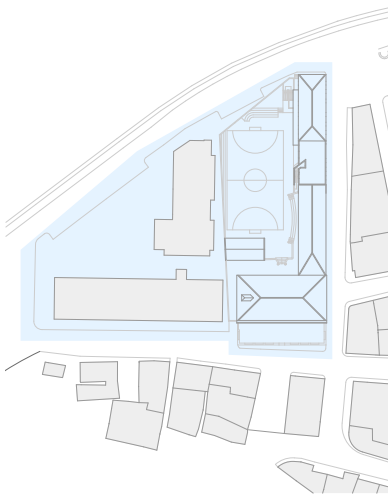


Fig. 46: Composição do quarteirão da Escola Central.



Fig. 47: A Escola Central em relação com a sua envolvente atual, e a organização dos volumes no interior do lote.

Quando se trata de composição urbana e reconhecimento espacial é fundamental referir os elementos essenciais que compõem um tecido urbano. Começando por uma escala maior, aponta-se como dois dos principais componentes, os quarteirões e as ruas que delimitam essas divisões organizadoras do espaço. E de seguida, vêm os elementos que interferem directamente na disposição do próprio quarteirão, praças e edifícios (quer habitações, quer equipamentos).

O quarteirão onde se localiza o equipamento é o quarteirão de maior dimensão em toda a região de rua d' Orta (figura 45). Assume uma forma geométrica praticamente triangular (figura 46), o que acabou por definir em parte o desenho da escola e também dos restantes edifícios que nele se encontram. Encontram-se projectados mais dois edifícios, um desempenha funções empresariais (figura 48) e o outro habitacional (figura 49). O quarteirão está dividido em três lotes, onde cada volume detém a sua parcela, ocupando a *Escola Central* a maior delas. O edifício empresarial situa-se na seção traseira do quarteirão, isso se contarmos como parte frontal do quarteirão a fachada principal da escola. Devido ao seu posicionamento e a sua relação com a malha urbana, faz mais sentido atribuí-la essa característica. A relação existente entre esse edifício e a escola passa pela melhor percepção do limite do lote da academia. Além de assumir uma posição bem definida no quarteirão, esse edifício cria uma relação paralela com os volumes secundários que compõem o edificado escolar. Ou seja, eles assumem uma ordenação perpendicular ao bloco principal da escola. Em frente ao mesmo edifício, deparamos com uma parcela que configura uma praça, dando mais sentido a sua entrada principal. Um ponto interessante que celebra a relação entre os edifícios e demonstra o conceito de relação antropológica do espaço,

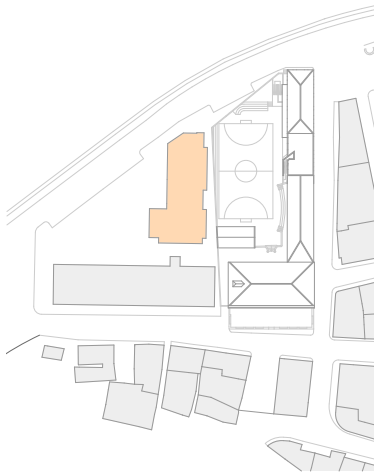


Fig. 48: Mancha Laranja - Edifício empresarial.

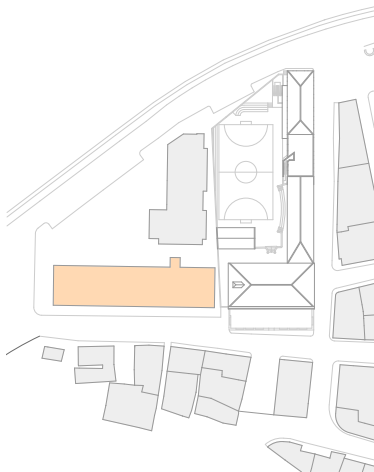


Fig. 49: Mancha Laranja - Edifício habitacional.



Fig. 50: Contraste existente entre a escola e o edifício plurifamiliar.

é o facto da praça ser usada frequentemente pelos estudantes da *Escola Central* como sede recreativa.

O edifício habitacional que faz frente com a rua principal de rua d' Orta, está alinhado com o bloco principal do instituto. Além da sua orientação em relação a escola, ela também propaga longitudinalmente pela rua, deixando visível a sua forte relação com o quarteirão. A implantação desse edifício plurifamiliar foi conseguida, porém, não fugiu da alçada de um certo debate por conta da sua dimensão, mais concretamente da sua altura.

Estabelecendo um nexos de comparação, A *Escola Central*, por si só, surpreende pela sua dimensão e pelo contraste com a paisagem envolvente. Até certo ponto, esse contraste evidencia a presença do edifício escolar e singulariza o equipamento, quer ao longo do percurso, quer imediatamente junto ao próprio. Contudo, o edifício plurifamiliar que partilha da mesma área, enfatiza mormente o conceito de contraste. Forma-se um sistema de contraste tripartido, em função de uma diferença de escala entre a escola, os outros edifícios que formam o território e o prédio. O edifício em questão não é portador de qualquer simbolismo que justifique a combinação envergadura e localização. Exerce uma interferência considerável no desenho da cidade, que durante muito tempo vem sendo moldado de acordo com a pré-existência.

Apesar da cidade usualmente apresentar características estruturais semelhante às das antigas cidades medievais, os edifícios tentam buscar uma certa relação entre eles como forma de manter uma disposição mais organizada e significativa. Esses alinhamentos configuram um espaço desprovido de interferências que não fazem parte desse encadeamento edificado.

Em análise ao desenho de implantação do quarteirão e as ruas que delimitam esse espaço, refere-se reiteradamente a posição singular que a escola assume. Das quatro faces do edifício, três delas estão relacionadas directamente com às ruas que contornam a *Escola Central*, facilitando assim a sua conexão com o espaço público. O prolongamento da rua principal avança em direção ao equipamento, passando pela fachada principal do edifício escolar, e isso fortifica ainda mais a relação que a escola tem com o eixo urbanístico de Ribeira Grande, comprovando que “... *edifícios escolares localizam-se*

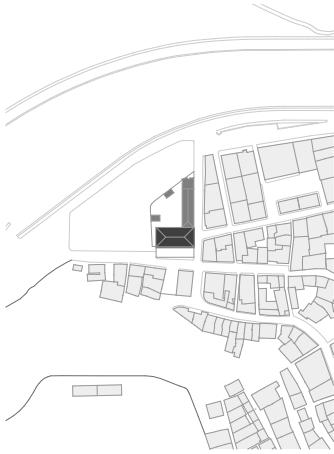


Fig. 51: Morfologia do lote antes da primeira intervenção.



Fig. 52: Morfologia do lote depois da primeira intervenção.



Fig. 53: Acesso principal da Escola Central.

geralmente no prolongamento ou remate de um eixo urbanístico. Estes critérios formais reforçam a monumentalidade do equipamento público.”<sup>70</sup>.

É evidente que durante o processo de modernização da *Escola Central*, o espaço de implantação sofreu algumas alterações. E se analisarmos a morfologia do lote da escola, apercebemos de que existem grandes diferenças entre o antes e o depois das intervenções, principalmente após a segunda intervenção realizada no ano de 1998, onde o limite do lote foi efetivamente alterado.

É importante compreender e clarificar as alterações feitas no edifício. O edifício escolar apresenta transformações significativas, principalmente alterações morfológicas, que por sinal é o assunto primordial dessa parte do desenvolvimento. Para perceber essas transformações é importante entender o conceito do André Santos. O autor defende que intervenções realizadas em espaços escolares podem ser divididas morfológicamente em três tendências ou famílias de soluções: Intervenção inexistente, intervenção pontual e intervenção profunda. A intervenção inexistente está ligada as escolas que não sofrem alterações na sua morfologia ou no tamanho do seu lote, mantendo assim o seu cenário original de configuração e respeitando o limite do lugar.<sup>71</sup> A intervenção pontual trata-se das escolas que sofrem alterações, porém precisas e pontuais no delineamento das suas demarcações, geralmente nas zonas junto aos acessos, ou para incorporar áreas de apoios, como por exemplo compartimentos técnicos.<sup>72</sup> Já a intervenção profunda, às escolas sofrem transformações radicais, em muitos casos redefinindo morfológicamente o espaço e conseqüentemente alterando a forma de usar o local de implantação.<sup>73</sup>

Introduzindo a ideia de André Santos, na estrutura de implantação da *Escola Central*, pode-se afirmar que a escola se enquadra no grupo dos edifícios pertencentes às intervenções pontuais. Mesmo assim, apresenta características do grupo das intervenções inexistentes.

<sup>70</sup> **MONIZ, Gonçalo; FERREIRA, Carolina** - O Edifício Escolar para o Ensino Secundário: A Infraestrutura Urbana Uma análise sobre os Modos de Articulação Arquitetónicos e Urbanos. In **ALEGRE, Alexandra; HEITOR, Teresa** - Arquitetura Escolar em Portugal: Educação, Património e Desafios. (p. 92).

<sup>71</sup> **SANTOS, André** - Similaridades e singularidades na reabilitação arquitetónica do parque escolar: programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E. no norte de Portugal (2007-2011). (p. 389).

<sup>72</sup> *Idem.*

<sup>73</sup> *Idem.*



Fig. 54: Pátio frontal que dá acesso ao edifício (não sofreu alterações durante as intervenções).



Fig. 55: Acessos posteriores do edifício e as suas relações com o espaço urbano.

O sistema de acessos frontal não foi, e continua não sendo alvo de qualquer alteração (figura 54), mantendo-se sempre a entrada principal no volume monumental e paralelo com a rua principal de rua d' Orta, em relação com o eixo urbanístico. As alterações que ocorreram na geometria do lote do edifício aconteceram na parte traseira. E isso esclarece o facto do edifício não apresentar transformações no seu plano frontal, mantendo intacto o desenho da sua fachada principal, e também do seu pátio frontal. Com essas modificações supracitadas criaram-se novas entradas no lado posterior do edifício, acessos independentes (figura 55) que são utilizados por pessoas que vão usufruir exclusivamente do pátio, tanto para a prática de atividades desportivas e como para a realização de alguns eventos<sup>74</sup> que acontecem anualmente. Em última análise, mantém-se a entrada principal centralizada e destinada à população estudantil, aos funcionários, e aos docentes, funcionando somente nos horários que decorrem as aulas. A redefinição do lote, antes de mais nada, proporcionou um aumento de forma necessária e adequada da escola, concebendo um prolongamento longitudinal do espaço escolar, alterando assim a sua disposição no quarteirão, gerando no seu limite uma proximidade bem reduzida relativamente ao espaço público. Esse processo de remodelação da escola e construção do novo volume, estimulou a reformulação espacial do edifício, e conseqüentemente atualização do sistema de acesso. Como resultado, houve essa necessidade de criar novas entradas com acessibilidades exclusivas na parte posterior. Até então, não se tinha um acesso directo ao recinto. Essa evolução dimensional que o edifício sofreu, acabou por despertar novas perspectivas em relação aos espaços internos e externos, a sua estrutura, composição, funcionalidade e materialidade, o que levou a analisar de forma mais subjectiva a sua ligação com o todo.

---

<sup>74</sup> Festas de finalistas, palestras, tardes de chá, festas de final de ano, noites cabo-verdianas (convívio com música tradicional ao vivo, associado a uma ementa com pratos típicos da culinária cabo-verdiana e não só), torneios desportivos, etc.

### 2.4.3. Composição



Fig. 56: Composição volumétrica do bloco principal da Escola Central, e os elementos que compõem a sua fachada.

*“... o carácter arquitetónico dos alçados era estudado segundo o vocabulário clássico da arquitetura, conjuntamente com elementos vegetais tais como árvores de grande porte ou arbustos a fim de construir um plano cénico de remate das composições urbanísticas.”<sup>75</sup>*

A linguagem do edifício determina uma hierarquia formal de património linguístico diferenciado, para com as quatro fachadas, essencialmente a fachada principal, e a fachada lateral direito que faz frente com a rua longitudinal.

O bloco principal da *Escola Central* encarrega-se de um protagonismo simbólico enquanto elemento vultoso. Expressa a sua importância enquanto equipamento, direcionado ao contexto político e social. Apesar da época em que o edifício foi construído, ou seja, época de grande formalismo nos edifícios públicos, a sua fachada principal apresenta uma composição de grande simplicidade. Apresenta alguns elementos decorativos simplistas com a intenção de garantir a sua dignidade e significado. O edifício não exhibe qualquer ornamentação extravagante, na ideia de manter a sua relação com contexto em que ele se encontra inserido. Embora o edifício assume uma posição de destaque devido sua tipologia, a escola tenta buscar um equilíbrio

<sup>75</sup> MONIZ, Gonçalo; FERREIRA, Carolina - O Edifício Escolar para o Ensino Secundário: A Infraestrutura Urbana Uma análise sobre os Modos de Articulação Arquitetónicos e Urbanos. In ALEGRE, Alexandra; HEITOR, Teresa - Arquitetura Escolar em Portugal: Educação, Património e Desafios. (p. 92).

com a sua envolvente. Os elementos de composição que mais se destacam no alçado principal são: as janelas, as portas, e o frontão triangular centralizado na parte superior da fachada frontal que remete a arquitetura neoclássica<sup>76</sup>. Observando a fachada principal (figura 57) pode-se dizer que ela se encontra dividida em três módulos. O primeiro módulo (lado esquerdo) é composto por três janelas e uma porta, uma janela e a porta no piso inferior, e duas janelas no andar superior. O lado direito acaba por seguir essa mesma disposição, mantendo-se assim uma relação entre os dois lados opostos. Já o módulo central apresenta uma disposição totalmente diferente, começando por apresentar seis aberturas, das quais no piso inferior encontra-se duas janelas e a porta central que delimita com clareza a entrada principal do equipamento. O piso superior expõe três aberturas, cada uma representa uma varanda que podem ser facilmente confundidas por janelas, por apresentarem um desenho parecido com as janelas que seguem o mesmo alinhamento. De modo geral, esses elementos de composição tentam manter uma relação bem aproximada entre eles, levando em consideração o afastamento, a altura e a largura que cada um traz. As outras faces do bloco principal também seguem a mesma disposição que o alçado principal, tendo em conta a proporção e a distribuição espacial no interior que corresponde a cada alçado. Os mesmos elementos se repetem por todo o volume, e conseqüentemente nas intervenções de reabilitação de todo o edifício. Tentou-se aplicar esse mesmo conceito, buscando cada vez mais a relação entre os blocos e unificando-os. É importante referir que a maioria dos elementos de composição (portas e janelas) pertencentes aos blocos que compõe o equipamento, estão meramente associadas umas as outras. Aparentemente todas elas estão envolvidas por uma moldura de cor branca fazendo contraste com a cor do próprio edifício. Além disso, assumem o mesmo desenho geométrico (quadrangular ou retangular) como forma de manter um destaque estético e ornamental semelhante por toda a escola.

---

<sup>76</sup> A arquitetura neoclássica é um estilo arquitectónico que promoveu, entre os séculos XVIII e XIX, um retorno às formas da cultura greco-romana da Antiguidade. O neoclassicismo privilegiava a simplicidade composicional e espacial, valorizando elementos típicos da antiguidade clássica, como pórticos com colunas, cúpulas, fachadas rectas e frontões.



Fig. 57: Alçado Frontal da Escola Central. Esc. 1/500.

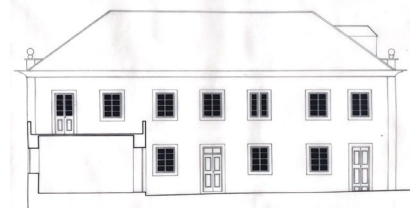


Fig. 58: Alçado Posterior do volume principal da Escola Central. Esc. 1/500.



Fig.59: Alçado Posterior da Escola Central. Esc. 1/500.

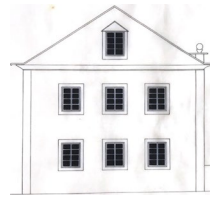


Fig. 60: Alçado Lateral Esquerdo do volume principal da Escola Central. Esc. 1/500.

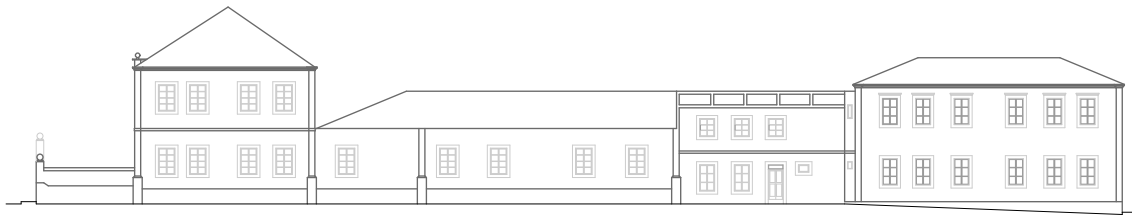


Fig. 61: Alçado Lateral Direito da Escola Central. Esc. 1/500.

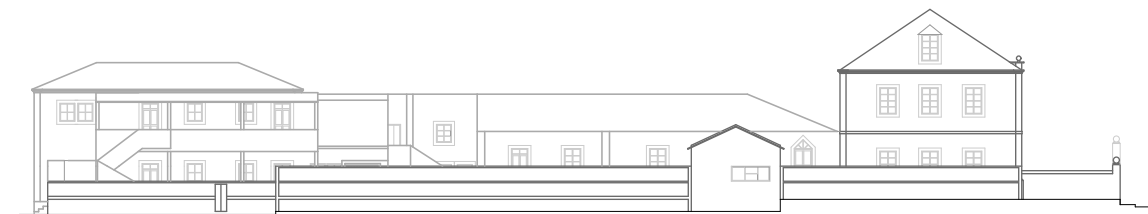


Fig. 62: Alçado Lateral Esquerdo da Escola Central. Esc. 1/500.

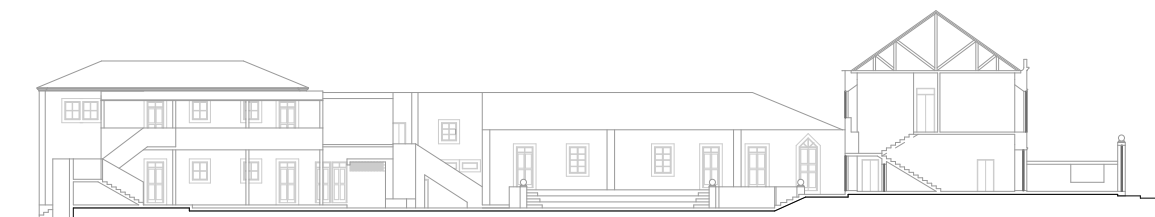


Fig. 63: Corte (AA) da Escola Central. Esc. 1/500.



Fig. 64: Vista do alçado esquerdo e a apresentação do muro de separação.



Fig. 65: A continuidade do muro e a sua relação com o espaço privado.



Fig. 66: A relação do muro com o volume da Escola Central.

O alçado lateral esquerdo da escola (figura 64) assume uma localização comprometedora da sua imagem, devido o facto de partilhar o mesmo espaço com os restantes limites dos lotes do quarteirão. Por essa razão, influenciou na escolha do posicionamento do recinto desportivo e as restantes organizações do espaço escolar. Como consequência, a configuração da fachada originou um desenho singelo e funcional. O muro que separa o espaço escolar dos outros lotes é simples e objetiva (figura 65). Ela propaga por uma longa extensão, sempre de forma agradável e proporcional a dimensão do pátio e do espaço privado. Além disso, permite uma visão da parte interna do edifício, e ao mesmo tempo mantém em segurança as crianças que frequentam a escola, tornando-o mais eficiente na sua estruturação e funcionalidade.

Ao analisar com atenção a configuração do alçado posterior do edifício (figura 59), constata-se um remate entre os dois alçados laterais. O desenho que o alçado posterior nos apresenta, aparenta ser uma interseção entre as duas fachadas laterais. Há uma continuidade do muro do alçado lateral esquerdo direcionada à parte traseira do edifício. E esse ponto de quebra no muro acabou por gerar uma conexão com o volume localizado no entroncamento. Esse volume está situado numa posição privilegiada, por conta disso, ele se abre para três lados, fazendo frente com a rua traseira, com a rua lateral e a ainda abre para o pátio que se encontra no interior da escola (figura 63). Por ser um gaveto, facilita a sua relação com as duas faces, e conseqüentemente com a rua. Mas, há que ter em mente que, o alcance dessa concepção só foi possível graças à morfologia do lote. Estes detalhes nos ajudam a entender o edifício como um todo, e a ligação entre todos os elementos que compõem a *Escola Central*. A utilização de diversas escalas no momento de projetar, acabou por ser um dos factores mais importantes para se entender o cortejo necessário ao remate do edifício, designadamente, uma análise acertada desde a implantação até o material utilizado.

O alçado direito do edifício (figura 61), é provavelmente, o que mais configura no desenho a evolução arquitectónica do edifício. É o único alçado que representa de forma agregada todos os blocos que passaram por uma reabilitação. Esse alçado conta uma história, onde podemos encontrar a ligação entre cada volume pertencente a cada época distinta. Basicamente, a fachada resume-se a uma linha do tempo onde cada corpo representa um momento histórico. A ligação existente não corresponde somente aos



Fig. 67: A ligação existente entre todos os volumes que compõem a Escola Central.



Fig. 68: O volume mais novo em harmonia com os restantes blocos interligados.

volumes, mas também na sua pele. Essa capacidade dos blocos de se relacionarem entre si mesmo pertencendo a épocas diferentes, demonstra o quão singular pode ser a arquitetura (figura 67). No alçado podemos observar uma hierarquia que é proporcionada pelas diferenças de alturas de cada volume, permitindo assim, destacar como elemento maior o edifício mestre. O respeito dos outros blocos em relação a unidade principal dignifica ainda mais o volume monumental. Essas relações existentes entre os componentes da escola tentaram alcançar intencionalmente uma ideia de renovação significativa da sua imagem, levando em consideração uma ideia de modernidade e de atualidade. A imagem total do equipamento escolar se define como uma imagem integrada e coerente na articulação dos volumes preexistentes e o novo, gerando uma uniformidade.

Quando se trata de intervenções de requalificações em escolas, essas intervenções podem ser divididas essencialmente em três famílias de identidade. Intervenções individualizadas, são aquelas que se alegam pela junção de diferentes tempos de intervenção, buscando manter a identidade e clareza que os diferenciam, caracterizando a solução pelo soma de diferentes elementos.<sup>77</sup> Intervenções coerentes, são aquelas que proporcionam um sentido de unidade e coerência formal, mantendo a identidade de cada um dos edifícios. Além disso é possível observar uma harmonização mútua dos diferentes tempos de intervenção, ou seja, a definição compositiva das preexistências é igualmente utilizada na definição da linguagem nos novos edifícios, com o intuito de aproximar os edifícios de cada tempo.<sup>78</sup> Por fim, intervenções unificadoras, são aquelas que tencionam possibilitar uma identidade global a partir de um sentido de unidade formal introduzindo uma nova pele como estratégia de unificar a imagem global dos edifícios (preexistentes e novos) segundo uma e única lógica formal.<sup>79</sup>

Em análise, pode-se afirmar que a *Escola Central* se enquadra no grupo das intervenções coerentes. Como é evidente a intervenção defende os valores da preexistência, em busca de uma não alteração na imagem do edifício principal. Todos os quatro elementos rehabilitados e construídos de novo, respeitam alinhamentos, escalas de proporção que lhes concedem garantir um

<sup>77</sup> SANTOS, André - Similaridades e singularidades na reabilitação arquitetónica do parque escolar: programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E. no norte de Portugal (2007-2011). (p. 424).

<sup>78</sup> SANTOS, André - Similaridades e singularidades na reabilitação arquitetónica do parque escolar: programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E. no norte de Portugal (2007-2011). (p. 424).

<sup>79</sup> *Idem.*

sentido de coerência com o bloco original. A imagem gerada pela união de todos os volumes, concede-nos a oportunidade de contemplar um desenho arquitectónico denso onde claramente o volume mestre assume um protagonismo sem que os restantes blocos obscureçam a sua dominância, e mesmo assim apresentar uma ligação coesa e pacífica. Esse estado de coisas dá azo à uma composição equilibrada e harmoniosa do conjunto.

#### 2.4.4. Funcionalidade

*“O papel do arquiteto num edifício é, como sabemos, nuclear. É ele que o “assina”, pese duplo sentido do verbo: que institucionalmente se responsabiliza por ele, da concepção à construção e manutenção; e que lhe confere um carácter de “obra”, na relação entre funcional e estética.”<sup>80</sup>.*

Planear e entender o processo de concepção de um espaço escolar, essencialmente uma escola primária, pode originar um exercício significativo. A escola, como espaço de frequência obrigatória, é conotativamente uma segunda casa para os estudantes, e isso gera uma grande responsabilidade para quem tem o escopo de moldar um espaço dessa importância. Os encarregados de educação, na condição de integrantes cruciais da comunidade educativa, são de certa forma, impactados pelo significado pessoalmente edificante de uma escola. Nessa esteira, projetar com sensibilidade e conhecimento atribui uma ferramenta ímpar à cadeia de influências: estudante, encarregados de educação e sociedade.

A arquitetura escolar estabelece uma ideia organizada e precisa sobre a projeção de um espaço, principalmente num espaço interior, que busca a utilidade e funcionalidade na sua concepção tipológica. Isso leva-nos a reconhecer que *“... o espaço escolar é um espaço disciplinar e disciplinado, regulado e controlada: onde, como e com que se aprende (trabalha), se brinca, se come, se entra, se sai, se convive... um espaço autonomizado, físico e simbolicamente separado do exterior...”<sup>81</sup>*. Essa separação entre o espaço interior e o exterior proporciona segurança, contudo, em simultâneo, *“... transfere para o interior da escola um poder próprio de ação e relação sobre*

---

<sup>80</sup> SANTOS, Helena - Que educação no futuro?. In LADIANA, Daniela (coord.); LOPES, Nuno Lacerda; AFONSO, Rui - A Escola Ideal. (p. 33).

<sup>81</sup> *Idem, ibidem.* (p. 30).

*as crianças, que o torna, necessariamente, um poder sobre as famílias e a sociedade em geral.”*<sup>82</sup>.

A ideia base para a projeção de um espaço escolar está direcionada a versatilidade, principalmente quando se trata de adaptação de um edifício antigo às funções escolares. A criação de espaços multifuncionais proporciona diversas experiências no mesmo espaço. Escolas “... *com espaços múltiplos para múltiplas utilizações, com espaços diversificados, interiores e exteriores, com áreas de trabalho correspondentes aos núcleos de aprendizagem ...*”<sup>83</sup> permitem uma maior organização espacial e conseqüentemente facilitam na percepção e na articulação entre os espaços que compõem o ambiente escolar. Elaborar espaços dignos de alguma ambigüidade estimula a curiosidade, ou seja, proporciona no visitante uma sensação de bem estar e liberdade, originando assim um momento de compatibilidade entre a pessoa e o lugar. Para chegar nessa concepção o arquiteto precisa oscilar entre o técnico e o artístico, com a intenção de gerar espaços funcionais e com um certo valor cultural.

*“O que está em jogo não é simplesmente a funcionalidade, a beleza e o optimismo que o edifício transmite mas o modo como o espaço permite e se associa a uma determinada prática de ensino-aprendizagem.”*<sup>84</sup>. Vivendo numa época caracterizada pela mudança, diversidade e complexidade, os projectistas utilizam o termo adaptabilidade nas suas concepções como forma de solucionar diversos problemas. Portanto, começam a desenvolver ideias, novas formas de ver o espaço e suas oportunas caracterizações.

Segundo Maria Bacharel são vários os tipos de espaço onde pode ocorrer experiências de aprendizagem. Podem ser divididos em dois grandes grupos: espaços convencionais de aprendizagem e espaços complementares de aprendizagem. Os espaços convencionais de aprendizagem, são aqueles espaços tradicionalmente associados a um ambiente letivo, ou seja, nesses espaços enquadram-se o anfiteatro, a sala de aula, laboratório, espaço de simulação, espaço desportivo, biblioteca, espaço de aprendizagem e

---

<sup>82</sup> **SANTOS, Helena** - Que educação no futuro?. In **LADIANA, Daniela (coord.); LOPES, Nuno Lacerda; AFONSO, Rui** - A Escola Ideal. (p. 30).

<sup>83</sup> **CRUZ, Marta** - “Critérios para a construção de indicadores”. In **AFONSO, Rui; LADIANA, Daniela (org.)** - O espaço da escola. Conceitos, métodos e instrumentos para projecto e gestão do património escolar. (p. 64).

<sup>84</sup> **BERNARDO, João Manuel** - Pensar a escola do futuro. In **LADIANA, Daniela (coord.); LOPES, Nuno Lacerda; AFONSO, Rui** - A Escola Ideal. (p. 51).

gabinete.<sup>85</sup> Já espaços complementares de aprendizagem, são espaços onde existem partilha de conhecimento, não obstante, nem sempre serem vistos como tal. Essa visão dá-se pelo teor informal usualmente tido durante o desdobramento da aprendizagem. Esses espaços abarcam o espaço de convívio, de reflexão, espaço verde, café, refeitório, espaços de distribuição, espaços de circulação, pátios e praças.<sup>86</sup> Aplicando esse conceito na *Escola Central*, vamos deparar com alguns casos que justificam esse conceito. Em abono a sua capacidade de versatilidade, o recinto desportivo configura um caso específico de enquadramento nos dois grupos. Isto é, além de ser um espaço convencional de aprendizagem em benefício de disciplinas como a educação física, durante o recreio transforma-se num pátio (figura 69).



Fig. 69: O pátio da Escola Central.

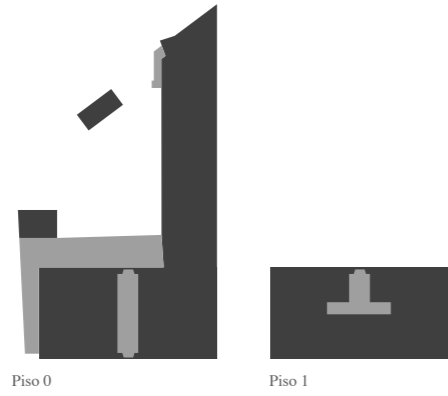
A aprendizagem de modo geral, precisa de uma estrutura física que possibilite um sentimento de presença, bem-estar e de harmonia. Os espaços de aprendizagem devem ter significados, e consequentemente o espaço deve ser perceptível aos seus utilizadores, de modo a estabelecer uma relação entre eles. A conversão de um espaço num lugar pode ser obtida de diversas formas. Contudo, criar um espaço de aprendizagem personalizado e com identidade, está associado a arquitetura.

---

<sup>85</sup> BACHAREL, Maria - Espaços e lugares de aprendizagem. In LADIANA, Daniela (coord.); LOPES, Nuno Lacerda; AFONSO, Rui - A Escola Ideal. (p. 82).

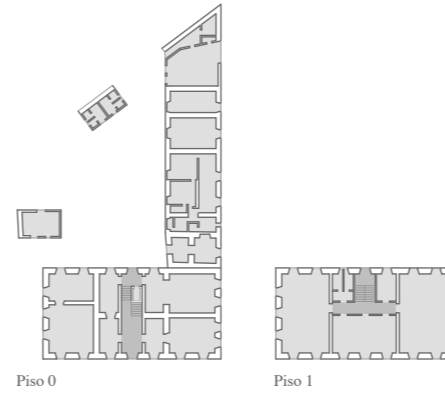
<sup>86</sup> *Idem.* (p. 89).

Volumetria e sistema de circulações (exterior e interior).

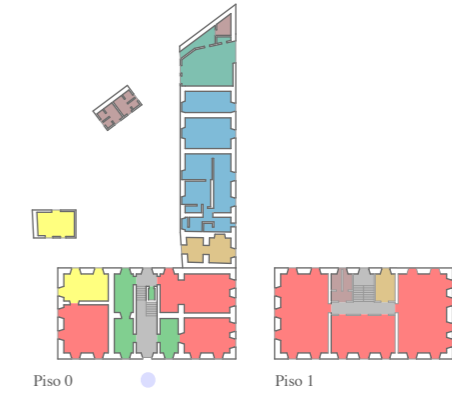


**Plantas de Levantamento.**

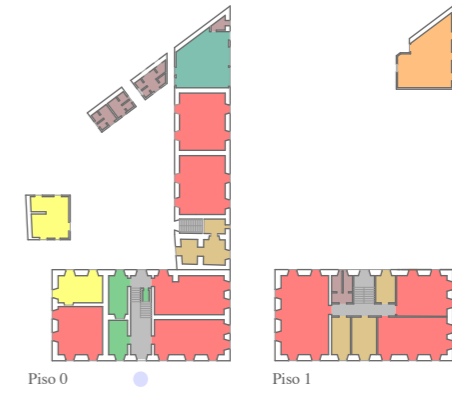
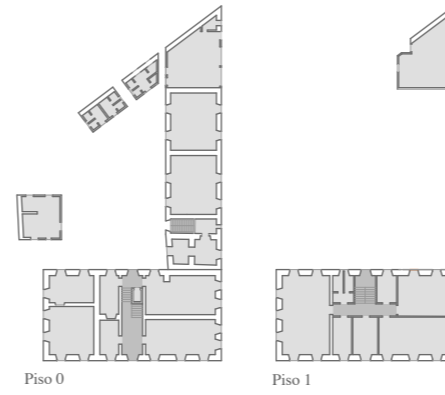
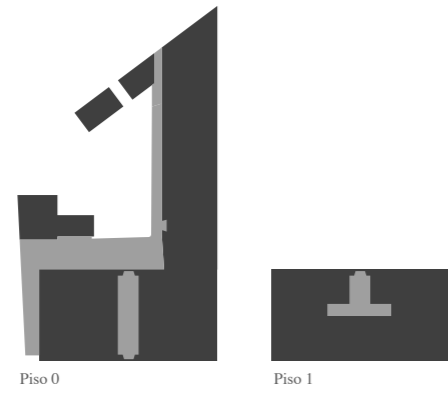
Composição espacial e sistema de circulação.



Caracterização espacial.



**Primeira Intervenção.**



**Segunda Intervenção.**

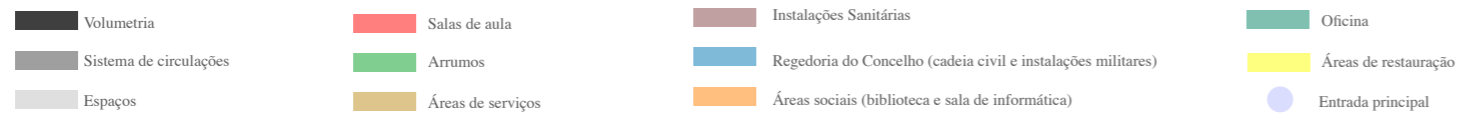
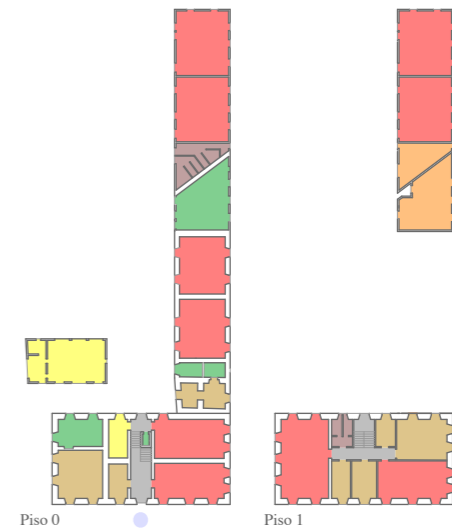
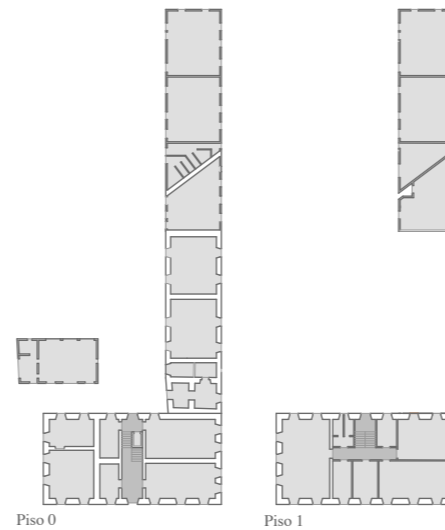
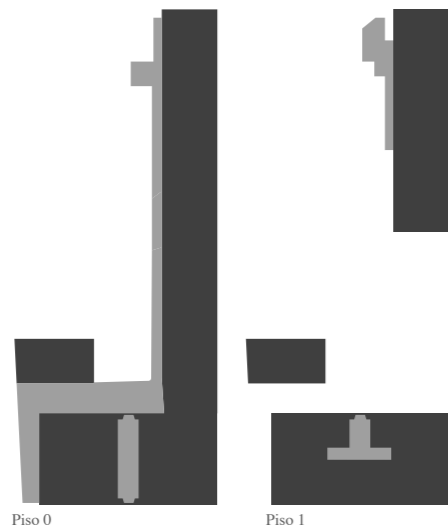


Fig. 70: Plantas do processo evolutivo da Escola Central, e a sua respetiva organização espacial. Esc. 1/1000.

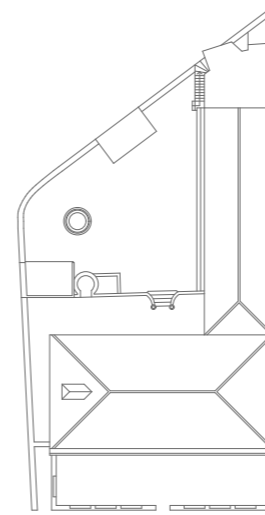


Fig. 71: Planta de cobertura (levantamento).

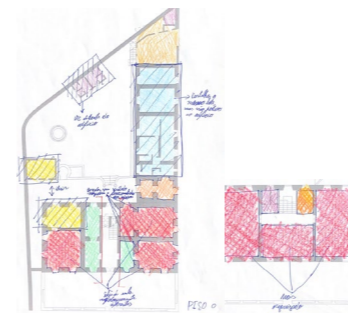


Fig. 72: Análise dos espaços (plantas de levantamento).



Fig. 73: Alçado lateral direito antes das intervenções. O bloco principal em conformidade com o volume que pertencia a regedoria do concelho (acesso pela rua).



Fig. 74: Alçado lateral direito atualmente. A ligação dos volumes que compõem a Escola Central.

Os desenhos de levantamento (figura 70) da *Escola Central* são os principais pontos de partida para analisar a evolução tipológica do edifício. Neles, encontram-se bem explícitas as suas organizações espaciais antes das intervenções. O lote era constituído por um pátio frontal, o volume principal, uma cozinha, duas instalações sanitárias e uma oficina, todos situados no pátio posterior. O lote ainda contava com a presença do edifício da regedoria do concelho, que logicamente não fazia parte do edifício escolar, até porque o edifício não se abria para o pátio, ou seja, fazia frente somente para a rua que percorre longitudinalmente o lado direito da escola. A escola apresentava uma notável desorganização morfológica, o que acabou por condicionar a funcionalidade dos espaços e as suas relações, contudo, as áreas mais afetadas por causa da distribuição espacial da instituição, aparentam estar no seu próprio interior.

O bloco principal apresentava no piso inferior três salas de arrumos, um refeitório e três salas de aula. A área de circulação que se encontrava no centro do edifício proporcionou uma divisão do volume em duas partes. O lado esquerdo contava com quatro compartimentos. Já o lado direito, era composto por três cômodos. Analisando os espaços na sua totalidade podemos afirmar que as salas de arrumos são os únicos que apresentavam a mesma fisionomia e o melhor posicionamento dentro do edifício. As salas de aula que supostamente deveriam apresentar uma morfologia mais adequada a sua função, não o adotavam. O formato e o posicionamento das salas de aula eram confusas, isso significa que não davam uma resposta adequada a tipologia que um edifício escolar deve assumir. Duas das salas de aula tinham o acesso pelo exterior, ou seja, a entrada era feita a partir do pátio frontal. Exclusivamente uma sala tinha o seu acesso no interior do edifício e conectado a área de circulação. Com exatamente cinco compartimentos, a distribuição espacial no piso superior era inteiramente diferente do piso térreo. Os compartimentos neste piso se articulavam entre si, as salas de aula apresentavam o mesmo desenho morfológico e praticamente a mesma dimensão, ou seja, a concepção espacial fez com que elas se mantivessem proporcionais ao edifício e a elas mesmas. Os acessos aos espaços eram todos bem definidos e relacionavam de forma directa e com a área de circulação, clarificando a funcionalidade do piso.

O pátio em si era pequeno (figura 71), o que claramente condicionou o sistema de circulação nessa área. O espaço do recreio basicamente não

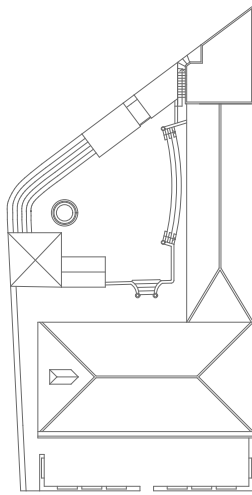


Fig. 75: Planta de cobertura (primeira intervenção).

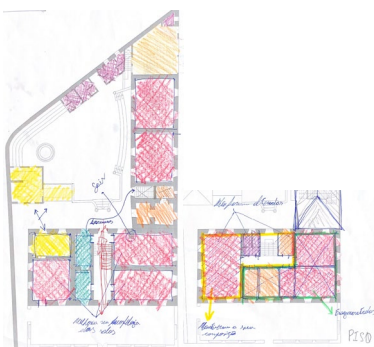


Fig. 76: Análise dos espaços (primeira intervenção).



Fig. 77: A conexão existente entre os espaços de circulações com o pátio e com a volumetria.



Fig. 78: A configuração volumétrica da Escola Central em conciliação com o pátio.

assumia um sistema de circulação nítido. Havia duas escadas e uma bancada encostada no edifício de serviços públicos, mas não adotava um percurso claro e definido. O pátio não assumia um desenho que pudesse demonstrar e diferenciar os espaços, tratava-se somente de um lugar simples que replicava a sua única função como pátio escolar. Nela não se encontrava lugares que proporcionassem diferentes convívios partilhando o mesmo espaço. Era um espaço uniforme que se enquadrava morfológicamente ao desenho competitivo dos edifícios.

A realização da primeira reabilitação (figura 70) no edifício da *Escola Central* trouxe diversas alterações nos sistemas compositivos, tipológicos e consequentemente funcionais. O método utilizado na reabilitação e configuração dos espaços foi aplicada de forma segura e consistente. As ações realizadas fizeram com que a tipologia do edifício fosse alterada eternamente. Alteraram em grande parte a configuração dos espaços, o seu funcionamento, mas também a forma de projetar e como intervir de modo preciso num edifício escolar. Essa reabilitação teve um marco definitivo, pelo que, até hoje o edifício não sofreu intervenções no seu interior. Ou seja, a sua organização espacial foi tão bem conseguida que não foram necessárias novas alterações a quando da segunda intervenção a que a escola foi sujeita. Tendo em consideração a não modificação da morfologia do lote, pode-se dizer que todas as alterações aconteceram dentro do espaço da escola, tanto no pátio como nos espaços internos do edifício. Vale realçar que o bloco da regedoria do concelho, nessa intervenção passou a exercer funções escolares, em contemplação a um aumento dimensional do edifício, que por sua vez não sofreu alteração no seu lote. Obviamente essa fase criou novos desafios e problemas a serem resolvidos. O objetivo tido nessa operação era de criar espaços mais uniformes que se relacionassem entre si, buscando uma distribuição espacial mais eficiente e que pudesse responder de forma homogénea a configuração da *Escola Central*.

Essa fase foi marcada pela evolução geométrica das salas de aula, melhoria na organização dos espaços e também a nova configuração do pátio. Começando por analisar o sistema de circulação no interior do bloco principal, é notável que ele não sofreu qualquer alteração, tanto no piso térreo como no piso superior. Convém realçar que a intervenção estava direcionada aos cómodos, deixando igualmente a ideia de adaptação dos espaços ao sistema de circulação e não o contrário. É evidente que um edifício monumental assume



Fig. 79: Sistema de circulação no interior do bloco principal.



Fig. 80: Corredor que dá acesso aos compartimentos superiores do bloco principal.



Fig. 81: Sala de aula.

uma forma geométrica retangular geralmente dispõe de um espaço de circulação elementar e centralizado, portanto seria mais racional alterar a morfologia dos espaços do que o sistema de circulação.

O piso térreo do volume mestre, antes da primeira intervenção possuía oito compartimentos. Posteriormente, com a redefinição dos espaços passou a conter sete compartimentos. A nova reconfiguração espacial tentava buscar uma maior simplicidade e funcionalidade dos espaços, principalmente das salas de aula. Passou a ter duas salas de arrumo, (isso porque a sala de arrumo à direita foi unida a uma sala de aula) mantiveram o refeitório e também as três salas de aula. Contudo, as duas salas a direita é que sofreram alterações. Melhoraram a geometria dos espaços, e uma delas passou a ter a entrada conectada a área de circulação. As novas redefinições tornaram os espaços mais apropriados a desempenharem funções de salas de aula. As duas salas que foram construídas no “novo” edifício assumiram a mesma morfologia das salas no interior do bloco principal. Nesse sentido, desenvolveu-se uma relação entre os espaços de educação tornando os blocos que compõe o espaço escolar mais agregados. O piso superior, apesar de anteriormente apresentar uma configuração bem elaborada e funcional acabou por sofrer alterações precisas e justificativas (figura 72). Antes, com cinco cômodos, passou a assumir sete compartimentos. A redefinição do andar superior é talvez a que mais foi pensada do ponto de vista funcional. Dos cinco compartimentos existentes, três não sofreram alterações. Isso significa que a sala central e a sala lateral direita tiveram que ser fragmentadas com o escopo de conceber os dois novos espaços planejados. Conseguiram garantir os espaços das três salas e ainda criar esses dois compartimentos. Apesar de uma das salas de aula passar a ter um tamanho menor do que as outras duas, mesmo assim, manteve-se apto para a realização da sua função. Independentemente de toda a intervenção realizada, deixaram intacto o sistema de acesso, ou seja, não foi necessário intervir no posicionamento das escadas e nem do corredor.

O pátio, nessa intervenção (figura 75), assumiu um desenho mais definido e objetivo. Começou a apresentar espaços distintos e relacionados com a configuração dos blocos sanitários e da cantina. A cantina (com esplanada) passou a ter um tamanho maior assim como, a projeção de mais um bloco sanitário. Houve também a projeção de duas arquibancadas, uma encostada ao muro que delimitava o lote da escola e outra chegada ao novo volume que

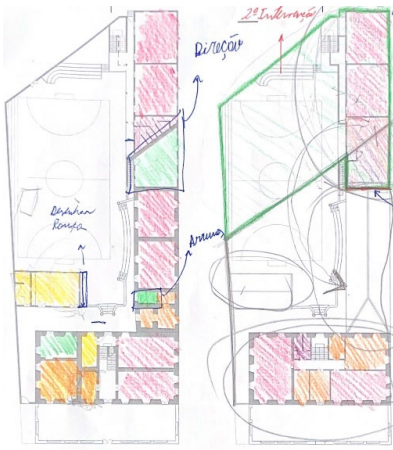


Fig. 82: Análise dos espaços (segunda intervenção).



Fig. 83: O novo volume com um sistema de acesso mais elaborado.



Fig. 84: Sistema de circulação e acesso e aos volumes secundários.

compunha a *Escola Central*. A arquibancada próxima ao novo volume, foi projectada com o propósito de servir de acesso as duas salas de aulas, dada a sua cota um pouco mais elevada do que a cota do pátio. Apesar do espaço exterior apresentar um sistema de circulação mais elaborado que a anterior, continua sendo uma intervenção não muito bem delineada.

A segunda intervenção (figura 70) estaria relacionada diretamente ao aumento do território da escola. Os edifícios que já existiam não sofreram alterações arquitectónicas, excepto os blocos sanitários que foram demolidos (dando lugar ao recinto desportivo), e a cantina que mais uma vez aumentaram o seu tamanho. A assunção de funções que dialoguem com o próprio tamanho e a respectiva localização, constituiu o ponto central das alterações levadas a cabo.

Esse processo de reabilitação configurou na parte traseira um novo volume que veio reorganizar o lote e o sistema de circulação no pátio da escola. As novas salas criadas mantiveram a mesma configuração morfológica que as salas existentes. Conseguiram criar um novo bloco, manter as mesmas proporções espaciais e consequentemente assumir devidamente as suas funções. Essa segunda intervenção permite-nos uma análise holística da escola em relação a sua organização espacial, visto que, a sua concretização definiu em último momento a estrutura morfológica do edifício escolar. A nova concepção dos espaços interiores, e em particular a relação existente com os sistemas de circulações, criou uma ideia mais unificadora dos espaços. Embora não houvesse intervenções na reformulação da estrutura espacial dos edifícios existentes, essa nova construção permitiu um redesenho dos sistemas de circulação, a procura de uma reorganização funcional mais adequada e sintetizada, visto que, anteriormente não apresentava um sistema “... *tão decididamente organizador e estruturador da globalidade da escola...*”<sup>87</sup>. Com a concepção do recinto desportivo, seria necessária a criação de um percurso mais adequado para circular no pátio, uma vez que, grande parte das salas de aula situadas nos blocos secundários exigiam uma exposição ao exterior para lhes acederem (figura 84). Exclusivamente na secção recém construída tentaram aprimorar o sistema de circulação (figura 83) e consequentemente os acessos aos compartimentos. Melhoraram a sua

<sup>87</sup> SANTOS, André - Similaridades e singularidades na reabilitação arquitectónica do parque escolar: programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E. no norte de Portugal (2007-2011). (p. 481).

funcionalidade com um desenho modernizado e mais claro, desenvolvendo um percurso coberto nos dois pisos com maior abono à segurança.

O último projecto<sup>88</sup> de intervenção assumiu uma particularidade, por ser vocacionada ao benefício crianças com deficiências visuais e auditivas, como anteriormente explanado. Inobstante o seu significado e o seu condão inclusivo, tal intervenção não alterou o funcionamento e nem a tipologia do edifício escolar. Posto isso, podemos dizer que, apesar dos edifícios apresentarem uma imagem harmónica, ainda assim demonstram características independentes quando se trata da funcionalidade espacial.



Fig. 85: A harmonia no espaço. Os materiais utilizados na sua configuração.



Fig. 86: Imagem da porta.

#### 2.4.5. Materialidade e Sistema Construtivo

A intenção de preservar um edifício monumental não se resume excepcionalmente ao seu esqueleto. Para manter viva a história que o edifício possui, é preciso um olhar mais pormenorizado. A imagem que representa um edifício está no seu acabamento, ou seja, os materiais e os sistemas construtivos utilizados, de certa forma permitem ao ser humano uma experiência mais perceptível.

A primeira intervenção na *Escola Central* definiu todos os materiais e sistema construtivo que daí em diante a escola contemplaria. Durante a execução do projecto tiveram que substituir praticamente todos os elementos que se encontravam em estado de degradação. Para melhores efeitos, tentaram primar pela conservação de maior semelhança possível no momento da reforma. O interior do edifício apresentava um estado de conservação razoável, mas a intenção era reforçar a estrutura e também reformular todos os elementos construtivos.

Começaram por substituir a cobertura do bloco principal. Esta era composta por telhas de lusalite que foram substituídas por telhas de fibrocimento, mantendo parcialmente a estrutura em madeira de carvalho (asnas e madres) mediante o bom estado que apresentavam. Também foram alteradas as ripas danificadas por madeira de mogno. O teto falso do piso superior foi

---

<sup>88</sup> Anexo 4. (p. 109 a 110).

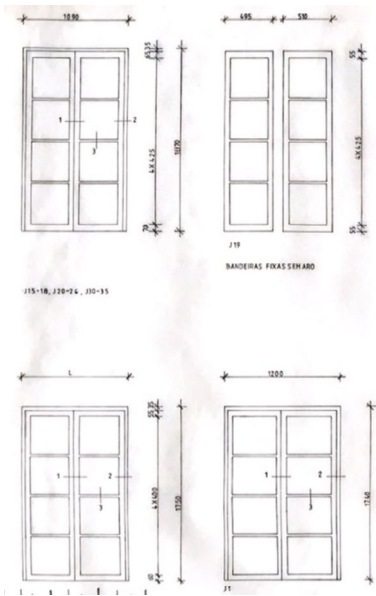


Fig. 87: Desenho das janelas.

substituído por derivado de placas de platex, incluindo colocação de uma nova estrutura de suporte em madeira de mogno.<sup>89</sup>

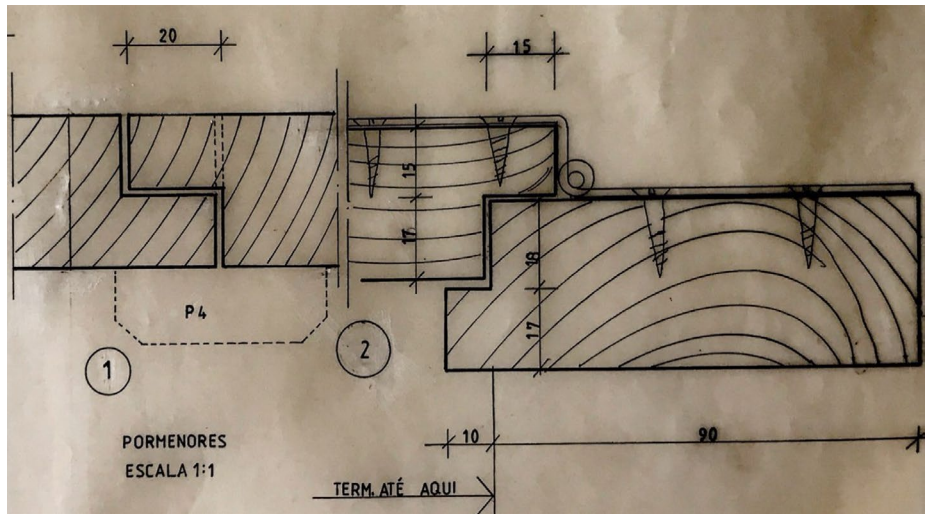


Fig. 88: Pormenor construtivo das portas.

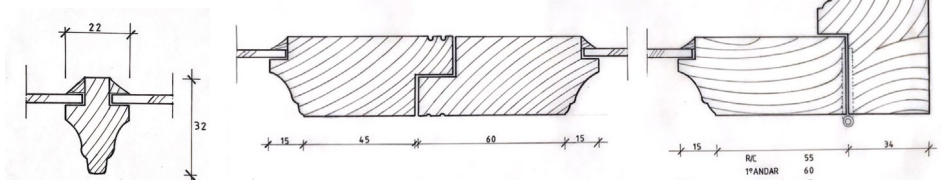
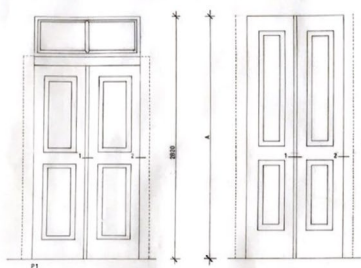


Fig. 89: Pormenor construtivo das janelas.

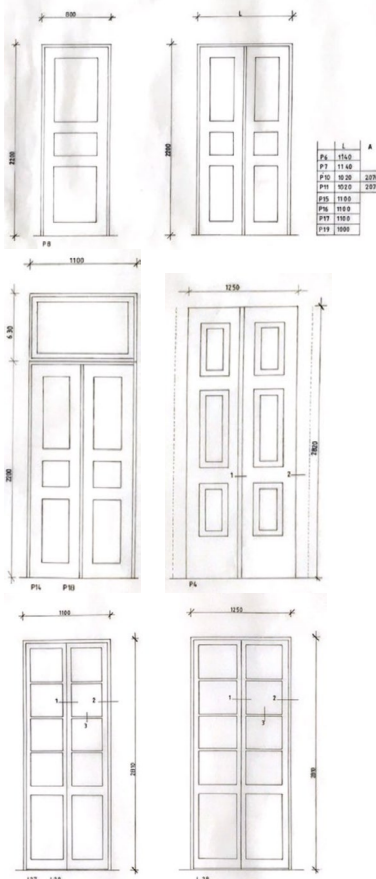


Fig. 90: Desenho das portas.

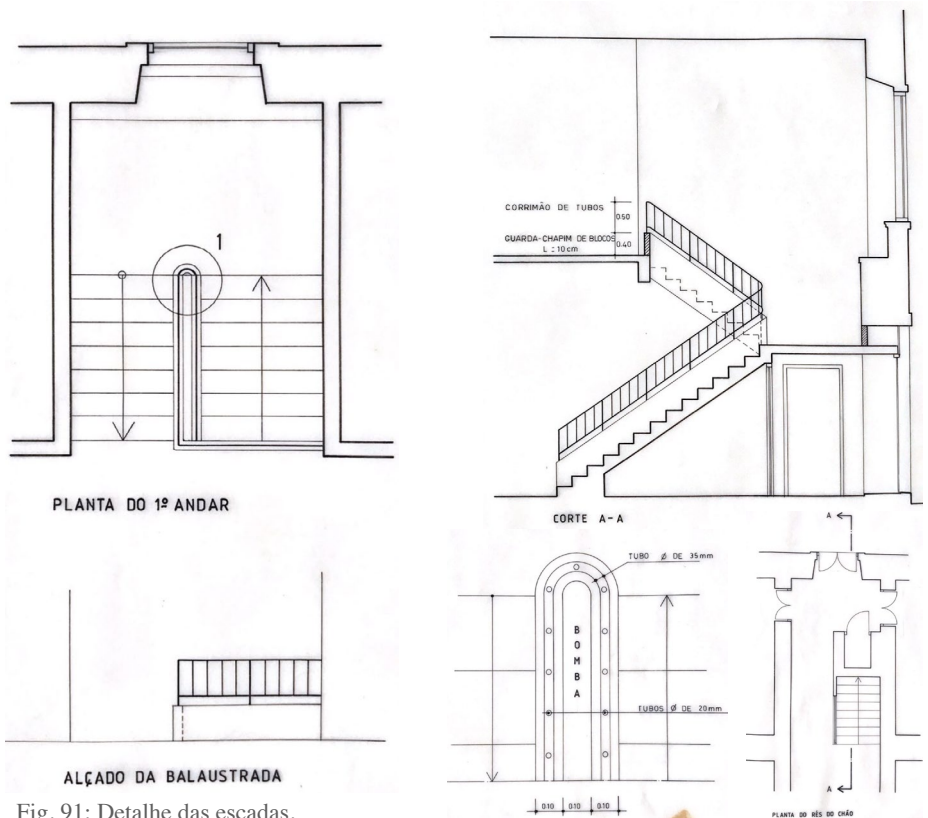


Fig. 91: Detalhe das escadas.

<sup>89</sup> Anexo 2. (p. 103).



Fig.92: Apresentação do material utilizado na construção da porta e a sua configuração.



Fig.93: Materiais utilizados na concepção das escadas.

Pelo seu estado de degradação, o pavimento em madeira carvalho (soalho) nos dois pisos foi substituído por laje de betão armado e posteriormente revestido com betonilha simples de argamassa de cimento para servir de leito de mosaico na fase de acabamento. Os lambris de azulejos antigos nas instalações sanitárias e da pequena cantina foram retirados, dando lugar ao revestimento de novos azulejos. Os pavimento do interior dos compartimentos foram revestidos com mosaico cerâmico, enquanto que no pátio frontal, na arquibancada e no pátio traseiro foram aplicados betonilha simples. Por sua vez, as paredes interior e exterior foram revestidas em reboco.<sup>90</sup>

A tubagem de canalização de água potável existente em ferro galvanizado e a tubagem de esgoto em tubos de grés deram lugar a tubos de pvc. Deve-se referir também que as louças sanitárias existentes no imóvel foram substituídas.<sup>91</sup>

Deixou-se de ter a carpintaria de portas e janelas em madeira de carvalho, e passou-se a ter madeiras de mogno. O corrimão das escadas no interior do bloco principal foi alterado, assumindo um material em ferro galvanizado.<sup>92</sup>

A cor utilizada na pintura do exterior do edifício é considerada característica. A maioria dos edifícios pertencentes ao Estado do concelho e na ilha, são tingidos com a cor ocre amarelo. Aplicaram essa tinta nas fachadas do edifício, e a cor branca nas cornijas e nas molduras salientes envolventes das portas e janelas. Nas paredes interiores das salas de aula, tetos, rebocos e os restantes compartimentos incluindo áreas de circulação, optou-se pela tinta de esmalte de cor cinzento num lambril de até 1,50 m de altura, e a cor branca na restante divisão. Em toda a carpintaria de portas e janelas, utilizaram tinta de esmalte da cor cinzenta e esmalte de cor branca nos tetos.<sup>93</sup>

Ainda hoje, a maioria dos materiais e o sistema construtivo utilizados na reabilitação de 1986 podem ser encontradas. Atualmente, urge uma restauração do edifício, porém, até o momento não tem havido ações que sinalizem nesse sentido. Na segunda intervenção replicaram as mesmas técnicas, com o intuito de manter uma relação mútua entre todos os blocos que compõe o equipamento escolar.

<sup>90</sup> Anexo 2. (p. 102).

<sup>91</sup> Anexo 2. (p. 103).

<sup>92</sup> Anexo 2. (p. 103).

<sup>93</sup> Anexo 2. (p. 103).

**3. COMPARAÇÃO COM ESCOLAS  
PRIMÁRIAS EM SANTO  
ANTÃO, CONCELHO DE  
RIBEIRA GRANDE**

O ensino em Cabo Verde desde sempre passou por várias limitações, que muito marcaram o funcionamento das escolas, e que em casos mais fraturantes, contribuíram para o encerramento dessas escolas. Inúmeros são os factores que afetaram a evolução escolar no país. O problema de saúde pública, nas suas várias vertentes, foi um dos motivos que prejudicou essa evolução. Como exemplo concreto, destacam-se as epidemias (gripe, varíola...), que ao longo dos anos foram responsáveis pelo encerramento temporário de algumas escolas. Outro factor, talvez o mais importante, foi a ausência de edifícios adequados para o ensino, já que as escolas “... *deviam ser instaladas em edifícios próprios com materiais didáticos indispensáveis para o ensino e aprendizagem.*”<sup>94</sup>. Como solução, instalou-se instituições de ensino em habitações. Edifícios despreparados e não condizentes com as exigências de tal atividade. Portanto, esclarece-se que, “... *por não serem concebidos para funcionarem como instalações escolares, não tinham as necessárias condições pedagógicas, higiénicas, de arejamento e iluminação exigidas pela lei.*”<sup>95</sup>. Não desmerecendo o importante papel da versatilidade e flexibilidade de atender demandas, valoriza-se as inúmeras opções de ocupação, mesmo não estando na presença das melhores condições. Contudo, por vezes, características provisórias passam a definitivas, sem o devido preparo. O espaço assume um estado paliativo que serve para enfrentar um problema temporário e não com o intuito de mudança. Na ilha de Santo Antão, as zonas rurais são os principais sequeiros desse tipo de abordagem. A especificidade de Santo Antão que dificultou a sua evolução escolar (construção de novos edifícios escolares) é a sua topografia acidentada, essencialmente no concelho de Ribeira Grande. A orografia do lugar agiu em desfavor a aprendizagem. A necessidade de contornar cordilheiras, transformou caminhos que podiam ser curtos em longos. Sendo assim, tiveram que arranjar condições básicas de ensino para as crianças que não poderiam frequentar o centro da cidade de Ribeira Grande. Tão básicas que, em alguns casos a mesma sala de aula abrigava classes etárias diferentes, assistindo aulas no mesmo horário. O que faz um espaço não é apenas a sua materialidade, nestes casos, o que mais importou foi a respetiva funcionalidade, provando que o espaço deve ser multifuncional.

---

<sup>94</sup> PEREIRA, Ana Mafalda - Subsídios para a História da Educação em Cabo Verde: Organização e Funcionamento do Sector dos Primórdios à República Portuguesa, (p. 121).

<sup>95</sup> *Idem.* (p. 122).

“Nos primórdios da 1ª República Portuguesa, isto é, antes da reforma de 1917, existiam na província de Cabo Verde 110 estabelecimentos de ensino, dos quais 88 eram escolas - oficiais e municipais, e 22 eram postos de ensino municipais.”<sup>96</sup>. Contudo, após a reforma o número aumentou para um total de 158 instalações de ensino por toda a colónia. Desses 158 estabelecimentos, Ribeira Grande que antes tinha 14 escolas (inauguradas entre 1836 e 1850, primeiras escolas criadas em Santo Antão), passou a possuir 17 infra-estruturas.

Em 1990 foi realizado um diagnóstico sobre a educação escolar em Santo Antão, onde o objetivo foi “... adquirir dados qualificativos sobre a eficácia e o acesso aos vários níveis do ensino em Santo Antão.”<sup>97</sup>. E consequentemente “familiarizar a missão em relação às percepções dos professores, dos alunos e dos pais ou encarregados de educação acerca da ligação escola-comunidade.”<sup>98</sup>. Com esse diagnóstico apontaram a existência de 36 escolas do ensino básico no concelho de Ribeira Grande. A *Câmara Municipal de Ribeira Grande*, com participação financeira do *Ministério de Educação e Desporto* de Cabo Verde e da cooperação Luxemburguesa, entre 1990 e 2003, realizou obras de reabilitações e construções de novas escolas de ensino básico. O projeto consistia em criar um modelo básico e aplica-lo tanto nas escolas que seriam ampliadas e requalificadas, como também nas que seriam construídas de raiz. Esse modelo-tipo integrava uma sala de aula no piso inferior, caixa de escadas e uma sala de aula no piso superior. Era um volume retangular com cobertura em telha de duas águas. Tratava-se de um projeto simples e preciso que traria melhorias impactantes, principalmente para as localidades de difícil acesso. Porém, esse projecto foi implementado só nalgumas escolas<sup>99</sup>.

O último levantamento realizado em 2010 pela *Câmara Municipal de Ribeira Grande*, indicou que o concelho continha, à data, 31 escolas primárias<sup>100</sup>. Um dos propósitos desse levantamento foi a recriação de desenhos projectuais de

---

<sup>96</sup> PEREIRA, Ana Mafalda - Subsídios para a História da Educação em Cabo Verde: Organização e Funcionamento do Sector dos Primórdios à República Portuguesa, (p. 124).

<sup>97</sup> DELGADO, Alexandra - Diagnóstico da Educação Escolar em Santo Antão, (p. 3).

<sup>98</sup> *Idem*.

<sup>99</sup> Isso porque as obras eram realizadas consoante a disponibilidade financeira, e também existiam escolas que não precisavam de ampliações, apenas intervenções mais pontuais (pinturas, carpintaria, mobiliário, etc.).

<sup>100</sup> As condições de mobilidade/deslocamento foram otimizadas com a requalificação e construção de novas infra-estruturas, designadamente, estradas de penetração e acesso aos recônditos povoados. Essa medida acabou por levar ao encerramento de algumas escolas, pela alegada abertura da possibilidade de frequentar um equipamento mais adequado sediado nas zonas mais desenvolvidas.

algumas escolas, já que uma fração delas não dispunham de projeto original. Além disso, a construção de novas cantinas e instalações sanitárias em falta constituiu um propósito.

Dessas 31 escolas, pretende-se analisar três casos específicos. A *Escola Primária de Ponta do Sol*, a *Escola Primária de Corda* e a *Escola Primária de Tanque*. A escolha desses casos foi em função das suas localizações, tipologias e morfologia. Foi tido em conta a análise realizada anteriormente e as suas relações com o principal caso de estudo, a *Escola Central*.

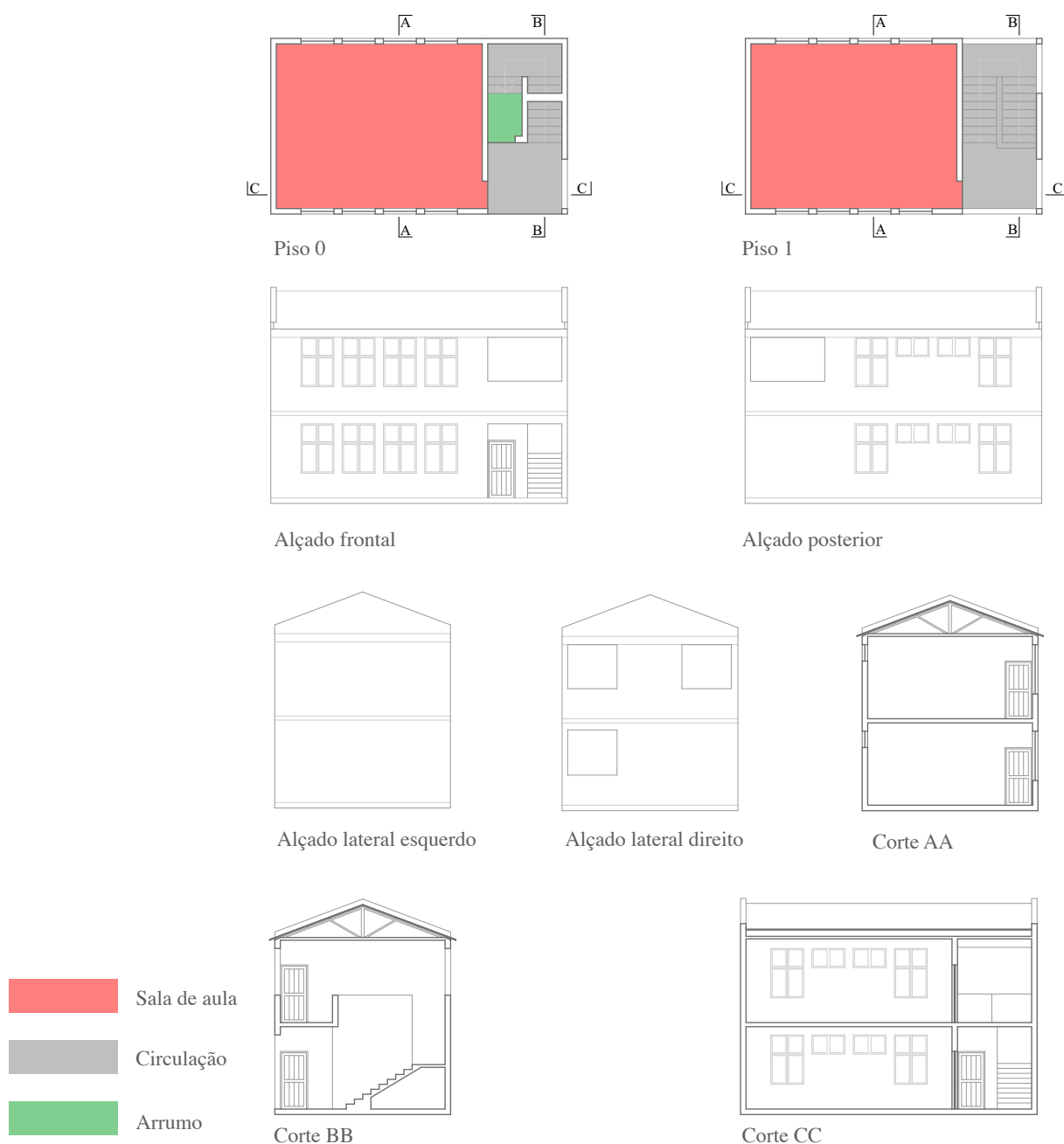


Fig. 94: Desenhos do Modelo-tipo, das escolas primárias em Ribeira Grande. Esc. 1/200.

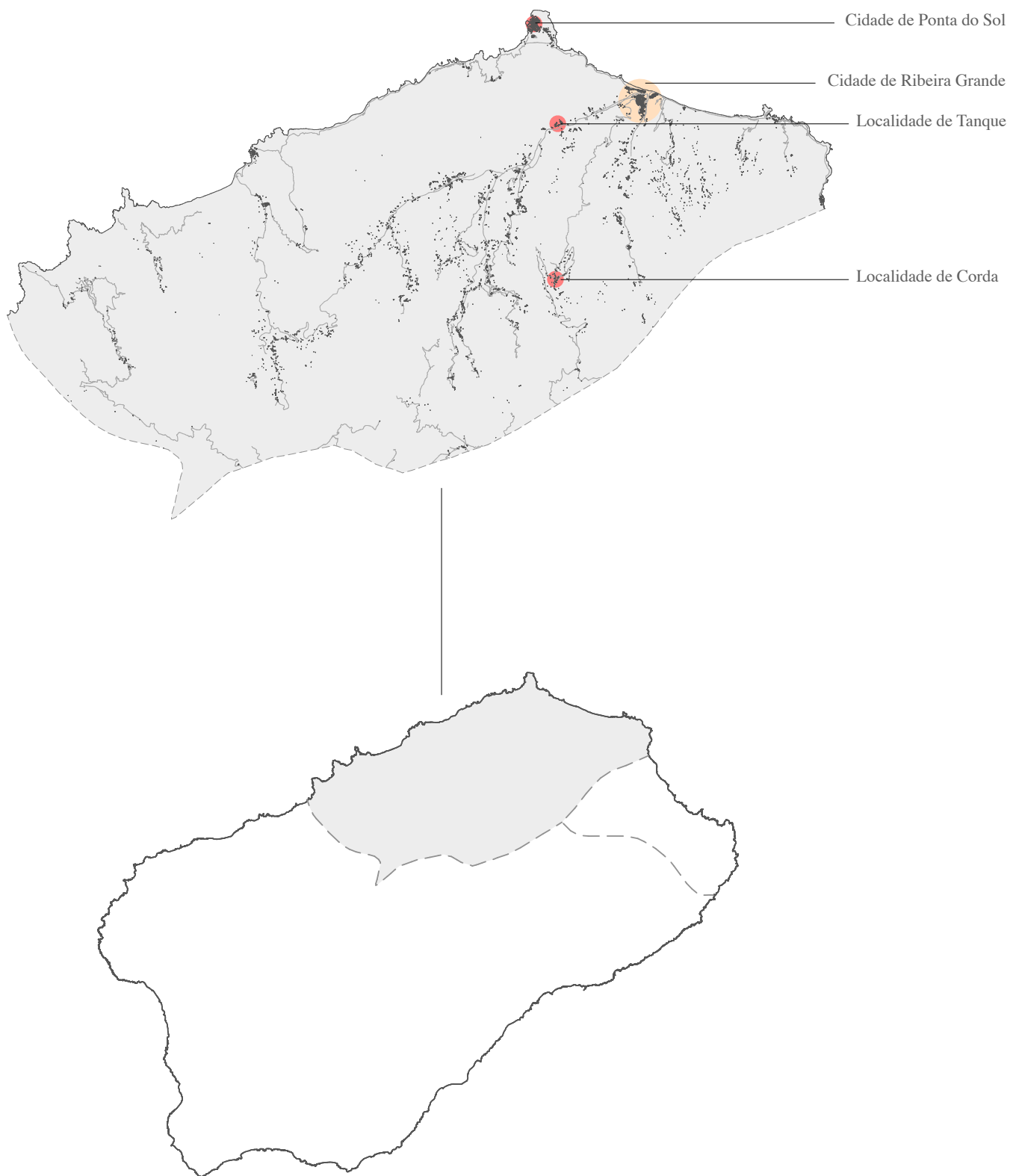


Fig. 95: Secção do concelho de Ribeira Grande e localização das escolas.

### 3.1. Escola Primária de Ponta do Sol

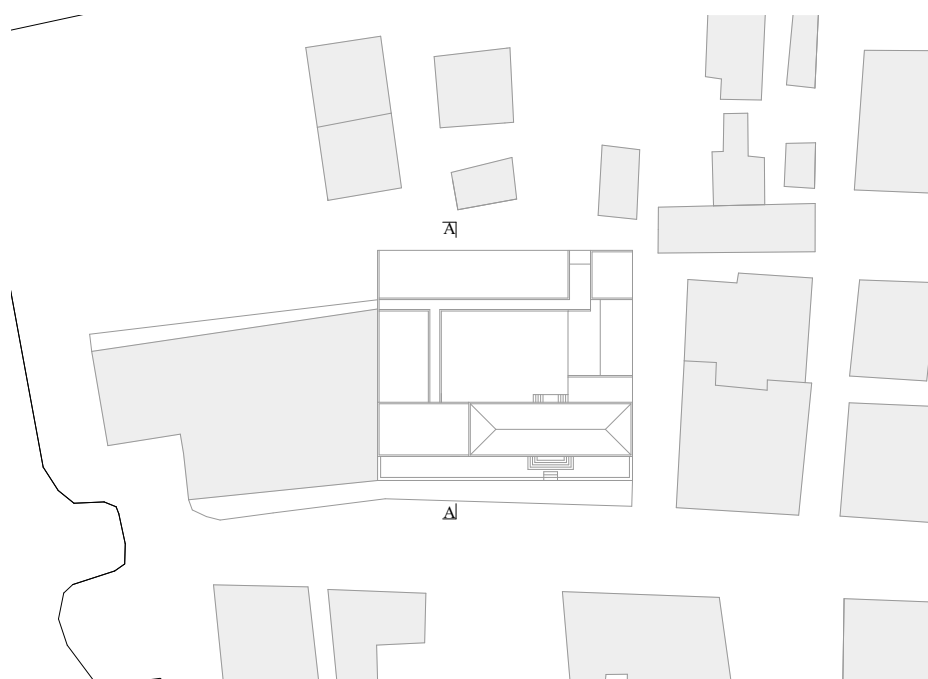


Fig. 98: Planta de implantação do edifício da Escola de Ponta do Sol. Esc. 1/1000.



Fig. 96: Morfologia do lote da Escola de Ponta do Sol.

■ Volumes novos.

■ Preexistência.



Fig. 97: Vista de cima da Escola de Ponta do Sol.

É pertinente analisar a relação existente entre a *Escola Primária de Ponta do Sol* e a *Escola Central Roberto Duarte Silva*, porque elas apresentam características semelhantes, tanto nos equipamentos como nos territórios de implantação. Primeiramente, a cidade de Ponta do Sol assume uma posição territorial vantajosa. A sua posição geográfica é muito favorável, contando com uma topografia praticamente plana. Isso acabou por gerar uma organização do espaço urbano muito bem elaborado, facilitando e acelerando o crescimento da cidade.

As semelhanças mais marcantes entre as duas escolas não estão na sua configuração, ou seja, no aspecto físico delas. O que realmente aproxima as escolas é o processo evolutivo. Antes do ano de 1975 o espaço escolar era limitado a um único bloco. Construído na época colonial para dar suporte educacional às poucas crianças que viviam nessa comunidade. Por se encontrar numa fase evolutiva incipiente, a antiga povoação não tinha necessidade de um edifício maior. Na primeira metade da década de 90, o Governo de Cabo Verde juntamente com o *Ministério da Educação e Desporto* apresentaram uma proposta de requalificação, onde o objetivo seria a ampliação do equipamento escolar de Ponta do Sol.



Fig. 99: Entrada lateral que dá acesso direto ao pátio.



Fig. 100: Vista do alçado lateral direito da escola.



Fig. 101: Vista do alçado posterior da escola.



Fig. 102: Vista do pátio central da escola.



Fig. 103: A frente do edifício da Escola de Ponta do Sol, e a sua relação com a envolvente.

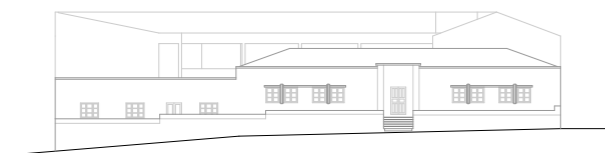
A *Escola Primária de Ponta do Sol* faz frente com uma das ruas mais importantes da cidade. Essa rua inicia-se no largo da Câmara Municipal e prolonga-se até a região onde está localizado o porto mais antigo da ilha. A envolvente da escola aparenta ser muito similar à envolvente da *Escola Central*. Está rodeada de edifícios habitacionais, e partilha o quarteirão com um hotel, que ao meu ver não respeita a configuração urbana da cidade e nem do próprio edifício vizinho, a escola. A requalificação do edifício fez com que a morfologia do lote fosse alterada. Atualmente, o equipamento apresenta uma configuração retangular (figura 97) que abraça os limites do quarteirão, ficando assim com três frentes livres. A construção do novo bloco busca atender morfologicamente os valores da preexistência, proporcionando um sentido de coerência global. O acesso principal do edifício mantém a sua posição original. Após a nova configuração volumétrica, houve a necessidade de se criar uma nova entrada do lado direito do edifício (figura 99) que dá acesso direto ao pátio. As alterações que ocorreram na geometria do lote do edifício, aconteceram inteiramente na parte traseira, a semelhança do que aconteceu no edifício escolar em Ribeira Grande. Com isso, concluímos que se trata de uma intervenção pontual e estratégica.

A dimensão do edifício influencia muito na sua própria morfologia, composição e tipologia. Por ser um edifício simples e objetivo, a sua composição mantém essa mesma orientação. Na escola é possível identificar todos os elementos que o compõem de forma clara e rigorosa. A fachada principal apresenta uma composição singela, com a entrada principal centralizada e ladeada de janelas alinhadas com a porta. O lado esquerdo da fachada apresenta um volume um pouco menor e posicionada numa cota mais baixa. A ideia de projetar esse volume com essas dimensões foi com o

propósito de elevar o protagonismo do edifício colonial. A preexistência apresenta um espaço frontal semelhante a *Escola Central*. Apesar de assumir um tamanho mais reduzido e correr o risco de ser confundido simplesmente como um espaço de transição, a intenção de incorporar esse espaço à imagem do edifício é notória. A intervenção realizada procurou manter essa dinâmica no novo volume situado atrás do bloco antigo. O novo corpo apresenta nas suas fachadas aberturas ligeiramente maiores que o edifício antigo, isto porque a configuração espacial no seu interior requer elementos de composição adequados e proporcionais. Assim como o alçado frontal, as outras fachadas apresentam uma imagem simplista que se relaciona com a preexistência. Embora o novo volume seja maior do que o bloco antigo, não está desenquadrado da configuração total do equipamento escolar.

Em relação a organização espacial do edifício, é evidente que apresenta uma conceção legível e determinada, desde a entrada até ao piso superior. A sua dimensão e a sua disposição morfológica facilitou a funcionalidade, tanto nos espaços como no sistema de circulação. Analisando as plantas do edifício pode-se observar que as áreas de circulação não se desconectam em nenhum momento, ou seja, isso possibilita uma ligação racional entre todos os espaços que compõem a escola. A existência do pátio central provavelmente é a principal razão da morfologia do espaço escolar, e conseqüentemente da organização espacial da mesma. A peculiaridade dessa escola está na sua funcionalidade. Se posicionarmos no pátio, conseguimos entender como o edifício funciona, sem mesmo ter percorrido a totalidade dos seus espaços. A disposição das salas de aula seguem o mesmo padrão, e possuem uma forma geométrica propícia a sua função. Os espaços, no geral procuram um encadeamento e alinhamento entre eles, tornando a configuração espacial mais estruturada.

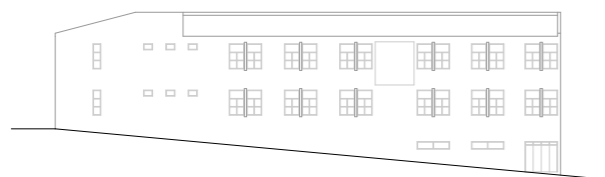
A materialidade e o sistema construtivo é algo pouco original em todas as escolas. Isto porque, acabam por ser sempre replicados a cada projecto realizado, com o objetivo de controlar os custos e também tornar todas as escolas do concelho facilmente identificáveis e padronizadas. Portanto, todas as escolas acabam por assumirem as mesmas características visuais e construtivas.



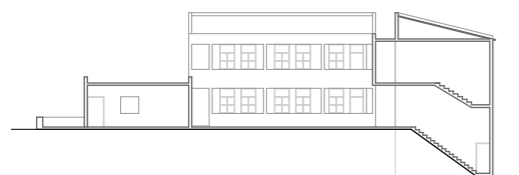
Alçado frontal.



Alçado lateral direito.



Alçado posterior.



Corte AA.



Piso -1



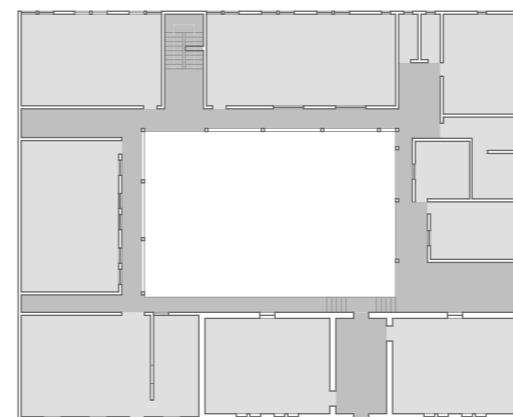
Piso 0



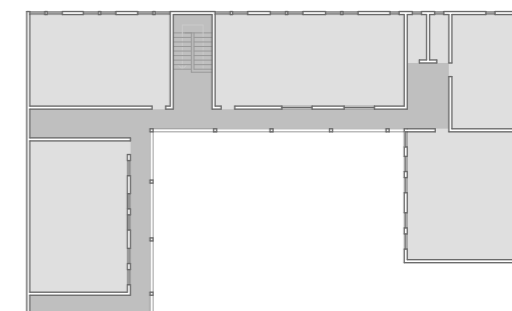
Piso 1



Piso -1



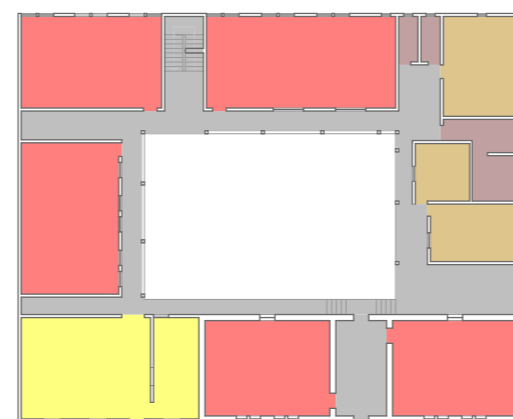
Piso 0



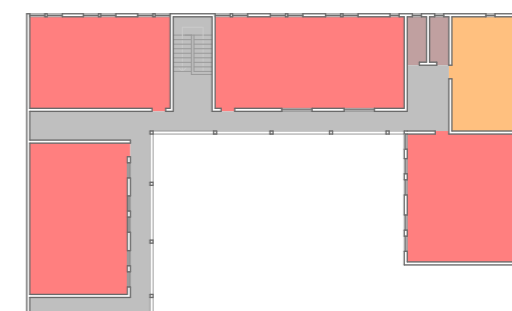
Piso 1



Piso -1



Piso 0



Piso 1

- |                         |                   |  |                   |
|-------------------------|-------------------|--|-------------------|
| Volumetria              | Salas de aula     | Instalações Sanitárias                           | Entrada principal |
| Sistemas de circulações | Arrumos           | Áreas sociais (biblioteca e sala de informática) |                   |
| Espaços                 | Áreas de serviços | Áreas de restauração                             |                   |

Fig.104: Vistas. Esc. 1/500.

Fig.105: Organização espacial da Escola de Ponta do Sol. Esc. 1/500.

### 3.2. Escola Primária de Corda



Fig. 108: Planta de implantação do edifício da Escola de Corda. Esc. 1/1000.

A aldeia da Corda está localizada no planalto leste da ilha de Santo Antão. Também pertencente ao mesmo concelho, possuindo uma população com cerca de 830 pessoas. Apesar de estar situada numa zona rural e ligeiramente afastada do centro da cidade Ribeira Grande, não deixa de estar situada numa posição favorável. A aldeia desenvolveu-se à volta da estrada que liga os dois concelhos mais importantes da ilha, Ribeira Grande e Porto Novo. Construída na época colonial foi a primeira estrada que ligou a região norte à região sul, consequentemente proporcionou a origem da povoação de Corda e outras aldeias<sup>101</sup> que assumem posições semelhantes a ela. O que chama atenção nesse edifício é a sua posição geográfica e consequentemente a adaptabilidade dos volumes ao espaço de implantação. Logo, a escolha deste caso de estudo, esta relacionada essencialmente a sua implantação territorial, o que levou a uma análise diferenciada, dado a sua peculiaridade como edifício escolar, e obviamente o processo de reabilitação.

A topografia íngreme do território influenciou muito na exposição urbana do local, portanto a *Escola Primária de Corda* acabou por seguir essa mesma definição. A escola foi construída na época colonial, e na segunda metade dos anos 90 foi realizada a primeira reabilitação. A intervenção resumiu-se na construção de mais um bloco, onde foi aplicado o modelo-tipo na sua configuração.



Fig. 106: Morfologia do lote da Escola de Ponta do Sol.

■ Volumes novos.  
■ Preexistência.



Fig. 107: Relação da Escola de Corda com a sua envolvente.

<sup>101</sup> Localidades de Cruz, Chã de Mato, Espongeiro, Cova, Lagoa, Lombo de Figueira, etc.



Fig. 109: Entrada da Escola de Corda.



Fig. 110: O novo volume em concordância com o espaço escolar.



Fig. 111: A relação do novo bloco com o sistema de circulação.



Fig. 112: Volumes que ocupam o espaço central da escola.

A definição do lote de implantação é excêntrica. Assim como os edifícios habitacionais ao redor da escola, o equipamento também não cria uma relação com a envolvente construída. A configuração do lote pertencente a escola é influenciada inteiramente pelo delineamento dos terrenos inocupados a sua volta. O edifício faz frente com uma única rua, e como resultado é onde está localizada a única entrada do equipamento escolar. A entrada da escola não é bem definida, é simplesmente uma abertura que permite a transição da rua para o interior do complexo escolar. Por não ser uma entrada determinante, ela não estimula uma hierarquia espacial dos blocos e nem a própria funcionalidade na parte frontal do edifício acadêmico. O próprio pátio do edifício não tem uma forma bem definida, trata-se puramente de um espaço de lazer definido pelos limites do lote. Sem placa desportiva e sem outros espaços de entretenimento, reduzido simplesmente a um espaço uniforme de permanência.

Com uma análise mais abrangente, tendo em mente essas condicionantes, o desenho do espaço escolar e a disposição dos volumes foram induzidos a essa configuração, assim como a relação existente entre eles. A escola é constituída por quatro volumes. Os três mais antigos mantêm uma aproximação entre eles, dando a impressão de uma configuração mais íntima. Já numa região mais isolada, na área posterior, posiciona-se o novo bloco (figura 110) da escola (modelo-tipo), que foi adaptado para atender as necessidades do edifício. Com a requalificação do espaço escolar, a atual morfologia do lote, transmite a ideia de que o novo corpo cria uma certa confusão na organização espacial da escola. Porém, a funcionalidade dos espaços acaba por unificar morfologicamente todas as peças que compõem a escola. Considere-se uma intervenção pontual, assim como a *Escola Central* e a *Escola Primária de Ponta do Sol*.

É perceptível que os volumes centrais assumem o mesmo carácter compositivo. O que realmente os diferenciam são os seus tamanhos, posicionamento e funções. Todos são volumes rectangulares de um só piso e com coberturas em telha composta por duas águas. Os elementos de composição (portas e janelas) dos alçados buscam uma relação de proporcionalidade com os blocos onde estão inseridos. O edifício escolar resume-se basicamente em aglomerados de volumes simples onde predomina a função em vez de uma estética mais elaborada. O novo bloco implantado procura essa mesma finalidade. Nota-se uma tentativa de manter uma



Fig. 113: Sala de aula.

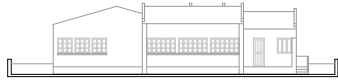
aproximação compositiva com os outros volumes. A aparência que o bloco apresenta torna-o parte integrante da imagem conjunta do equipamento, caracterizando a operação efetuada como uma intervenção coerente.

A organização espacial da *Escola Primária de Corda* é definida pela divisão existente entre os blocos centrais e o corpo do modelo-tipo. O agrupamento dos volumes centrais criam uma relação mais consistente entre eles. A sua disposição espacial originou um sistema de circulação centralizado que busca uma ligação direta e objetiva com o novo volume. A escola no geral é constituído por três salas de aula, um volume que é casa de professores<sup>102</sup>, refeitório, cozinha, e instalações sanitárias. Todos esses compartimentos são conectados pelos espaços de circulação presentes na parte externa da escola, visto que, são blocos que assumem uma disposição individualizada. A zona de implantação (numa cota mais baixa) do novo corpo fez com que ele fosse adaptado, de forma a criar uma ligação pontual ao sistema de circulação já existente. No piso inferior da construção, encontra-se uma sala de aula, dois lavatórios e um mini-pátio que dá apoio a esses compartimentos. E consequentemente, conectado diretamente com a escada que dá acesso a cota superior e ao espaço de circulação. Já no piso superior encontra-se um refeitório onde a sua entrada está relacionada diretamente com o sistema de acesso distribuído pela escola. Essa ligação criada faz com que todos os espaços permaneçam articulados e funcionais.

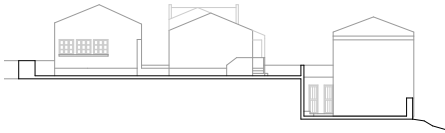
Conclui-se que o equipamento escolar, apesar de não ter um tamanho significativo, tentaram formular espaços adequados e funcionais que pudessem servir os frequentadores da escola. A configuração do equipamento mostra que não necessariamente é preciso ter um instituto académico amplo e complexo para auxiliar na educação das crianças de uma determinada comunidade. Tudo é uma questão de proporcionalidade.

---

<sup>102</sup> Por ser uma localidade distante do centro urbano, esse bloco foi projectado para ser habitação dos professores que trabalham nessa escola. Essa construção teve como propósito a minimização dos custos de deslocamento.



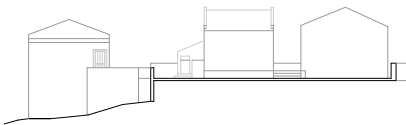
Alçado frontal.



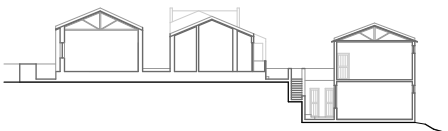
Alçado lateral direito.



Corte BB.



Alçado lateral esquerdo.



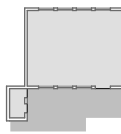
Corte AA.



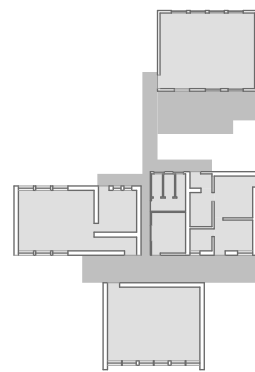
Piso -1



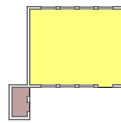
Piso 0



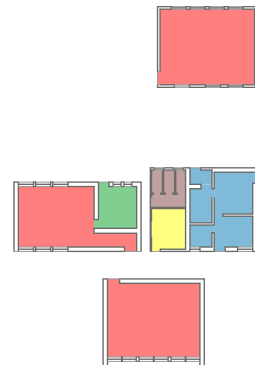
Piso -1



Piso 0



Piso -1



Piso 0

Volumetria	Salas de aula	Instalações Sanitárias
Sistemas de circulações	Arrumos	Casa de Professores
Espaços	Áreas de serviços	Áreas de restauração

Fig. 114:Vistas. Esc. 1/500.

Fig. 115: Organização espacial da Escola de Corda. Esc. 1/500.

### 3.3. Escola Primária de Tanque

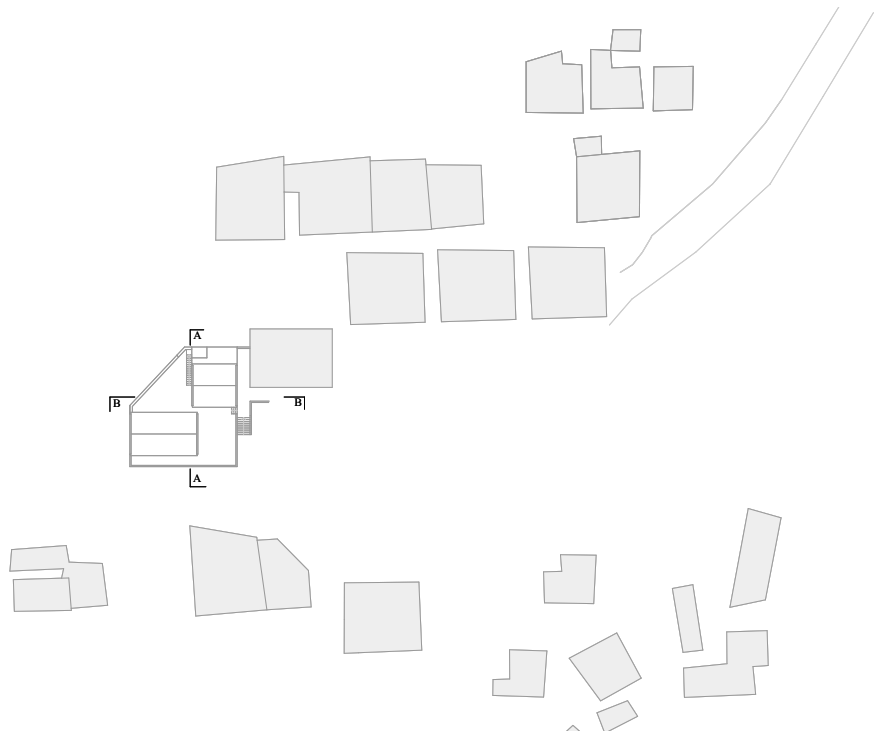


Fig. 119: Planta de implantação do edifício da Escola de Tanque. Esc. 1/1000.

Entre todas as regiões referidas, a localidade de Tanque, é a que está mais próxima do centro da cidade. Localizada no vale da Ribeira Grande, está aproximadamente a 2 km de distância da cidade. Assim como a localidade de Corda, a comunidade de Tanque também está situada num área íngreme, porém de mais fácil acesso. A sua dimensão territorial e localização próxima a cidade, condicionaram o tamanho do espaço da escola básica construída no local no início da década de 2000. A *Escola de Tanque* não dispõe de uma superfície ampla. O que destaca nesse edifício é a sua simplicidade e ao mesmo tempo a capacidade de responder as necessidades locais. Praticidade é a palavra que melhor define essa escola.

A escola foi construída de origem, e como base implementaram o modelo-tipo. A morfologia do lote do edifício escolar é resultante da sua envolvente. A localidade não se beneficia de uma estrutura urbana definida, o que acabou por gerar pequenos aglomerados de edifícios habitacionais dispersos e sem relações. Apenas um edifício se encontra posicionado próximo ao equipamento. Esse edifício trata-se de um *Centro Comunitário* destinado ao usufruto da população da região. A única ligação existente entre a *Escola de Tanque* e o *Centro Comunitário* é o mesmo caminho que permite o acesso aos dois edifícios (figura 118).



Fig. 116: A Escola de Tanque em contraste com a envolvente.



Fig. 117: Vista frontal da escola. Vestígio da antiga entrada da escola.



Fig. 118: A escada que dá acesso à escola e consequentemente ao Centro Comunitário.



Fig. 120: Relação entre o volume frontal e o volume posterior.



Fig. 121: Espaço de circulação no bloco frontal.



Fig. 122: A adaptação do sistema de acesso ao piso superior do segundo volume.



Fig. 123: Espaço de distribuição no piso superior do segundo bloco.

A morfologia do espaço da *Escola Primária de Tanque* resume-se na configuração de dois blocos semelhantes envolvidos por um pátio que dá apoio simultâneo aos dois volumes. O corpo que se posiciona a frente é a implementação do projecto do modelo-tipo sem qualquer alteração. Diferente do que acontece no bloco posterior, onde necessariamente tiveram que o adaptar, configurando novos espaços com o intuito de receber funções indispensáveis para o funcionamento do equipamento escolar. Essa adaptação obrigou o elemento posterior a assumir uma posição perpendicular ao volume frontal, de forma a facilitar a organização morfológica do lote e dos seus próprios espaços interiores.

A disposição que assume os corpos no interior do lote escolar indica uma relação tanto espacial como compositiva entre eles. Os dois volumes partilham a mesma face. As reorganizações dos espaços interiores não prejudicaram a composição coerente dos alçados, tentaram buscar uma imagem unificadora entre os dois edifícios do instituto escolar. Os elementos de composição e os seus devidos materiais apresentam uma certa harmonia e proporcionalidade em relação as construções. Apesar das peças estarem posicionados de forma individuais, o espaço morfológico e a imagem global da escola tende a orientar uma relação afetiva entre eles. A pintura aplicada no edifício não condiz com a cor geralmente utilizada nos equipamentos pertencentes ao Estado, mas anteriormente ela tinha a mesma cor.<sup>103</sup>

A funcionalidade dos espaços é simples e perceptível. A entrada do edifício atualmente assume uma posição central entre os corpos. Anteriormente, a entrada era feita pela área frontal do primeiro bloco (figura 117), contudo tiveram que a alterar para a parte lateral do equipamento de forma a criar um sistema de acesso mais preciso e com melhor distribuição. O espaço transmite a ideia de que cada elemento dispõe do seu próprio recinto. Isso acontece por conta da localização da entrada e da disposição dos edifícios no terreno. O sistema de circulação que parte da entrada da escola é muito imparcial. Procura uma distribuição equilibrada para as duas construções. A posição da entrada do edifício é responsável pela organização dos espaços de circulações, e pela conexão entres os dois volumes. O espaço interior da escola é composto por três salas de aula, uma sala de professores, uma cozinha, um refeitório, duas salas de arrumos e instalações sanitárias. O bloco frontal contém duas salas de aula conectadas pela escada lateral e um mini

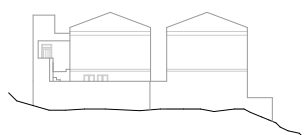
<sup>103</sup> A escola carecia de pintura para o restauro das fachadas, e nesse sentido, recebeu um donativo de tintas. A cor estabelecida destoa das outras escolas, todavia, percebe-se que o equipamento mantém uma configuração semelhante as outras escolas.



Alçado frontal.



Alçado lateral direito.



Alçado lateral esquerdo.



Alçado posterior.



Corte AA.



Corte BB.

compartimento que serve de arrumo. O piso inferior da segunda peça contém os compartimentos que servem de auxílio à escola, e o piso superior possui uma sala de aula e uma sala de professores. Utilizaram os diferentes pisos como forma de organizar melhor a funcionalidade da escola. As instalações no piso inferior são constantemente frequentadas por todos, portanto faz mais sentido a sua permanência no piso de mais fácil acesso. Além disso, oferece mais segurança a comunidade frequentadora.

Todas as escolas analisadas mostram a importância de uma intervenção arquitectónica nos equipamentos escolares. A arquitetura tem um significado importantíssimo na educação. Para projetar um equipamento escolar o arquiteto precisa antes de mais saber, ou conhecer para quem e para onde está intervindo. É preciso apurar a sua sensibilidade, e projetar com razão e emoção. As escolas analisadas assumem configurações e dimensões diferentes, contudo, o que as torna parecidas é a personalidade própria, independentemente do lugar de implantação.



Fig. 124: Vistas. Esc. 1/500.

Fig. 125: Organização espacial da Escola de Tanque. Esc. 1/500.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O principal foco, com a qual nos comprometemos, tem a sua razão de ser no estatuto histórico, simbólico e material da *Escola Central*, como primeiro reduto académico de grande parte dos ribeira-grandenses. Por ser o único pólo educativo, contemplava o imediatamente próximo, o próximo e o distante. Estamos a falar de um monopólio no campo de formação do capital humano. Dentre os elementos que configuram esse tipo de capital, a experiência, o bem-estar, a inovação e a motivação, são figuras de proa prestigiadas pelo edifício.

Incorporado num ambiente que contempla a tipologia de modelo linear, Ribeira Grande mostra uma especificidade de estruturação urbana fortemente arraigado no colonialismo. Uma conjuntura que despertou: um reconhecimento do estilo arquitetónico como sinónimo de estética singular, um reconhecimento subjetivo de formalidade, surpresa pela sua dimensão e pelo contraste com a paisagem envolvente. Finalizada no ano de 1880, acompanhou distintos processos de novas demandas sociais e históricas.

A sua localização levou-nos a indagar outras possibilidades de coordenadas, nomeadamente o terreiro. O facto é que, se fosse projetado nesse terreno, talvez, a organização da rua do Terreiro tomasse outra dinâmica. Por conseguinte, o alargamento do terreiro foi uma realidade, possibilitando um prolongamento da rua e criação de mais áreas habitacionais. Nessa conceção, a *Escola Central* surge como edifício importante que imprimiu mais sentido à nova rua. Houve uma implantação da mesma numa zona de expansão da cidade. Reconhece-se um benefício mútuo.

A contextualização supracitada permite-nos pensar numa convergência entre o antigo e o novo, sem perder a identidade e a forma original. Embora, esteja incorporado num sistema de contraste tripartido, em função de uma diferença de escala entre a escola, e os outros edifícios que formam o território e o edifício habitacional. Em relação a este último, o molde segundo a preexistência que há muito vinha sendo usado, sofreu modificações.

A sua organização espacial foi tão bem conseguida que, após a primeira intervenção não foram necessárias novas alterações. Permitiu uma conceção dos espaços interiores, e em particular o incremento da relação existente com os sistemas de circulação, mediante uma ideia mais unificadora dos espaços. A evolução dimensional que o edifício foi sofrendo, acabou por despertar novas perspetivas em relação aos espaços internos e externos, a sua estrutura,

composição, funcionalidade e materialidade, o que nos levou a analisar de forma mais subjetiva a sua ligação com o todo.

Enquadrando-se no grupo das intervenções coerentes, o respeito dos outros blocos em relação ao corpo principal dignificou consideravelmente o edifício monumental. Com elementos decorativos simples, desinvestida de ornamentação extravagante, é importante referir que a maioria dos elementos de composição (portas e janelas) pertencentes aos volumes que compõe a *Escola Central*, estão associadas umas as outras. Há um destaque estético e ornamental semelhante por toda a escola.

Tendo em conta a durabilidade e manutenção, a arquitetura soube sempre resgatar a sua personalidade, com vista a melhorar o edifício como património escolar e monumental.

Na primeira intervenção de requalificação da *Escola Central Roberto Duarte Silva* no ano de 1986, conseguiu-se traçar objetivos específicos e muito pertinentes. Incluíram a reconfiguração do espaço funcional e a substituição de todos os elementos construtivos antigos e o aumento do espaço em função do incremento do número de alunos. Entende-se uma plasticidade e uma desenvoltura na intervenção quando o contexto exigiu.

No âmbito dessas intervenções, foram guardadas as devidas considerações à conservação do traço arquitetónico, mediante uso dos mesmos materiais de construção e técnicas da primeira etapa. O respeito às similitudes com o corpo principal sempre foi tido em conta. Essa virtude também se fez real na segunda intervenção. Ainda hoje, os materiais e o sistema construtivo utilizados na reabilitação de 1986 podem ser encontrados. Facto que nos leva a pensar num repouso exagerado sobre anteriores excelentes escolhas e intervenções. Atualmente, urge uma restauração do edifício, porém, até o momento não tem havido ações que sinalizem nesse sentido.

O advento de novas infraestruturas, ajudaram a diminuir o caudal de estudantes destinados à *Escola Central*, perdendo-se um dos imperativos que noutras alturas tornaram obrigatórias as intervenções. Outras escolas, como as que analisamos no estudo de caso, marcaram a quebra do monopólio educativo, mas serviram para reforçar o diferencial arquitetónico da *Escola Central* mediante comparação injusta. Ou seja, reconhece-se uma proximidade em termos de funcionalidade e processo evolutivo, contudo, no

quesito arquitetónico, além da diferença estrutural e simbólica, a inovação e originalidade são limitações.

A receção pública do elemento arquitetónico também passou pela inclusão, pelo que, intervenção mais recente na escola, circundou a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais, com ênfase nas crianças com deficiência visual e auditiva.

Assume-se que o arcabouço teórico, assim como inventários, estudos aprofundados e enriquecimento de arquivos sobre o processo evolutivo das cidades em Cabo Verde necessitam ser melhor abordados. A escassez tida nesse campo, dificultou em larga escala a conceção de uma resposta as diversas perguntas de pesquisa. Porém, serviu como motivação para melhor comprometimento na elaboração deste trabalho, inspirado pelo cosmos simbólico e pelo contributo formal nesse sentido.

Efetivamente, a *Escola Central Roberto Duarte Silva* é uma fausta obra colonial, educacional e sentimental.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**AFONSO, João Dias; MELO, Assunção (coord.); MERELIM, Pedro** - *Memória Histórica da Edificação dos Paços do Concelho de Angra Do Heroísmo*. Angra do Heroísmo: Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, 2016. ISBN: 978-972-9135-23-1.

**AFONSO, Rui Braz** - *Que Espaço para a Escola: Reflexões sobre o Projecto: Reflexion on Project*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2020. Bilingue. ISBN: 978-989-8527-17-2.

**AFONSO, Rui Braz; LADIANA, Daniela (coord); LOPES, Nuno Lacerda** - *A Escola Ideal*. Porto: CIAMH Centro de Inovação em Arquitetura e Modos de Habitar, 2018. ISBN: 978-989-98808-3-2.

**AFONSO, Rui Braz; LADIANA, Daniela (org.)** - *O espaço da escola. Conceitos, métodos e instrumentos para projecto e gestão do património escolar*. Itália, Florença: Alinea Editrice, 2011. ISBN: 978-88-6055-666-0.

**ALEGRE, Alexandra; HEITOR, Teresa (coord.)** - *Arquitetura Escolar em Portugal: Educação, Património e Desafios*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, Departamento de Engenharia Civil, Arquitetura e Georrecursos, 2019. ISBN: 978-97-98994-9-2.

**AMANTE, Maria de Fátima (coord.)** - *Identidade Nacional: Entre o Discurso e a Prática*. Porto: Fronteira do Caos Editores Lda. E CEPESE, 2011. ISBN CEPESE: 978-989-8434-10-4 ISBN Fronteira do Caos: 978-989-8070-82-1.

**BALENO, Ilídio; CABRAL, Iva Maria; COHEN, Zenilda; SANTOS, Maria Emília Madeira (coord.); SILVA, António Leão Correia E; SOARES, Maria João** - *História Geral de Cabo Verde. Volume III*. Lisboa e Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical, Instituto Nacional de Investigação, Promoção e Património Culturais de Cabo Verde, 2002. ISBN: 972-672-915-7.

**COELHO, Francisca Dias** - *Santo Antão: O Património e o Ambiente*. Évora: Faculdade de Arqueologia, Universidade de Évora, 2010. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente.

**CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO** - *Carta de Cracóvia sobre os princípios para a conservação e o restauro do património construído*. Cracóvia: Conferência internacional sobre conservação, 2000. Acedido 23 de Maio de 2023. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

**CONSELHO DA EUROPA** - *Carta de Atenas*. Atenas: Conselho da Europa, 1931. Acedido 19 de Maio de 2023. Disponível em: [https://culturante.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1931-carta\\_de\\_atenas-escriptorio\\_internacional\\_dos\\_museus\\_sociedade\\_das\\_nacoes.pdf](https://culturante.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1931-carta_de_atenas-escriptorio_internacional_dos_museus_sociedade_das_nacoes.pdf)

**CONSELHO DA EUROPA** - *Carta europeia do património arquitectónico*. Amesterdão: Conselho da Europa, 1975. Acedido 19 de Maio de 2023. Disponível em: [https://culturante.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1975-carta\\_europeia\\_do\\_patrimonio\\_arquitetonico-conselho\\_da\\_europa.pdf](https://culturante.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1975-carta_europeia_do_patrimonio_arquitetonico-conselho_da_europa.pdf)

**DELGADO, Alexandra Lee** - *Diagnóstico da Educação Escolar em Santo Antão*. São Vicente: Gráfica do Mindelo Lda, 1991.

**DELGADO, António Jorge** - *A Descentralização do Poder; Mãe da Preservação do Património (Um liceu para Ribeira Grande)*. Ponto & Vírgula: Revista de Intercâmbio Cultural, Mindelo: Ponto & Vírgula edições, 2006, p. 32-34.

**DELGADO, António Jorge** - *Defesa do Património Urbanístico como Base de Desenvolvimento dos Pequenos Aglomerados Urbanos*. Ponto & Vírgula: Revista de Intercâmbio Cultural, Mindelo: Ponto & Vírgula edições, 2006, p. 42-45.

**FERNANDES, Francisco José Barata** - *Transformação e permanência na habitação portuense: As formas da casa na forma da cidade*. 2ª ed. Porto: FAUP Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Publicações, 1999. ISBN: 972-9483-38-8.

**FERNANDES, José Manuel** - *Cidades e Casa da Macaronésia: Evolução do Território e da arquitetura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. 2ª ed. Porto: FAUP, 1996. (Série 1). Publicação oferecida pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. ISBN: 972-9483-21-3.

**FERRAO, Carlos Ribeiro Nogueira** - *Estudos sobre a Ilha de Santo Antão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898.

**FERREIRA, Ligia Évora** - *Cabo Verde*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997. ISBN: 972-674-234-X.

**FREITAS, Ricardo** - *Identidade, Tempo e Memória: Reflexão sobre processos de reabilitação em edificação de valor patrimonial*. Porto: Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, 2012. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

**GONÇALVES, Rita de Cássia Pacheco** - *Arquitetura Flexível e Pedagogia Ativa: Um (Des)Encontro nas Escolas de Espaços Abertos*. Lisboa: Instituto de Educação, Universidade de Lisboa 2011. Tese de Doutoramento em Educação \_ Especialidade História da Educação.

**HEITOR, Teresa (coord.)** - *Liceus, escolas técnicas e secundárias*. Lisboa: Parque Escolar EPE, Direcção-Geral de Projecto - Área de Edificações, 2010. ISBN: 978-989-96106-4-4.

**HEITOR, Teresa (coord.)** - *Parque Escolar 2007-2011: Intervenção em 101 Escolas*. Lisboa: Parque Escolar, EPE, Direcção Geral de Projecto - Área de Edificações, 2011. ISBN: 978-989-96106-6-8.

**JORGE, Susana Oliveira** - "Conservar para quê? Apontamento". In: **JORGE, Vítor Oliveira (coord.)** - *Conservar para quê?* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. ISBN: 972-9350-87-6.

**LIMA, Antonina da Conceição Brito** - *A Escola Central Roberto Duarte Silva no Trama da Educação na Ribeira Grande, Santo Antão, Durante a Era Colonial (1731-1975)*. Mindelo: Instituto Universitário de Educação, 2015. Licenciatura em Ensino de História e Geografia.

**MAURÍCIO, António Joaquim** - *Vila da Ribeira Grande de Santo Antão (1732 - 1975): Percurso Histórico e Dinâmica Administrativa*. R<sup>a</sup> Grande: WoodMatter Unipessoal, Lda, 2019.

**MONTEIRO, Catarina de Albuquerque** - *Arquitetura Escolar: O Valor Patrimonial como Procura de Identidade na Reabilitação*. Porto: Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, 2020. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

**NASCIMENTO, Mario Fernando Petrilli Do** - *Arquitetura para a Educação: A Contribuição do Espaço para a Formação do Estudante*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo 2012. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

**PEREIRA, Ana Mafalda Gomes Furtado** - *Subsídios para a História da Educação em Cabo Verde: Organização e Funcionamento do Sector dos Primórdios à Primeira República Portuguesa*. Praia: Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 2010.

**PIRES, Fernando de Jesus Monteiro dos Reis** - *Há Vila além da Costa: Urbanidade em Cabo Verde no Século XIX*. Coimbra: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidad de Coimbra 2017. Tese de Doutoramento em Arquitetura.

**RAMOS, Rui Jorge Garcia** - *A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*. Porto: Faup Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Publicações, 2010. (Série 1). ISBN: 978-972-9483-97-4.

**ROCHA, Agostinho** - *Subsídios para a História da ilha de Santo Antão (1462/1983)*. Imprensa Nacional de Cabo Verde: Autor, com patrocínio do Ministério da Educação, 1990.

**RUSKIN, John** - *A Lâmpada da Memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. ISBN: 978-85-7480-406-4.

**SANTOS, André** - *Conotados clássicos na construção de um Liceu moderno*. Resdomus. Porto: FAUP publicações. N° 2, Artigo n° 5 (2015), p.43–58. Acedido 1 de Maio de 2023. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/131900/2/440678.pdf>

**SANTOS, André** - *Similaridades e singularidades na reabilitação arquitetónica do parque escolar: programa promovido pela Parque Escolar, E.P.E no norte de Portugal (2007-2011)*. Porto: Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, 2015. Tese de doutoramento em arquitetura.

## **CRÉDITO DE IMAGENS**

Fig. 1 - Produção do autor.

Fig. 2 - Produção do autor.

Fig. 3 - Produção do autor.

Fig. 4 - Disponível em: **SILVA**, António;  
**BALENO**, Ilídio; **CABRAL**, Iva;  
**SANTOS**, Maria; **SOARES**, Maria;  
**COHEN**, Zelinda - História Geral de Cabo Verde. (Ilustrações).

Fig. 5 - Produção do autor.

Fig. 6 - Disponível em: Blogue Pessoal - “Cabo Verde e o seu passado.” <https://www.facebook.com/profile.php?id=100050441929165&sk=photos>

Fig. 7 - Disponível em: **MAURÍCIO**, António - Vila da Ribeira Grande de Santo Antão (1732-1975): Percurso Histórico e Dinâmica Administrativa. (p. 85).

Fig. 8 - Michel Renaudeau; Disponível em: Mindelo Infos - <https://www.facebook.com/Mindelo.info/photos>

Fig. 9 - Disponível em: [https://www.google.com/search?hl=pt-PT&sxsrf=AB5stBj00TKRmTmFn7rud\\_U1QVT2pyvB\\_Q:1690076029875&q=roberto+duarte+silva&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjSuZ3r16OAAxWwTqQEhcEeAXMQ0pQJegQICxAB&biw=1606&bih=796&dpr=1#imgsrc=R6eFikILjCsNDM](https://www.google.com/search?hl=pt-PT&sxsrf=AB5stBj00TKRmTmFn7rud_U1QVT2pyvB_Q:1690076029875&q=roberto+duarte+silva&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjSuZ3r16OAAxWwTqQEhcEeAXMQ0pQJegQICxAB&biw=1606&bih=796&dpr=1#imgsrc=R6eFikILjCsNDM)

Fig. 10 - Produção do autor.

Fig. 11 - Produção do autor.

Fig. 12 - Produção do autor.

Fig. 13 - Disponível em: Mindelo Infos - <https://www.facebook.com/Mindelo.info/photos>

Fig. 14 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 15 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 16 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 17 - Disponível em: Blogue Pessoal - “Cabo Verde e o seu passado.” <https://www.facebook.com/profile.php?id=100050441929165&sk=photos>

Fig. 18 - Disponível em: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.

Fig. 19 - Produção do autor.

Fig. 20 - Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.

Fig. 21 - Produção do autor.

Fig. 22 - Produção do autor.

Fig. 23 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 24 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 25 - Produção do autor.

Fig. 26 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 27 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 28 - Produção do autor.

Fig. 29 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 30 - Disponível em: Blogue Pessoal - “Cabo Verde e o seu passado.” <https://www.facebook.com/profile.php?id=100050441929165&sk=photos>

Fig. 31 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 32 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 33 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 34 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 35 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 36 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 37 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 38 - Fotografia da Gisela Ramos.

Fig. 40 - Produção do autor.

Fig. 41 - Produção do autor.

Fig. 42 - Produção do autor.

Fig. 43 - Produção do autor.

Fig. 44 - Produção do autor.

Fig. 45 - Produção do autor.

- Fig. 46 - Produção do autor.
- Fig. 47 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 48 - Produção do autor.
- Fig. 49 - Produção do autor.
- Fig. 50 - Fotografia da Gisela Ramos.
- Fig. 51 - Produção do autor.
- Fig. 52 - Produção do autor.
- Fig. 53 - Fotografia do autor.
- Fig. 54 - Fotografia da Gisela Ramos.
- Fig. 55 - Fotografia da Gisela Ramos.
- Fig. 56 - Fotografia do autor.
- Fig. 57 - Produção do autor.
- Fig. 58 - Disponível em: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.
- Fig. 59 - Produção do autor.
- Fig. 60 - Disponível em: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.
- Fig. 61 - Produção do autor.
- Fig. 62 - Produção do autor.
- Fig. 63 - Produção do autor.
- Fig. 64 - Fotografia da Gisela Ramos.
- Fig. 65 - Fotografia da Gisela Ramos.
- Fig. 66 - Fotografia da Gisela Ramos.
- Fig. 67 - Fotografia da Gisela Ramos.
- Fig. 68 - Fotografia da Gisela Ramos.
- Fig. 69 - Fotografia do autor.
- Fig. 70 - Produção do autor.
- Fig. 71 - Produção do autor.
- Fig. 72 - Produção do autor.
- Fig. 73 - Disponível em: **LIMA**, Antonia - A Escola Central Roberto Duarte Silva no Trama da Educação na Ribeira Grande, Santo Antão, Durante a Era Colonial (1731-1975). (p. 80).
- Fig. 74 - Fotografia do autor.
- Fig. 75 - Produção do autor.
- Fig. 76 - Produção do autor.
- Fig. 77 - Fotografia do autor.
- Fig. 78 - Fotografia do autor.
- Fig. 79 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 80 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 81 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 82 - Produção do autor.
- Fig. 83 - Fotografia do autor.
- Fig. 84 - Fotografia do autor.
- Fig. 85 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 86 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 87 - Disponível em: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.
- Fig. 88 - Disponível em: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.
- Fig. 89 - Disponível em: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.
- Fig. 90 - Disponível em: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.
- Fig. 91 - Disponível em: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Santo Antão.
- Fig. 92 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 93 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 94 - Produção do autor.
- Fig. 95 - Produção do autor.
- Fig. 96 - Produção do autor.
- Fig. 97 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 98 - Produção do autor.
- Fig. 99 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 100 - Fotografia do José Fortes.
- Fig. 101 - Fotografia do José Fortes.

Fig. 102 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 103 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 104 - Produção do autor.  
Fig. 105 - Produção do autor.  
Fig. 106 - Produção do autor.  
Fig. 107 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 108 - Produção do autor.  
Fig. 109 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 110 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 111 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 112 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 113 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 114 - Produção do autor.  
Fig. 115 - Produção do autor.  
Fig. 116 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 117 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 118 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 119 - Produção do autor.  
Fig. 120 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 121 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 122 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 123 - Fotografia do José Fortes.  
Fig. 124 - Produção do autor.  
Fig. 125 - Produção do autor.

**ANEXOS**

**1. Plantas urbanas da cidade de Ribeira Grande** (Fonte: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de R<sup>a</sup> Grande).



Fig.1: Planta do Centro Urbano da Cidade de Ribeira Grande, 1976.

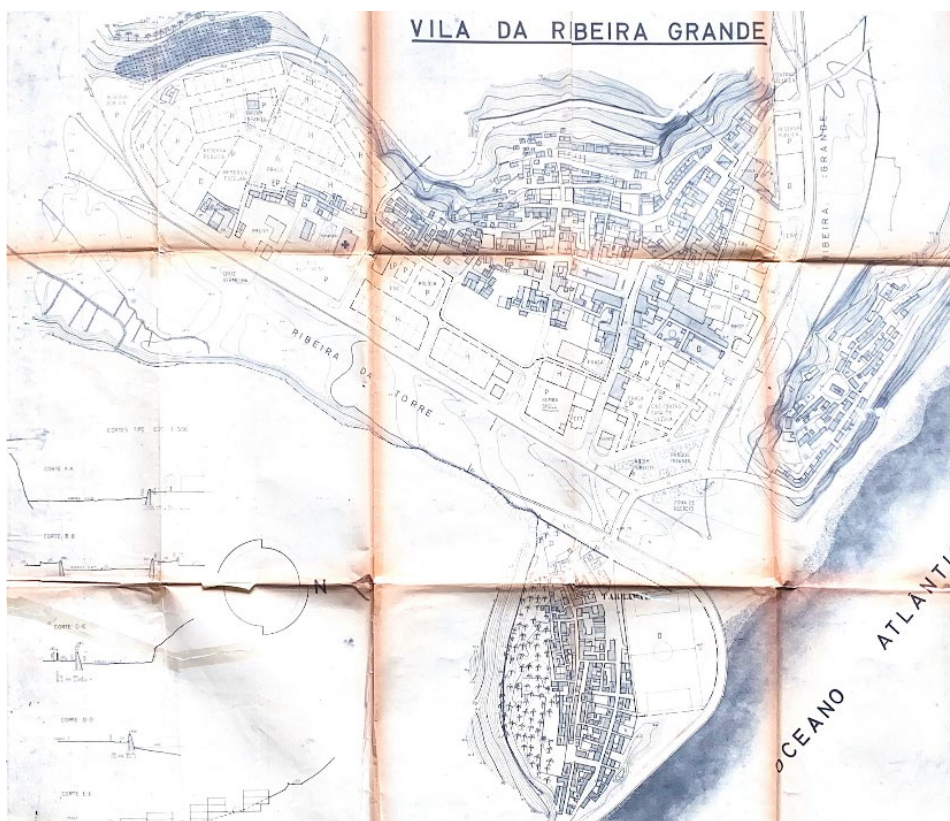


Fig.2: Planta do Centro Urbano da Cidade de Ribeira Grande, 1985.

## 2. Memória descritiva e justificativa da primeira intervenção realizada na Escola Central Roberto Duarte Silva. (Fonte: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de R<sup>a</sup> Grande).

### MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

Requerente : Ministério de Educação  
Assunto : Escola Central  
Local : Vila da Ribeira Grande

I - O presente projecto foi elaborado de acordo com um programa estabelecida pela entidade requerente e as suas divisões foram estudadas em conformidade com o edifício existente .

O edifício em questão tem mais de 100 anos e é o mais impressionante exemplo da Arquitectura Colonial da Vila e faz, sem dúvidas, parte do património Nacional.

Atendendo a estas premissas o seu aproveitamento foi esmerado tratando de salvaguardar as linhas arquitectónicas gerais dando interiormente uma funcionalidade requerida para o desempenho das funções para o qual o edifício será destinado.

O projecto é dividido em duas etapas :

A 1<sup>a</sup> etapa que desenvolve-se na Escola existente, incluindo o acabamento duma parte dos serviços sanitários que ficam no pátio, já foi executada no ano passado. Portanto, esta memória descritiva trata só a 2<sup>a</sup> etapa, que abarca quer o pátio com os seus edifícios (excluindo os serviços sanitários que foram acabados na 1<sup>a</sup> etapa) quer a recuperação e ampliação do Posto da Polícia para fins escolares.

A 2<sup>a</sup> etapa tem o seguinte programa :

a - O actual Posto da Polícia aumenta-se com mais um piso para abarcar o seguinte programa :

- 4 salas de aula
- 1 moradia para o guarda com :
  - 1 saleta
  - 1 quarto
  - 1 arrumo
- Garagem e oficinas dos carros
- Armazém e oficina dos móveis
- Casa de banho

.../...

b - A cozinha presente aumenta-se com uma : área de lavar louça assim como um balcão ao ar livre, tipo self service para ter o seguinte programa :

- cozinha
- lava louça
- balcão

c - Ao lado dos serviços sanitários existentes vão ser construídos mais outros para cobrir as necessidades previstas.

d - No pátio prevê-se a construção de bancadas tipo anfiteatro para convívio, descanso e para tomar as refeições.

Os restantes promenores de arranjo exterior como: zonas calçadas, zonas com betonilha, árvores, floreiras, etc, vão ser fornecidos mais tarde.

Nota 1 :

Com a conclusão da 3ª etapa a Escola terá 10 salas de aulas e então as salas mais pequenas poderão ter outras utilizações como biblioteca e sala de reunião ficando o programa com 8 salas de aulas.

Nota 2 :

Uma condição deste projecto é que terá um armazém (central) de alimentação em outro lugar . O armazém proposto servirá só para o consumo semanal desta Escola.

II CARACTERISTICAS CONSTRUTIVAS :

1. FUNDAÇÕES - As fundações serão em alvenaria de pedra assente com argamassa.

2. PAREDES - Serão em alvenaria de pedra as paredes indicadas a 0.40 e em bloco de betão as indicadas a 0.20 e 0.10 e serão assentes com argamassa de cimento , pozolana e areia ao traço 1.4

3. PAVIMENTO - Calçada à portuguesa sobre a qual sera aplicada um massame de betão de 5 cm de espessura regularizada com argamassa de cimento, pozolana e areia ao traço 1.4 com 3 cm de espessura corada. As casas de banho levarão mosaico hidráulico.

4. BETÃO ARMADO Em vigas e lajes de acordo com os cálculos do projecto de estabilidade.

5. COBERTURA - Será em chapa de fibrocimento com estrutura de madeira.

6. TECTO FALSO Será em contraplacado.

7. REVESTIMENTO Todas as paredes serão rebocadas com argamassa de cimento e areia ao traço 1.4 exceptuando as paredes das casas de banho e da cozinha que levarão um lambril de azulejos até a altura da porta e respectivamente quatro fai-

xas de azulejos sobre o banco de trabalho.

8. CARPINTARIA - Todos os aros e caixilhos das portas, janelas e frestas serão executadas em madeira de boa qualidade (casquinha tratada).

9. CORRIMÃOS P/ESCADAS - Em ferro galvanizado.

10. CANALIZAÇÃO, ESGOTO

10.1 CANALIZAÇÃO - Será em tubo galvanizado ou plástico.

10.2 ESGOTOS - Em tubo P.V.C. ligada à fossa séptica e ao poço absorvente existentes.

11. PINTURA - Todas as paredes interiores serão caiadas e pintadas com tinta de água. As paredes exteriores serão pintadas com tinta de ocre com a mesma tonalidade como na 1ª etapa para obter uma unidade coerente dos edifícios.

A carpintaria será pintada à tinta de esmalte (ou óleo).

Em todo o caso omissos seguir-se-ão as normas construtivas em vigor.

Nenhuma alteração significativa no projecto pode ser feita sem autorização do arquitecto.

Vila da Ribeira Grande, 15 Setembro/86.-

O Técnico,

/BJORN BRANNGARD/

-Arquitecto-

**3. Desenhos pertencentes a primeira intervenção realizada na Escola Central Roberto Duarte Silva. (Fonte: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de R<sup>a</sup> Grande).**

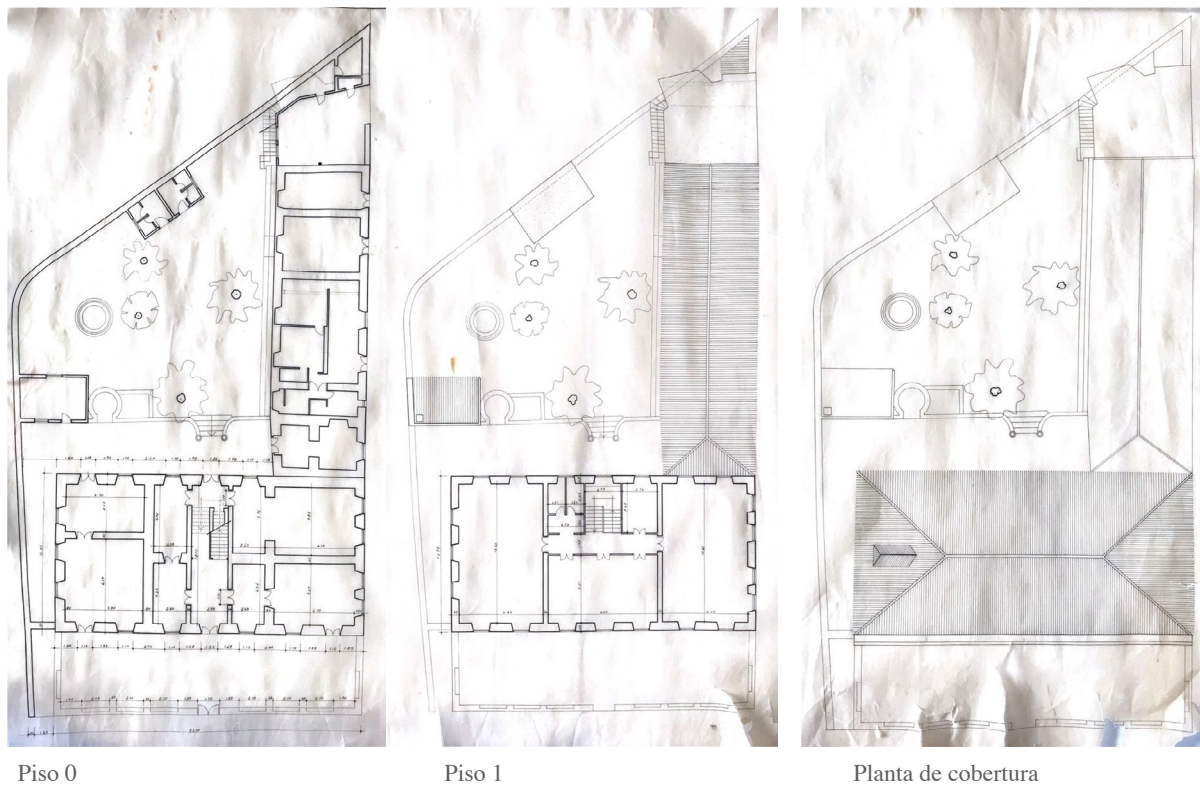


Fig.3: Plantas de Levantamento. (Fonte: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de R<sup>a</sup> Grande).

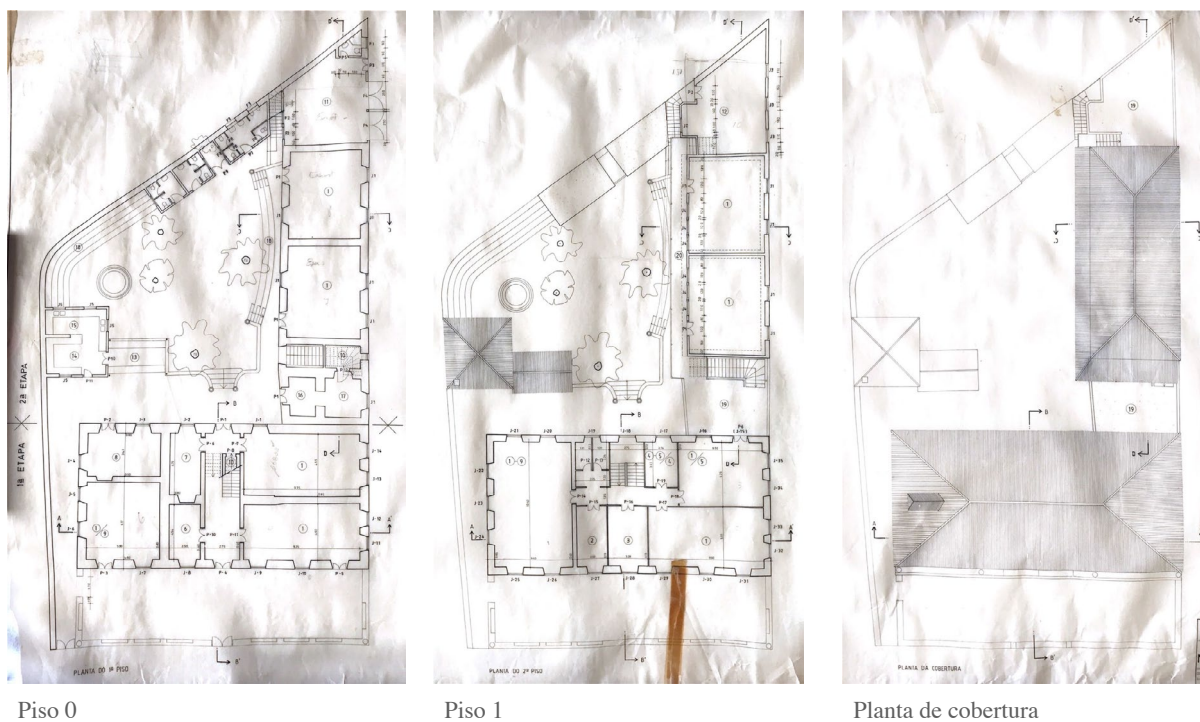


Fig.4: Plantas do projeto. (Fonte: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de R<sup>a</sup> Grande).



Fig.5: Alçados do projeto.

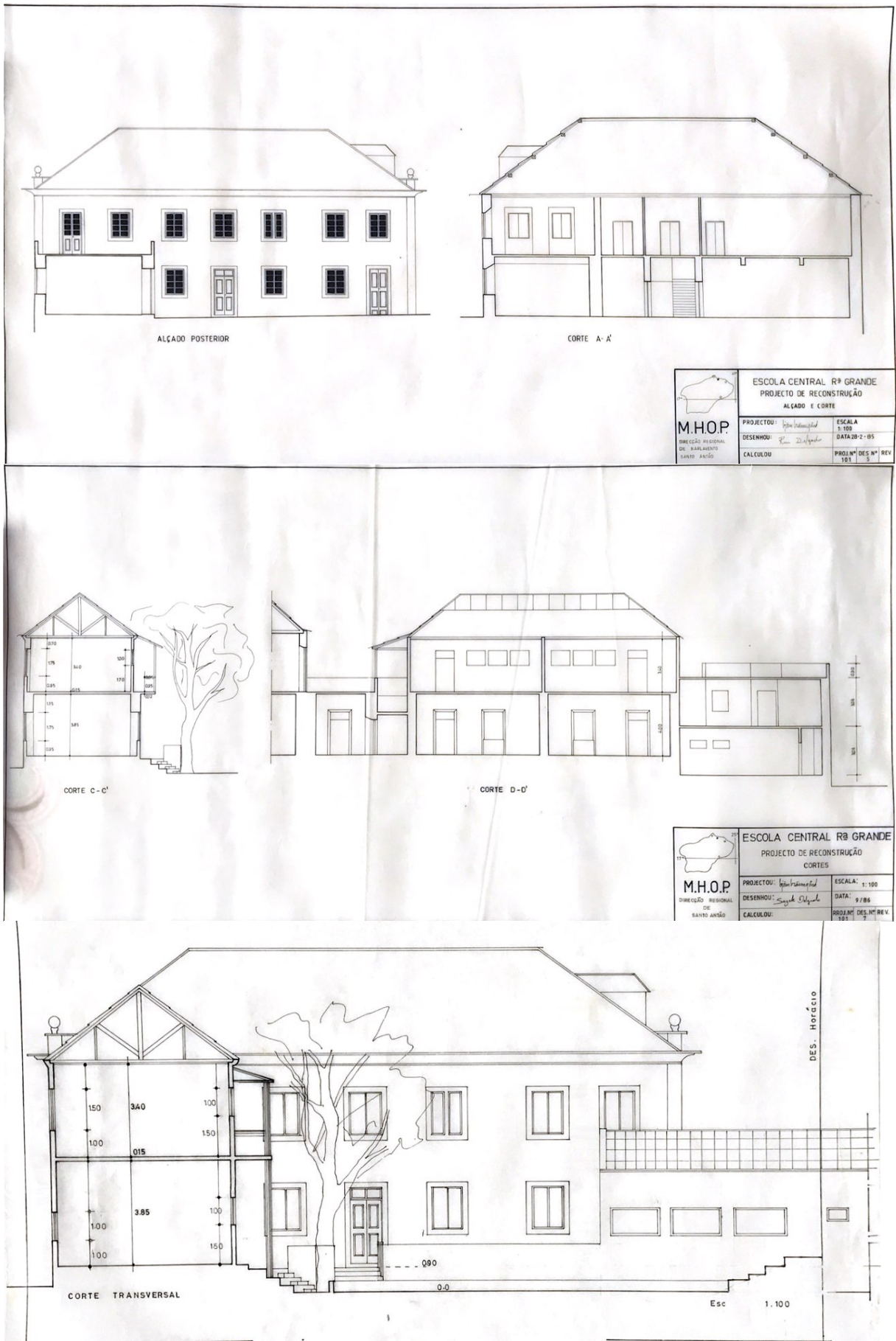


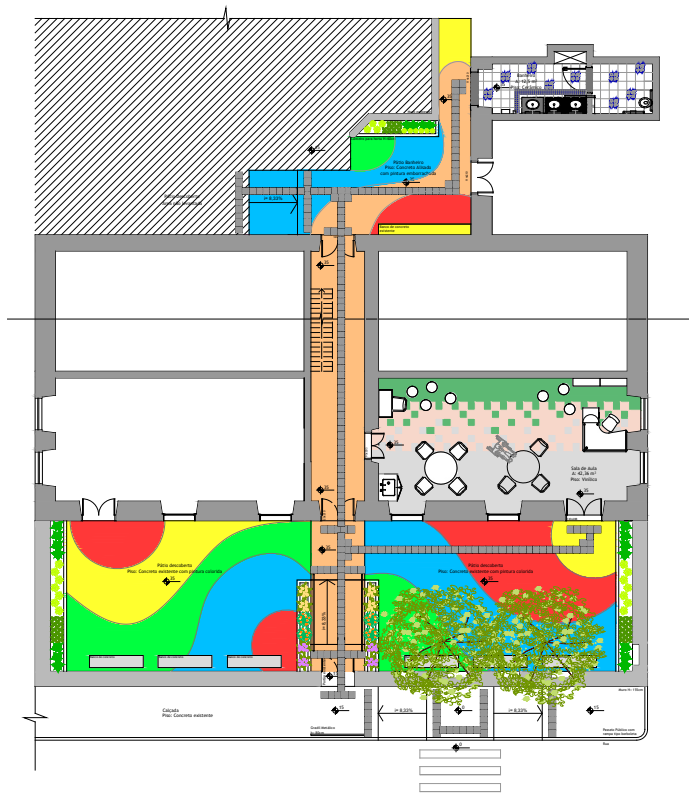
Fig.6: Cortes do projeto.







# PROJETO ARQUITETÔNICO



PLANTA BAIXA

## SOLUÇÃO PROJETUAL

Tornar acessível o passeio público através da criação de um rebato de passeio tipo borboleta, o qual permite que esse passeio seja acessado a partir da faixa de pedestres em mesmo nível da rua. A continuidade da circulação se estabelece ao resolver a problemática do acesso principal através da escavação do pito do pátio escolar para construção de uma rampa com inclinação recomendada pela normativa brasileira de acessibilidade - NBR 9050. Logo, é atingido o patamar do pátio externo, que está em nível com as salas de aula de recuso e com o corredor de circulação do edifício escolar.

No pátio dos fundos, o piso foi nivelado com o corredor de circulação interno e com o ambiente do banheiro. O trabalho dos pisos nessa área é completado pela retirada de um degrau na porta do banheiro e pela criação de uma rampa que leva às demais áreas externas da escola.

Além da resolução dos quesitos básicos de acessibilidade, foram agregados aos ambientes projetados elementos de valor funcional e paisagístico, os quais adquirem qualidades especiais ao serem implantados em um ambiente escolar e acabam por receber, sobretudo, caráter lúdico. Esses elementos são os canteiros de flores, junto à rampa de acesso, e os canteiros de horta, que possuem altura ideal para serem acessados por crianças ditas normais e por aquelas que estão em cadeira de rodas.

Além de embelezar a escola e tornarem os ambientes agradáveis, as crianças aprendem a cultivar diferentes espécies, preservá-las e entendem suas utilidades, no caso dos vegetais, que podem ser utilizados no preparo da merenda escolar.

A importância da ludicidade no ambiente escolar também foi levada ao tratamento de pisos internos e externos, com destaque aos externos, os quais receberam um acabamento colorido e formas orgânicas por razões funcionais e para atrair o olhar infantil. Cores e formas conduzem circulações e impulsionam a criatividade das crianças a criar brincadeiras e, portanto, interagem entre si, em um ambiente em que todos terão acesso e que, em meio a tantos atrativos, diferenças físicas passarão despercebidas.



**UFSM**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE EXPRESSÃO GRÁFICA  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ENGENHARIA CIVIL

Santa Maria - Rio Grande do Sul - Brasil  
Agosto de 2012

ESCOLA PARA TODOS  
CABO VERDE - AFRICA



### DOCENTES:

Coordenação do Projeto de Estúdio:  
Prof. Dra. Arq. Tati Maria Pezzini Alves  
Coordenação:  
Prof. Msc. Arq. Carlos André Soares Freije  
Arq. Giuliane Pereira Melo  
Colaboração e Responsabilidade Técnica:  
Prof. Dr. Eng. Civil Eduardo Ribeiro  
Colaborador:  
Eng. CIVIL Fabiana Rezende

### ACADÊMICOS:

Coordenação do Projeto Arquitetônico:  
Lúcia Oliveira Barros  
Site - coordenação do Projeto Arquitetônico:  
Rejane Scatena de Almeida  
Sílvia Farias  
Criação das Logomarcas:  
Lúcia Oliveira Barros  
Francisco Cruz DE RE

### ACADÊMICOS AUTORES:

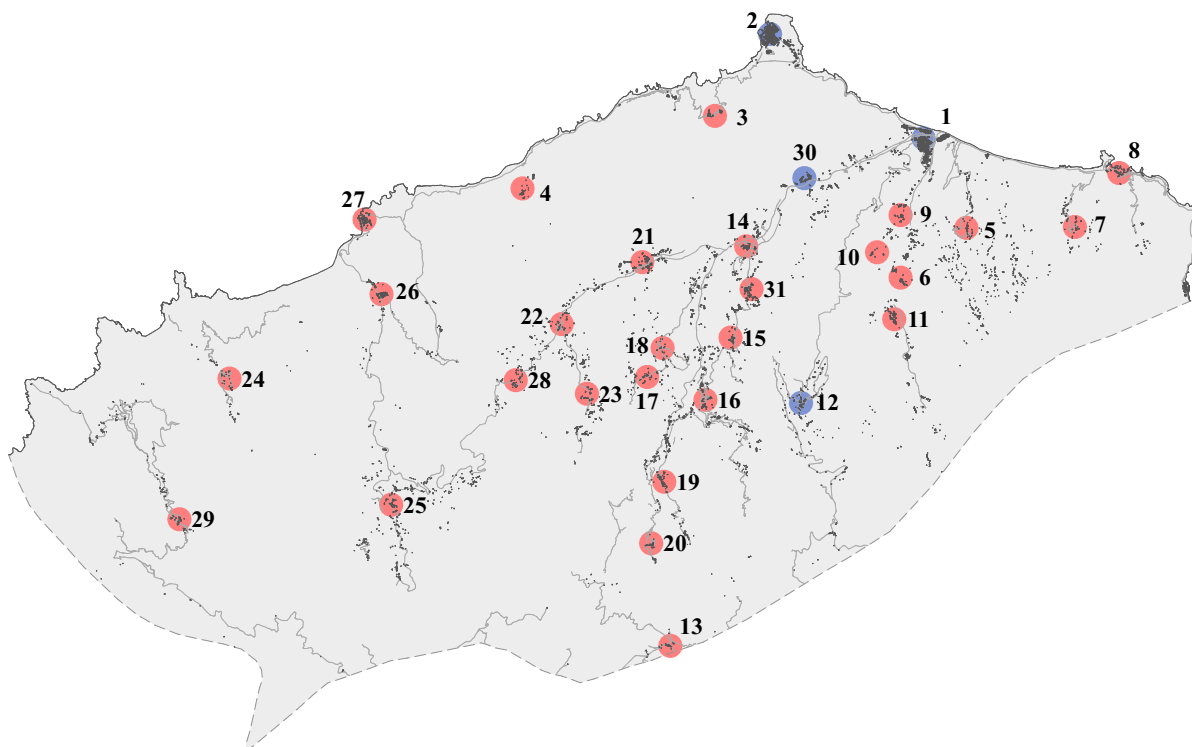
Curso de Arquitetura e Urbanismo:  
Ana Júlia Brito dos Santos  
Larissa Kratner Rigos  
Colaborador:  
Francisco Cruz DE RE

FRANCHA

**A 04.26**

PROJETO ARQUITETÔNICO  
PLANTA BAIXA  
SOLUÇÃO PROJETUAL  
PERSPECTIVAS EXTERNAS

## 5. Planta de localização das escolas primárias pertencentes ao concelho de Ribeira Grande, Santo Antão.



- |   |   |
|---|---|
| 1 - Escola Primária Roberto Duarte Silva    | 17 - Escola Primária de Ribeirão              |
| 2 - Escola Primária de Ponta do Sol         | 18 - Escola Primária de Chã de Pedras         |
| 3 - Escola Primária de Fontainhas           | 19 - Escola Primária de Pia de Cima           |
| 4 - Escola Primária de Formiguinhas         | 20 - Escola Primária de Aguada                |
| 5 - Escola Primária de Pinhão               | 21 - Escola Primária de Boca de Coruja        |
| 6 - Escola Primária de Monte Joana          | 22 - Escola Primária de Boca de Ambas Ribeira |
| 7 - Escola Primária de Lombo Branco         | 23 - Escola Primária de Caibros               |
| 8 - Escola Primária de Sinagoga             | 24 - Escola Primária de Cabeçada de Garça     |
| 9 - Escola Primária de Lugar de Guene       | 25 - Escola Primária de Manta Velha           |
| 10 - Escola Primária de Fajã Domingas Benta | 26 - Escola Primária de Chã de Igreja         |
| 11 - Escola Primária de Lombo de Beatriz    | 27 - Escola Primária de Cruzinha              |
| 12 - Escola Primária de Corda               | 28 - Escola Primária de Ribeira Alta*         |
| 13 - Escola Primária de Lagoa               | 29 - Escola Primária de Figueiras             |
| 14 - Escola Primária de Coculi*             | 30 - Escola Primária de Tanque                |
| 15 - Escola Primária de Figueiral           | 31 - Escola Primária de Boca de Figueiral     |
| 16 - Escola Primária de João Afonso         |   |

\* Não têm elementos gráficos.

Fig.10: Planta de localização das Escolas Primárias pertencentes ao Concelho de Ribeira Grande. ( Produção do autor).

(Fonte: Gabinete Técnico da Câmara Municipal da R<sup>a</sup> Grande).



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



29



30



31



